

PREFÁCIO DE
TIM KELLER

CONECTADOS



*Relacionando sua fé com o
que você assiste, lê e ouve*

DANIEL STRANGE



Um desafio claro e prático no engajamento à pregação do evangelho em nossa cultura. Inspirador e bíblico. Compre *Conectados: relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve* e aplique as verdades dessas páginas ao contexto do seu dia a dia.

Gavin Calver, diretor de missão na Evangelical Alliance e chefe de Spring Harvest

Sem comprometer a profundidade ou a nuance, Daniel Strange torna o engajamento cultural acessível ao leigo. *Conectados: relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve* é uma leitura divertida e que percorre diversas paisagens culturais. E mais, ele mostra como cada uma dessas paisagens trazem consigo desafios teológicos e como podemos responder enquanto cristãos, de modo cativante e gracioso, sem sermos ríspidos e herméticos.

Ted Turnau, autor de *Popologetics*

Seja qual for o seu pensamento acerca da relação entre o cristianismo e a cultura, encorajo-o a ouvir a contribuição brilhante de Daniel a essa temática.

Krish Kandiah, diretor fundador de Home for Good

Esse livro estimula o pensamento e a prática. Daniel Strange guia o leitor de forma habilidosa a uma jornada que o leva a confrontar e a se conectar com o que ele vê ao seu redor na mídia, no cinema e na televisão. Um livro muito necessário!

Nola Leach, chefe executiva de CARE

Um guia convincente, rico em conteúdo bíblico e muito prático quanto à relação entre o cristianismo e a cultura. Estou animado para colocá-lo nas mãos ou tablets das próximas gerações.

Mel Lacy, diretora de Growing Young Disciples

Nessa joia de livro, o experiente autor Daniel Strange consegue o que poucos conseguiriam. Ele processa para nós o difícil e complexo domínio dos estudos da cultura e o torna claro de forma natural. Acima de tudo, ele nos mostra por que devemos nos importar com o engajamento cultural e nos oferece recomendações cruciais sobre como fazer isso. Daniel faz tudo isso em uma escrita cheia de imaginação, invejavelmente lúcida, bem ambientada, sem ser demasiadamente pop. Será um texto a se explorar por muitos anos, talvez até por muitas décadas.

William Edgar, professor de Apologética pelo Westminster Theological Seminary, Philadelphia, Estados Unidos

Um olhar moderno, generoso e cheio de humor sobre como podemos nos engajar com a cultura de forma intencional, agradável e efetiva. Anos de reflexão e ensino sobre esse assunto tornaram Dan Strange capaz de refinar suas melhores percepções nesse livro pequeno, mas astuciosamente afiado e persuasivo. A igreja moderna precisa de ferramentas como essa. Recomendo essa obra com todo o meu coração.

Richard Cunningham, diretor de UCCF: The Cristian Unions

Dan Strange nos ajuda a “parar e pensar”: analisar tudo que vemos e ouvimos, e a fazê-lo por meio das lentes da Escritura. Este livro é projetado

para preparar essa geração do povo de Cristo a ter um engajamento fiel com a cultura ao nosso redor para a glória de Deus.

Sharon James, The Christian Institute

CONECTADOS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Strange, Daniel

Conectados : relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve / Daniel Strange ;
tradução de Larissa Medeiros Nobre. — São Paulo : Vida Nova, 2021.

192 p.

ISBN 978-65-5967-003-1

Título original: Plugged in

1. Bíblia - Estudo e ensino 2. Tecnologia - Aspectos religiosos - Cristianismo 3. Cristianismo e
cultura 4. Vida cristã I. Título II. Nobre, Larissa Medeiros

21-0956

CDD 261

Índices para catálogo sistemático

PREFÁCIO DE
TIM KELLER

CONECTADOS



Relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve

DANIEL STRANGE

TRADUÇÃO
LARISSA MEDEIROS NOBRE


VIDA NOVA

©2019, de Daniel Strange

Título original: *Plugged in: connecting your faith with what you watch, read, and play*,

edição publicada pela THE GOOD BOOK COMPANY (Epsom, Surrey, Reino Unido).

Imagem da p. 142: ©National Centre for Domestic Violence, 2018. Usada com permissão.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New International Version. *As citações bíblicas com indicação da versão in loco foram traduzidas diretamente da King James Version (KJV).*

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

EDIÇÃO DE TEXTO

Danny Charão

Marcia B. Medeiros

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Matheus Belmont Nobre

REVISÃO DE PROVAS

Abner Arrais

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Wesley Mendonça

LIVRO DIGITAL

Lucas Camargo

Dedicado a Bill (Edgar)
e a Ted (Turnau),
por serem ambos mentores e amigos nesta excelente aventura.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Prefácio, Timothy Keller

Introdução

1. O que é a cultura (e por que você deveria se importar)
2. A história da cultura
3. A cultura como história
4. “Posso assistir...?”
5. Confronte e conecte: a teoria
6. Confronte e conecte: na prática
7. Sua vez: engajamento cultural para discípulos

Aqui estão alguns exemplos

AGRADECIMENTOS

Este livro é fruto do que tenho ensinado no Oak Hill College e em outros lugares ao longo dos últimos catorze anos. Ensinar e aprender no contexto de uma comunidade cristã de residentes continua sendo uma maravilhosa alegria e privilégio. Então, para os alunos de Oak Hill, do passado e do presente, um enorme obrigado.

Agradeço em especial a Anja Lijcklama à Nijeholt, a Martyn Beardsley, a James Crooke e a Rosanne Jones por sua gentileza em permitirem que seus trabalhos em Oak Hill fossem usados como exemplos já desenvolvidos. Tenho muito orgulho em mostrar seus trabalhos.

Agradeço a Carl Laferton de The Good Book Company por ter feito o projeto andar, assim como por sua paciência quando isso não aconteceu. Agradeço à minha editora Rachel Jones por sua habilidosa caneta vermelha (ok, “alterações rastreadas”) que me mostrou todas as vezes que eu estava equivocado ao considerar que algo era “acessível”.

Agradeço a Noah por ler um rascunho inicial, juntamente com o restante da subcultura da família Strange, que continua a me desenvolver para melhor: Elly, Isaac, Micah, Hetty, Keturah, Ezra, Gideon e a vovó.

Soli Deo gloria.

PREFÁCIO

Certa vez ouvi meu professor contar uma história sobre Paul Tillich, um teólogo alemão que era muito proeminente nos círculos acadêmicos. Quando meu professor era um jovem acadêmico em um seminário dos Estados Unidos, recebeu a incumbência de moderar uma discussão após uma palestra pública dada por Tillich. Os alunos começaram a fazer perguntas, mas o palestrante convidado sempre reformulava completamente e “corrigia” a pergunta antes de respondê-la.

Finalmente meu professor tomou coragem e disse:

— Professor Tillich, essa não foi a pergunta do aluno. O senhor pode responder à pergunta que ele realmente fez?

A resposta foi rápida e esmorecedora:

— Não, porque eles não estão fazendo as perguntas certas.

Talvez isso fosse parcialmente verdade, meu professor concluiu, mas o resultado disso foi que os alunos se desligaram e rejeitaram Tillich.

Dan Strange sabe que cristãos contemporâneos se parecem muito com aquele palestrante ineficaz. Acreditamos que “Jesus é a resposta”, mas somos tão insensíveis às forças culturais ao nosso redor que muitas vezes o apresentamos como resposta a perguntas que as pessoas não fazem. Claro que, por causa do pecado, o ser humano falha em fazer a pergunta mais fundamental de todas: “Como posso, sendo um pecador, ser bom diante de um Deus santo e justo?”. E ainda assim, como Dan mostra neste livro, a imagem de Deus em todas as pessoas e a graça comum têm por implicação que as pessoas também fazem algumas perguntas certas: “Quem sou eu?

Qual é o sentido da vida? Como posso encontrar verdadeira alegria e realização?”.

Toda cultura produz “contextos” — coisas para assistir, ler e jogar — com base nas respostas a essas grandes perguntas. Dan Strange nos mostra, do modo mais acessível que já vi, como fazer uma análise da cultura cristã. Isto é, ele nos ajuda a identificar as respostas culturais específicas a essas grandes perguntas, seja qual for o contexto. Então, ele mostra como avaliar essas respostas, mas também como reconhecer suas aspirações fundamentais, e finalmente, como redirecionar as pessoas a Cristo como o verdadeiro cumprimento daquilo que buscam e a verdadeira resposta às suas perguntas.

O método básico utilizado aqui foi elaborado por alguns missiólogos do século 20. O nome “cumprimento subversivo” descreve perfeitamente a abordagem. O cristão deve mostrar a pessoas de outras religiões e que tem outra cosmovisão que o evangelho cumpre os anseios e as aspirações mais fundamentais do ser humano, mas ao mesmo tempo devem condenar os falsos ídolos em todas as culturas nos quais as pessoas buscam encontrar a satisfação para tais anseios. O cumprimento subversivo evita os erros semelhantes do sincretismo e da irrelevância. O pecado não deve ser apenas denunciado de modo geral, mas também nas formas idólatras específicas encontradas na cultura. A salvação não deve apenas ser declarada de forma geral, mas também como aquela que preenche as próprias esperanças que a cultura erroneamente deposita em seus ídolos.

Em *Conectados: relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve*, Dan Strange toma esse método, traz para o século 21 e o torna admiravelmente aplicável para qualquer leitor. Dan mostra de forma convincente que essa é a maneira como Paulo pregava. Mas a abordagem

não é meramente uma estratégia para conversas evangelísticas (embora certamente seja isso). Dan mostra que ela é também uma maneira para o cristão entender o mundo em que vive e os contextos culturais que se achegam dia após dia, para que ele possa viver fielmente “no mundo, mas não ser do mundo”.

Mais do que isso, Dan faz um chamado para que o cumprimento subversivo permeie a abordagem de toda a nossa comunicação — na pregação pública e no ensino, no pastoreio pessoal, na instrução e nas conversas. Isso significa nunca martelar informações às pessoas dizendo “Eu estou certo e você está completamente errado”. Também não se trata apenas de uma maneira de mostrar como o evangelho é atual e relevante. Envolve respeitar e contradizer. Significa desafiar as pessoas, mas mostrá-las que seus esforços falham em seus próprios termos. E significa oferecer a elas, nos termos do evangelho, o que todo o coração humano precisa — um significado que nenhum sofrimento pode roubar; uma satisfação não baseada em circunstâncias; uma liberdade que não destrói o amor e a comunidade; uma identidade que não lhe escapa, não o esmaga nem o leva a excluir outros; uma base para justiça que não transforma você em um novo opressor; um alívio da vergonha e da culpa sem recorrer ao relativismo; e esperança que o capacita a enfrentar qualquer circunstância com serenidade, até mesmo a morte.

Existe, na atualidade, muitos livros que nos convocam a encontrar novas maneiras de conectar nossa apresentação do evangelho às necessidades e perguntas das pessoas em uma sociedade secular e pluralista. E existe muitos outros livros que nos chamam a viver fielmente em uma cultura ocidental que deixou para trás o cristianismo, sem se nos afastarmos dela nem nos moldando a ela. Mas o livro de Dan, *Conectados*,

nos fala nos e mostra como fazer isso. Não existe realmente nada como o livro que está agora em suas mãos.

Timothy Keller

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo de constantes informações.

Pense no seu dia até agora. Minha manhã foi assim...

O alarme liga o rádio: ministro do governo é massacrado por sua política de educação.

Levar o cachorro para passear, fones de ouvido bem ajustados, escutando um podcast de crítica de filmes.

Fazer o lanche para as crianças levarem, o rádio tocando ao fundo, tentando evitar que sua filha mais nova ative a Alexa e ponha para tocar a música-tema de Power Rangers no volume mais alto, até quase sangrar os ouvidos. (Diga-me uma coisa: por que quando eu grito, “Alexa, pare”, ela não para, mas quando meus filhos dizem para ela parar, ela o faz imediatamente?)

Dar uma olhada no aplicativo de notícias: política, economia, esporte, economia, política.

Aplicativo do tempo: chuva.

Já estou acordado há 45 minutos e os meus sentidos foram submetidos a uma torrente de informações.

Especialistas em tecnologia declararam que a quantidade de informação registrada e gerada desde o aparecimento da humanidade até 2003 era na ordem de 5 exabytes de dados, sendo que um exabyte indica 1.000.000.000.000.000 bytes. De 2003 a 2010, nós geramos 5 exabytes a mais. Até 2018, 90% dos dados do mundo inteiro haviam sido gerados nos dois anos anteriores. Quando você considera que 400 horas de novos

vídeos são carregados no YouTube a cada minuto, essa nova realidade não surpreende. É uma quantidade grande demais de vídeos de pegadinhas para assistir.

CONTANDO HISTÓRIAS

Mas as pessoas não recebem as informações em bytes. Nosso smartphone pode estar baixando bytes de informação, mas nosso cérebro não — nossa mente e nosso coração operam por meio de histórias. Agora, quando falo de “histórias”, não me refiro aos tipos de história que lhe ensinaram a escrever na escola, com um começo, meio e fim (geralmente bem previsível). Essas histórias são todas as experiências, sentimentos, imaginação e ideias que comunicamos de um ser humano para outro. Nós as lemos em jornais, as assistimos no cinema, as escutamos sendo cantadas no rádio do carro, as vemos no Instagram, e as emolduramos em nossa casa.

Durante o tempo em que estamos acordados, estamos sempre assimilando e contando essas histórias culturais. Uma pesquisa recente mostrou que o cidadão americano comum consome mais de dez horas de mídia todos os dias. Acredita-se que você passará sete anos e meio da sua vida assistindo TV, e mais de 5 anos nas redes sociais. Mas existem muitas horas em um dia, certo? Não é de espantar quando dizem que a maior concorrente da Netflix não é outra empresa, mas a necessidade que o ser humano tem de dormir.

Mas, para a maioria de nós, essa infinitude de informações é assoberbante, pelo menos parte do tempo. Nos sentimos como o título daquela antiga música de 1940 por Rodgers e Hart: *Bewitched, bothered and bewildered* [Enfeitiçados, incomodados e perplexos]. Serviços de busca

nos deram acesso a mais informações do que a *Encyclopedia Britannica* jamais poderia dar (se você é jovem demais para saber o que é isso — pesquise no Google!), mas nunca estamos seguros de que temos a resposta certa.

Todas essas informações nos apresentam um problema: como sabemos o que é verdade? Então procuramos por uma autoridade em quem possamos confiar. No geral, a maioria das pessoas parece ter um desejo profundamente assentado de confiar em pessoas e instituições. Queremos que nossos atletas estejam livres de narcóticos e que aqueles responsáveis pelos esportistas não sucumbam a subornos. Alguns de nós lembram de forma nostálgica de quando as crianças podiam brincar nas ruas, e de quando podíamos comprar leite na loja da esquina sem ter de trancar a porta. Mas agora não dá para ler uma notícia online sem nos perguntarmos se é uma *fake news*. Parece que nosso tempo diário de exposição às redes sociais é ditado por algoritmos inteligentes ou por corporações perversas.

Para os cristãos, há ainda outra pergunta: como sabemos o que é *certo*? Como seguidores de Jesus, queremos pensar, falar e agir de forma que o honre. Queremos “pensar nas coisas do alto” (Cl 3.2), mas na realidade, na maior parte do tempo, nossa mente está imersa em um fluxo constante de histórias. O problema não é que essas histórias culturais sejam ruins em si mesmas e por si mesmas. Trata-se mais de estarmos mal preparados para saber o que fazer com elas. Como aquilo que assisto sábado à noite pode estar conectado com o que ouço no domingo pela manhã? Mal temos tempo para pensar sobre isso e a próxima programação começa automaticamente. Então, na maioria das vezes, não pensamos.

Não sou diferente, e ganho o meu sustento pensando nessas coisas. A ambiguidade moral está por todos os lados. Certo tempo atrás, li uma entrevista com Miley Cyrus, a estrela da Disney que se transformou em um ícone pop global. Por um lado li: “Estou aberta a literalmente qualquer coisa que seja consensual, que não envolva animais e em que todas as pessoas sejam maiores de idade. Tudo que é legal perante a lei, topo participar. Meu, eu encaro qualquer adulto — qualquer pessoa acima de 18 anos que esteja a fim de me amar. Ser homem ou mulher não é algo relevante para mim, e tampouco preciso exigir que meu parceiro se preocupe com isso.”. Porém, perto do fim da entrevista, ela começou a descrever seu projeto de caridade para com os sem-teto: “Não posso passar com meu [palavrão] Porsche e não fazer alguma [palavrão] coisa. Vejo isso o dia inteiro: pessoas em seus Bentleys e Rolls e nos seus Ubers, passando por esses [veteranos] que lutaram por nosso país ou por essas jovens mulheres que foram estupradas. Eu estava fazendo um show há dois dias... vestida como se eu fosse uma borboleta. Como pode ser assim? Como posso ser tão sortuda?”.¹

Qual é minha reação? Como concilio a filosofia sexual de Miley com seu senso de justiça social? Devo rir? Devo chorar? Devo simplesmente ficar em silêncio? Devo juntar todas as minhas reações anteriores? Ou talvez tudo o que eu consiga fazer seja usar o emoji: 😞

Um poema recente de Anthony Thwaite, que usa palavras antigas, parece expressar como a maioria de nós se sente. Ele descreve o poema como um “suspiro exausto de um homem velho”.

“Puxa vida.”

Quantas vezes eu disse essas palavras nesses últimos dias,
resmungando-as silenciosamente sob o meu respirar,

ou petulantemente enquanto o telefone toca,
ou chocado ao deparar-me com uma informação noticiada,
ou simplesmente como uma fórmula constante,
por coisas que passam diariamente, e somem
adentrando o nada onde a vida parece estar,
dia após dia, como se fosse algo incessante.
Suave demais para ser um palavrão, repetitivo demais
para ter distinção, mais suspiros do que gritos de raiva,
quantas vezes eu disse essas palavras nesses dias
e posso muito bem dizê-las até o dia de minha morte
quando tudo estiver gasto e duro pela idade
e eu não tenha nada mais a dizer a não ser “Por quê?”.²

Em resumo, quando olhamos ao nosso redor, talvez vejamos um poster na parede dizendo: “Mantenha a calma e siga em frente”, mas não somos exatamente calmos e está cada vez mais difícil seguir em frente.

TRÊS REAÇÕES

Se você é cristão há um tempo, então provavelmente já ouviu o velho clichê de que precisamos “estar no mundo, mas não ser do mundo”. Mas o que isso significa de fato? Ou então você ouviu o trecho de Paulo: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer um que pergunte qual é a razão da esperança que há em vocês” (1Pe 3.15), mas você está com medo que alguém de fato lhe pergunte, pois você não saberia o que responder. E se fosse alguém como a Miley?

Então, o que fazemos? Acho que muitos cristãos respondem à cultura com uma dessas três formas (e o restante de nós responde com uma

combinação das três).

Alguns de nós simplesmente querem “observar”. Enfiamos a cabeça na areia, entramos em nosso ajuntamento santo e em nossa bolha cristã, e a isso nos agarramos para ter uma vida preciosa. Tapamos os ouvidos para não ouvir o barulho lá fora e, ao mesmo tempo, cantamos juntos, em alto e bom som, uns para os outros, sobre o retorno iminente de Jesus, quando todas as coisas do mundo lá fora desaparecerão. Até lá, nos mantemos protegidos de influências mundanas lendo apenas romances Amish ou os lançamentos recentes do nosso pastor famoso preferido. Se estivéssemos fazendo terapia, isso seria chamado de reação de “fuga” santa.

Alguns de nós instintivamente “atacam”. Essa é nossa reação de “luta” santa. Ficamos muito ressentidos, nervosos e apontamos o dedo à cultura ao nosso redor. Ou simplesmente desaprovamos e viramos os olhos diante de cenas de sexo em filmes ou da linguagem obscena na TV. E em seu auge, nossa fé saudável no juízo, se transforma em julgamento odioso. Nossa proclamação das boas-novas de Jesus é ouvida como um discurso moralista. E então nos perguntamos por que as pessoas “lá fora” não querem estar conosco “aqui dentro”.

Por fim, alguns de nós acabam ficando “parecidos”. Qualquer que seja a motivação, nossa vida — e nosso modo de viver a cultura — não se diferencia da vida do vizinho ao lado, e nossa igreja acaba ficando não muito diferente do time de futebol local. Talvez seja uma boa intenção para manter-se “relevante”. Talvez seja uma reação contrária a julgamentos. Talvez seja simplesmente uma tolerância à nossa natureza pecaminosa. O quer que seja, temos dificuldade em sermos reconhecidos como “povo escolhido, sacerdócio real, nação santa, propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2.9). Tornamo-nos *experts* em nos conformar “ao padrão deste

mundo” mesmo que tenhamos sido claramente advertidos a não fazê-lo (Rm 12.2).

Observamos, atacamos ou nos assemelhamos: qual reação você está mais propenso a ter?

INTERAJA

Permita-me sugerir que há uma outra maneira — e é disso que trata este livro. Porque é possível estar verdadeiramente “no” mundo, em vez de “observá-lo”, sem ser “do” mundo e sem se parecer com ele.

É possível interagir com a cultura de uma maneira verdadeira e graciosa, não cheia de raiva e justiça própria.

É possível consumir a cultura sem ser enfeitiçado por ela — acreditando em tudo o que ela nos diz — ou sem deixar que ela nos confunda.

É possível assistir TV, ler romances e jogar vídeo games de uma maneira que realmente alimente nossa fé em vez de minguá-la.

É possível até que você — sim, você — seja aquela pessoa que comece conversando com um amigo sobre o jogo de futebol da noite passada e acabe falando de Jesus.

Este livro tem o propósito de prepará-lo para isso. Esta leitura vai ajudá-lo a assimilar as histórias culturais que você ouve todos os dias. Quero lhe dar a confiança para pensar e falar sobre a cultura de modo a conduzir as pessoas para uma realidade maior e melhor: a história do rei Jesus e seu plano cósmico para este mundo. Porque você não pode escapar da cultura. Mas você pode interagir com a cultura.

¹Disponível em:
<https://www.theguardian.com/music/2015/jun/10/miley-cyrus-idont-relate-to-being-boy-or-girl>.

²Anthony Thwaite, disponível em:
<https://www.spectator.co.uk/2015/06/oh-dear/>. Utilizado com permissão.

1

O QUE É A CULTURA (E POR QUE VOCÊ DEVERIA SE IMPORTAR)

Como você pode ter percebido pela capa, este livro trata da interação com a cultura. Mas o que é “cultura” exatamente? O termo é notoriamente de difícil definição e sua história é complicada.

Se você gosta de etimologia (o estudo das palavras e de suas origens), é útil saber que a palavra “cultura” em sua forma original tem três sentidos com raízes no latim. *Colere*, que refere-se a agricultura. Tem a ver com cultivar a terra para que ela produza. *Colonus*, que está ligado à ideia de habitar algo. E, finalmente, *cultus*, que se relaciona com honra e adoração. Guarde esses termos pois retornaremos a eles mais tarde.

Hoje, usamos o termo “cultura” de maneiras diferentes, principalmente como um reflexo da maneira como tem sido passado por meio de diversas disciplinas acadêmicas.

DEFINIÇÃO DAS ARTES

Vinda das artes e da literatura, a palavra “cultura” ainda está associada à ideia de gosto e bons modos. É sobre *ser* “culto”. Desse modo, Rupert (ou “Rups”), que passeia por Oxford em um piquenique regado a Pimm’s, lendo P. G. Wodehouse em voz alta a seus amigos, antes de jogar cricket e

então passar a noite na ópera, está sendo culto. Garry (ou “Gaz”), que vai bater uma bolinha no parque e depois passear pela orla marítima, ao extremo sul, com seu Ford Escort, para pegar um kebab e uma garota do clube noturno Tots, *não* está sendo culto: ele é inculto! Por essa definição, cultura tem um senso definido de “dever”: há coisas que pertencem à cultura, e outras coisas que definitivamente não pertencem.

É claro, se você está lendo isso e não é britânico, então essas definições de Rups e Gaz podem não ter feito muito sentido para você, porque você tem uma... digamos assim, *cultura* diferente. Isso nos leva a nossa próxima definição.

DEFINIÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Então as ciências sociais tomaram posse. Aqui, a definição de “cultura” é menos elitista e mais ampla em seu abrangência. Todos os seres humanos *pertencem* a uma cultura, e toda cultura traz sua própria contribuição. Além disso, cultura não se refere a apenas uma parte de nossa existência, como as artes. Em vez disso, refere-se a cada atividade e artefato que o homem cria — tanto de forma individual quanto nas comunidades e nas sociedades — o que lhe dá ordem, identidade e significado. É tudo, desde música e história, até o que você come e o que veste (e quando veste); do que acontece em um casamento até o fato de ser socialmente aceitável ou não assobiar na rua. Ela cobre o comum e o diário. Embora não seja tão elitista quanto a definição cultural de “artes”, segundo a visão das “ciências sociais”, era e continua sendo possível dizer que algumas culturas têm mais a contribuir para a existência da humanidade do que outras. Pode se distinguir entre culturas “primitivas” ou “avançadas”, ou entre culturas

“elevadas” ou “populares”. É claro, tais distinções suscitam o debate e podem ser controversas.

Por exemplo, dimensione sua reação a um comentário de 1850 do general Charles James Napier em nosso atual contexto cultural. Sendo um chefe de comando das forças britânicas na Índia Colonial, ele disse isto, quando sacerdotes hindus reclamaram sobre o banimento do ritual chamado de *sati*, a prática de queimar viúvas vivas nas piras do funeral de seus maridos:

Que assim seja. Queimar as viúvas é o costume de vocês: preparem a pira do funeral. Mas minha nação também tem um costume. Quando homens queimam mulheres vivas, nós os enforcamos e confiscamos suas propriedades. Meus carpinteiros construirão forcas para enforcar tais homens quando as viúvas forem consumidas pelo fogo. Vamos todos agir conforme os costumes nacionais.¹

É seguro dizer que nenhum porta-voz de Gabinete do Exterior diria isso nos dias de hoje. Nossa reação ao general Napier demonstra mudanças nas sensibilidades culturais nos 160 anos transcorridos. Parecemos estar muito mais relutantes agora em fazer *prescrições* sobre práticas culturais — ou seja, julgar se algo é certo ou errado. Ao invés disso, preferimos permanecer nas *descrições* das práticas culturais, que não carregam nenhum valor de julgamento. Essa é a maneira de fazer as coisas de acordo com a ciência social. Porém, essa suposta neutralidade ofende, sim, nossa experiência diária e nossos instintos naturais. Dizemos, “não queremos julgar” e “cada um com seus problemas”, mas no fundo, não achamos fácil separar fatos e valores. Algo dentro de nós quer dar uma opinião sobre o *sati* (ou dar uma opinião sobre a opinião de Napier sobre o *sati*!).

DEFINIÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS

Nos últimos cinquenta anos, os “estudos culturais” tornaram-se uma disciplina acadêmica por si só. É uma área bem complexa que avança em vários outros tipos de estudos, mais notavelmente na semiótica: o estudo de sinais e símbolos e como interpretá-los. Os estudos culturais estão interessados nos assuntos de poder e política, e como estes se relacionam com etnia, classe, idade e gênero.

Parte do motivo pelo qual são complexos, é pelo reconhecimento de que as culturas não são “coisas” estáticas, fixas ou separadas, mas, sim, fluidas, em desenvolvimento e interconectadas. É algo confuso e desordenado, pois o mundo é confuso e desordenado. A cultura e os estudos culturais referem-se à identidade — como ela é definida e, mais importante, por quem. E teóricos culturais usam todos os tipos de termos complicados, dos quais você só ouviu falar se brincou de palavras cruzadas. Porém, de forma incômoda, elas parecem descrever nosso mundo e nosso estado de espírito.

Refere-se ao nosso mundo “glocal”: reconhecer as influências globais e locais. Refere-se a “hibridização”: reconhecer que parecemos ser feitos de uma mistura de identidades culturais. Refere-se ao “limiar”: a desorientação de viver em meio a mudanças culturais — na lacuna “entre” onde estamos e para onde vamos.

É como o McDonald’s, que está no mundo todo, mas que vende cerveja em alguns países e em outros não. É como termos fileiras de bufê livre com muitas comidas de cozinhas internacionais, mas sem as bordas de proteção para incentivar o consumo em massa. Foi o rap e o hip-hop que originaram o álbum *Straight outta Compton*, mas, ainda assim, alcançaram o mundo inteiro e inspiraram o rap britânico, francês, entre outros. Tudo isso está

transformando o velho em novo mais uma vez. É *Guerra nas estrelas: o despertar da força*. É a música eletrônica e a volta dos discos de vinil. É ser retrô — meus filhos querendo usar camisetas que eu usava na década de 1980. Mas o estranho é que, quanto mais identidades parecemos colecionar, menos certeza temos de quem somos.

DEFINIÇÃO DAS HISTÓRIAS

Vemos elementos de verdade nessas três definições. Mas, ao vermos o que a Bíblia diz sobre cultura nos capítulos seguintes, quero sugerir uma forma mais útil de moldar nosso pensamento. Em vez de enxergar a cultura como “algo”, pensaremos na cultura como a maneira pela qual vivemos no mundo e interpretamos o que está a nosso redor. Para os propósitos deste livro, definiremos cultura assim:

Cultura são as histórias que contamos e que expressam significado acerca do mundo.

Ressalto a seguir dois pontos.

Primeiro, cultura expressa significado. É a maneira como damos significado e sentido para o mundo, mesmo que nossa conclusão seja de que não há sentido algum. Cultura é a maneira como comunicamos e “vivemos” nossa cosmovisão — o que é importante, o que é certo e errado, o que é verdade e como podemos saber isso, e como ser feliz. E é aqui onde a definição começa a ficar confusa, pois quando um grupo de pessoas compartilham a mesma cosmovisão, tendemos a chamar isso de “cultura” também (como na cultura britânica ou japonesa). A “cultura da cosmovisão” é primariamente expressa por meio de histórias sociais que

contamos e as histórias que escutamos, elas lentamente moldam nossa cosmovisão.

Por exemplo, algumas culturas têm raízes que priorizam o indivíduo acima da comunidade e vice-versa. Ou então, no Reino Unido, a maioria de nós espera um serviço de saúde administrado pelo governo que corresponda às necessidades de todos, que esteja disponível quando precisarmos e que seja baseado na necessidade clínica, e não na capacidade de pagamento — as celebrações dos setenta anos do Serviço de Saúde Nacional refletiram e reforçaram seu papel como tesouro nacional. Porém, essa definição certamente não é a de sistemas de saúde de outras culturas, tampouco é universalmente aceito como algo a ser aspirado!

Em segundo lugar, cultura trata de histórias. Algumas histórias usam palavras; outras não. Algumas histórias são fictícias; outras são factuais. Algumas histórias são longas; outras têm 140 caracteres.

Então, seu romance favorito tem um enredo com personagens que se desentendem, fazem as pazes e ficam juntos. Mas essa história expressa um significado sobre nosso mundo — o enredo comunica algo sobre o que pensam os criadores, o que acreditam ser heroico, desprezível e o que é realmente valioso. Assim como os filmes *Trainspotting* e *Titanic*, as canções *Sweet child o'mine* e *Single ladies*, a obra *Pride and prejudice* [Orgulho e preconceito] e o reality show *Real housewives of Orange County*, o Messenger, do Facebook e Mario Kart, *My bed*, de Tracy Emin e *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, os noticiários Buzzfeed e BBC News. Todos estes — de uma maneira ou outra — estão contando histórias que expressam significado sobre o mundo ao nosso redor.

Iremos explorar essa definição dentro contexto do enredo bíblico nos próximos dois capítulos, mas antes disso, vamos parar para considerar uma outra pergunta: por que os cristãos devem se importar em interagir com a cultura?

QUATRO RAZÕES POR QUE DEVEMOS NOS IMPORTAR COM A CULTURA

Certamente, levando em consideração que você escolheu este livro e o está lendo até agora, está claro que você de fato se importa com a cultura em alguma extensão. Mas apenas na hipótese de que você precise ser convencido, deixe-me apresentar-lhe quatro razões por que nós, como cristãos, devemos procurar interagir com ela — em vez de observá-la, atacá-la ou nos assemelharmos a ela.

Retornaremos a muitos desses termos nos próximos capítulos, mas considere isso um resumo rápido de onde vamos chegar e por quê.

1. Nós nos importamos porque não temos outra opção

Vamos logo ao ponto: não temos outra opção a não ser a interação com a cultura. Quer gostemos, quer não, a interação com a cultura é inevitável porque o ser humano criado é um ser cultural. Você consome e cria cultura todos os dias. Não pode evitar isso. Mas você também *pertence* à cultura — e isso é uma parte inegável de quem você é.

Como cristãos, nossa identidade é primeira e principalmente como povo que está “em Cristo”. Mas essa realidade espiritual não anula nossa realidade terrena de que todos viemos de algum lugar. Todos nascemos em uma determinada época e em um determinado lugar, em uma

determinada família. Todos temos nossa própria identidade que expressamos nas histórias que criamos, e um conjunto de histórias culturais com as quais crescemos e que formaram nossa identidade.

Tenho quarenta e poucos anos, 95 kg, 1,88 m, sou etnicamente um homem meio branco/meio indo-guianense, nascido em Southend-on-Sea, em Essex, convertido através de uma organização de jovens intitulada *Boys brigade* [Brigada de meninos]. Sou casado, tenho muitos filhos, dou aula em uma faculdade de Teologia, torço para o West Halm Football Club e sou um aficionado por jazz e música clássica. Tudo isso faz diferença na forma como ouço as outras pessoas e na forma como sou ouvido pelas pessoas, apesar de estar primeiramente e principalmente “em Cristo”.

E faz diferença na forma como leio a Bíblia, como comunico o evangelho e no que faço quando me reúno com outros cristãos como igreja. Por exemplo, na minha igreja, nos reunimos no domingo pela manhã, sento-me em uma cadeira ao lado de minha esposa e mantenho meus sapatos calçados durante o culto. Mas se minha igreja fosse em Lahore, em vez de Londres, as coisas seriam bem diferentes! Ou pense no exemplo que dei antes sobre a provisão de assistência médica. Você consegue imaginar as diferentes questões que poderiam ser levantadas e quais decisões poderiam ter de ser tomadas por uma igreja local e sua liderança em um país onde o Estado provê assistência médica e um país onde não isso não acontece?

Nenhum de nós pode fugir de nossa cultura quando nos aproximamos da Bíblia — todos nós a enxergamos através de um filtro cultural específico, como lentes coloridas em um par de óculos. Como um dos meus heróis cristãos, o teólogo holandês Herman Bavinck disse:

Toda vez que o evangelho é pregado em uma língua diferente, para um povo diferente, ele deve traduzir uma variedade de palavras e trazer a elas um novo conteúdo. O evangelho não encontra em lugar algum do mundo uma linguagem pronta que se ajusta completa e absolutamente como uma túnica.²

O evangelho não se “ajusta” a uma cultura específica — ele é maior que ela. Mas eu, é claro, tenho a tendência de achar que a melhor forma do evangelho é em inglês e para a classe média; que a maneira como fazemos as coisas juntos, como cristãos, é como deve ser e como sempre foi. Ou pressuponho que estou acima da cultura, e que o meu entorno não me afeta. Essa falta de autopercepção cultural pode me levar, e de fato me leva, a ter problemas, especialmente quando se trata de trabalhar e adorar juntamente com outros cristãos, de outros contextos. Se não penso cuidadosamente sobre a cultura, não consigo discernir se confundo o evangelho e a cultura, se me tornei muito rígido ou muito flexível.

Por favor, não me entenda mal. O evangelho não é tão fluido culturalmente a ponto de deixar de ter algum significado. Deus se revela verdadeira e claramente. Ele não está situado na cultura ou limitado por ela. Ele é o Criador sem igual e distinto de tudo o que é criado. Então, apesar de nenhum cristão ser capaz de *comunicar* a verdade do evangelho de uma forma que não seja influenciada pela cultura, essa *verdade* em si *pode estar* acima e além da cultura.

Não podemos escapar de nossa cultura, então precisamos estar cientes dela. Mas há mais do que isso: podemos e devemos abraçá-la, porque reconhecemos e celebramos a maravilhosa combinação da unidade cultural cristã, que não é uma uniformidade branda, e da diversidade cultural cristã, que não é uma divisão odiosa.

Nossas reuniões de almoço mensais após o culto, onde cada um traz um prato, ao leste de Finchley, são uma incrível e vertiginosa mistura de pratos de todos os lugares do mundo, que refletem as nacionalidades de nossa igreja: Índia Oeste, Nigéria, Malásia, Indonésia, Irã e Reino Unido são alguns dos países. Pode ser que usemos roupas um pouco diferentes uns dos outros aos domingos. O inglês pode não ser a primeira língua de uma pessoa, então algumas coisas podem se perder na tradução. Nossos gostos musicais podem ser bem diferentes. Mas por sermos irmãos e irmãs em Cristo, ainda podemos adorar nosso Salvador lado a lado — e isso é lindo. De fato, como um pastor amigo meu diz, levando em consideração esse sentido, a igreja deve ser uma demonstração do novo céu e da nova terra.

2. Nós nos importamos em seguir a Jesus

Em segundo lugar, interagimos com a cultura porque queremos seguir a Jesus fielmente enquanto vivemos neste mundo. E viver neste mundo, em parte, envolve o consumo da cultura e a criação da cultura. Vamos ver cada um desses separadamente.

Primeiro, queremos ser fiéis a Cristo ao consumirmos a cultura. Quando o apóstolo João escreveu sua primeira carta aos cristãos na Ásia, a última coisa que ele queria que seu público ouvisse, enquanto a carta era lida, era isto: “Filhinhos, abstenham-se dos ídolos” (1Jo 5.21). Teremos mais coisas a dizer sobre a idolatria mais à frente, mas por ora, vamos definir os ídolos como falsos deuses substitutos que capturaram nosso coração, quando nosso coração deveria ser capturado por Jesus. Para nos mantermos livres dos ídolos, precisamos saber reconhecê-los e saber como eles atuam. Isso é algo mais fácil de dizer do que de fazer. Acho que muitas vezes somos como o indivíduo que, ao ver uma placa dizendo “Cuidado,

batedores de carteiras atuam nesta área”, decide colocar sua carteira no bolso traseiro porque tem certeza de que sentirá algo se tentarem roubá-la. Afinal, ele tem boa sensibilidade ali. Você já sabe como essa história termina...

Assim como os batedores de carteiras, os ídolos são difíceis de reconhecer. A idolatria é sutil porque Satanás é astuto e sagaz. Os ídolos não nos abordam com um sinal luminoso na testa, dizendo “Eu sou um ídolo: mantenha-se longe de mim”. Não, os ídolos são falsos deuses substitutos — e quanto melhor a falsidade, mais difícil é reconhecê-los. A maioria de nós sabe se manter longe dos ídolos mais conhecidos, como o dinheiro e o sexo. E em nossas igrejas, estamos melhorando ao falar mais sobre “ídolos profundos”, como o poder, o conforto, a aprovação e o controle. Mas penso que quando se trata de ídolos *culturais*, somos muito insensíveis, em parte por aquilo que eu já disse anteriormente: ou pensamos que a cultura não importa, ou pensamos que não somos seres culturais. O problema é que a cultura é abrangente: não há como escapar.

Você tem tido sucesso em se manter longe de ídolos em sua lista de escolhas? Na sua escolha de escola para seus filhos? Sobre a sua escolha de programa de televisão para esta noite? Sobre tudo que você faz nas horas de sua vida em que não está fazendo “coisas da igreja”?

Porém, ainda há mais. O que eu disse até agora pode ter soado passivo, defensivo ou reativo. Também precisamos reconhecer que, como seres humanos, somos projetados para criar e construir a cultura. Manter-nos longe dos ídolos exige que coloquemos outra coisa em seu lugar, porque nosso coração é programado para adorar a *algo*. Veremos mais sobre isso no próximo capítulo.

3. Nós nos importamos em falar sobre Jesus para outras pessoas

Interagimos com a cultura porque nos importamos com o evangelismo e a apologética. Certamente é verdade que a descrença é 100% uma questão espiritual; ninguém se torna cristão a não ser que o Espírito Santo milagrosamente torne vivo um coração morto. No entanto, o Espírito Santo atua através de canais. Olhe para as palavras usadas para descrever o evangelismo do apóstolo Paulo no livro de Atos:

Saulo, porém, fortalecia-se cada vez mais e confundia os judeus que habitavam em Damasco, provando que Jesus é o Cristo (9.22).

Ele debatia todos os sábados na sinagoga tentando convencer judeus e gregos (18.4).

Assim, Paulo entrou na sinagoga e, durante três meses, falava-lhes com ousadia, argumentando e convencendo os judeus acerca do reino de Deus (19.8).

Paulo dependia completamente da pessoa e da obra do Espírito Santo, e mesmo assim, ele ainda fundamentava, argumentava e provava.

Vamos ver o que isso não significa. Fundamentar, mostrando o raciocínio lógico, não significa ser “racionalista”: colocando a razão como o nosso maior juiz ou autoridade. Deus falando através de sua Palavra é nossa derradeira autoridade. Argumentar não significa ser “argumentativo” como personagens em um *talk show* de televisão.

Mas todo cristão é chamado a dizer qual é a razão de sua esperança (1Pe 3.15). Isso não é meramente um exercício intelectual, como se fôssemos pensadores insensíveis. Nem é uma esperança vaga e flutuante

de um “talvez”. É uma “esperança viva” e confiante (1Pe 1.3). É o tipo de esperança que une tudo o que somos: emoções, intelecto, vontade, desejo e imaginação. Somos pessoas completas falando com outras pessoas completas e apresentando-lhes não uma filosofia ou cosmovisão, ou até uma mensagem (apesar de o evangelho ser essas três coisas), mas uma pessoa. A tradução antiga da KJV de Atos 8.35, capta bem isso:

Então Filipe abriu a boca, começou pelo mesmo texto da Escritura e falou-lhe de Jesus.

Mas o que isso tudo tem a ver com a interação cultural?

O fato é que o pecado e a descrença se manifestam de formas diferentes em culturas e subculturas diferentes. Acadêmicos chamam isso de “estrutura de plausibilidade” — essencialmente, uma cosmovisão:

A estrutura de plausibilidade é uma rede de crenças tão enraizadas nos corações e mentes da maioria das pessoas de uma sociedade, que as pessoas se apegam a ela de forma inconsciente ou tão firmemente, que não lhes ocorre perguntar se é verdadeira... Uma das principais funções da estrutura de plausibilidade é providenciar o pano de fundo de crenças que transformam argumentos em coisas fáceis ou difíceis de aceitar.³

Você não precisa ser um acadêmico para entender isso. Vivenciamos isso todos os dias. As boas-novas do evangelho de Jesus Cristo são profundamente *implausíveis* em nossa atual cultura. As pessoas não passaram uma quantidade infinita de horas estudando o cristianismo e decidiram que não é algo para eles. Elas não tiveram necessariamente uma má experiência com cristãos no passado, que as afastou (apesar de que

isso já aconteceu com alguns). Ao invés disso, o ar cultural que elas respiraram durante a vida toda é que as moldou a presumir que o cristianismo é irrelevante, não verdadeiro e intolerável. Por essa razão muitas vezes encontramos muros em nos nossos esforços evangelísticos e ficamos coçando a cabeça para tentar descobrir como podemos chegar no primeiro passo de aproximação com essas pessoas. Nossa cultura é tal, que Jesus está tão para trás na agenda das pessoas, que ele nem é uma opção a ser considerada, muito menos a ser aceita.

Essa mudança cultural na temperatura do ar afeta a forma como fazemos evangelismo. Em 1989, com outras 29 mil, pessoas, eu me sentei no estádio de futebol americano, Crystal Palace, na primeira fileira, para ouvir Billy Graham pregar sobre a riqueza de Salomão. Se acho que vou me engajar com esse tipo de evangelismo novamente em minha vida? Tristemente, a resposta é não. Em todos os jogos em casa do West Ham, enquanto milhares chegavam no estádio de Londres, passamos por um homem em pé, em cima de uma caixa, gritando versículos bíblicos em um megafone. Se já vi alguém se engajar com esse homem de alguma forma? Tristemente, a resposta é não. Estou negando a fé desse homem ou o poder do Espírito Santo se penso que há outras maneiras mais efetivas de proclamar o evangelho?

Colocando de outra forma, e sendo um pouco irreverente, queremos ajudar as pessoas a conhecerem o Jesus Cristo VIP, mas há esses grandes brutamontes no meio do caminho, todos carecas e com tatuagens no pescoço. Até que possamos passar por eles, introduções a Jesus não podem ser feitas. *E para sabermos com precisão o que são esses “brutamontes” precisamos recorrer à cultura da pessoa.*

Vou ilustrar.

Quando estou dando aula sobre coisas da cultura, às vezes finjo que sou Derren Brown, um ilusionista que lê mentes na TV, pois posso imaginar as objeções que os amigos não cristãos da plateia têm. Mas na verdade isso não é uma real habilidade de ler mentes: é baseado no princípio de que, falando de modo genérico, “gosto de pessoas que são parecidas comigo” (o que significa que a maioria dos meus amigos acaba sendo como sou). Então, em um local onde há cristãos majoritariamente brancos e de classe média, sei que as objeções de seus amigos serão coisas ligadas a ciência, milagres, maldade, hipocrisia religiosa, sexualidade e por aí vai. Estou assustadoramente certo.

Eis aqui um ponto importante: sei que se eu falasse para um grupo de pessoas de orientação muçulmana, seus amigos fariam uma série de outras objeções. Nunca ouvi um homem branco britânico, da classe média, dizer que o cristianismo não pode ser verdadeiro por causa da política externa dos Estados Unidos!

Então, para tornar o evangelho atraente para nossos amigos — para dar a eles uma “razão” que julguem plausível — precisamos entender exatamente as pressuposições que têm e como podemos contorná-las. E para identificar o que pressupõem, precisamos entender sua visão de mundo.

E como podemos decifrar qual é a cosmovisão de alguém? Olhando para as histórias culturais que consomem e criam.

Como um exemplo, pode ser útil pensar no que talvez seja a cosmovisão mais disseminada que encontramos no mundo ocidental hoje: o secularismo. A palavra “secular” é notoriamente difícil de definir, e os acadêmicos (sim, eles novamente!) passam muito tempo argumentando sobre seu significado. Mas a melhor análise que encontrei, diz que o

secularismo dos nossos dias não se recusa tanto a ir à igreja, nem questiona se a religião deve estar presente na esfera pública ou envolver-se na política. Nossa era secular não se foca tanto naquilo que as pessoas acreditam ou deixam de acreditar, mas, sim, no que é *acreditável*. Tem a ver com acreditabilidade. O cristianismo, e a religião em geral, é questionado e contestado de uma forma que não era há centenas de anos atrás. Agora, ele simplesmente é uma opção entre muitas igualmente contestadas, e *isso inclui o ateísmo*. Cada opção tem suas forças e fraquezas, e acabamos ficando paralisados como um animal ao deparar-se com o farol de um carro.

Como resultado, uma das características da nossa cultura secular é que as pessoas ficam desorientadas e enfermas com facilidade. É o equivalente espiritual de procurar pelo melhor restaurante da nossa cidade na internet e descobrir que há dez possibilidades. Cada um deles tem pelo menos uma avaliação de uma estrela. Como resultado, nos tornamos perpetuamente incertos e cada vez mais ansiosos, ou como um filósofo descreve, “fragilizados”.⁴

Parte disso diz respeito à confiança. Sabemos que a vida viceja quando há confiança; queremos confiar nas pessoas e ficamos nostálgicos ao lembrar dos dias em que os pais podiam deixar as crianças brincarem na rua. Porém, somos sempre confrontados com histórias de adultos e autoridades que fraudam a confiança. Sabemos que nos decepçamos e nos perguntamos se podemos confiar em alguém. Como resultado, acabamos com uma confiança protegida: ficamos obcecados com segurança e proteção (quando estatisticamente, estamos mais seguros que nunca), sempre alertas à perda de confiança e ansiando por uma verdadeira confiança. Não é confortável estar nesse contexto. É claro,

existem aqueles dispostos a lucrar com a falta de confiança dessa cultura. Você tem assistido recentemente às propagandas no intervalo de programas infantis? Há tantos comerciais de brinquedos quanto há para seguros ou serviços de advogados perguntando se você sofreu algum acidente com a promessa de compensação (se não ganhar não precisa pagar, é claro!).

É importante notar que essa sensação de desorientação não está presente apenas naqueles fora da igreja. Quer gostemos, quer não, o secularismo é a moldura da descrença *e da crença*: todos vivemos na era secular. *Mesmo sendo cristãos*, inalamos essa visão de mundo ao consumirmos a cultura dia após dia. Por exemplo, como decidimos confiar (ou não confiar) no ensino de um pastor em um mundo de um milhão de podcasts? Precisamos ser honestos e desviar nosso pensamento que enxerga o “secular” como algo que está simplesmente “lá fora”, e passar a entendê-lo como o contexto cultural em que, dentro dele, seguimos a Cristo e falamos sobre ele aos outros.

Porém, há esperança. Esses brutamontes sobre os quais tenho falado, são como o típico valentão da escola. Eles têm boa lábia, mas é isso o que eles fazem: só falam. Espete a barriga deles e eles vão murchar. O motivo? Falando de forma geral, muitos não cristãos tomam por certo suas objeções, sem nunca ao menos questioná-las mais profundamente. Um cutucão e uma espetada mostrarão isso.

Para cada ateu apaixonado como Richard Dawkins ou por Stephen Fry, há multidões daqueles que podem se chamar de ateístas ou agnósticos, mas que não conseguem aceitar completamente que essa “vida debaixo do sol” é tudo o que existe: aqueles que não têm tempo para o cristianismo, mas que ainda querem acreditar em significado, propósito,

amor, e até em transcendência — um nível espiritual que vai além do que podemos ver. Aqueles que leem diariamente seus horóscopos ou falam sobre o que estava destinado ou não a acontecer. Aqueles que podem até ser chamados de “religiosos”, porque estão certamente adorando a *algo*.

Isso está resumido na comovente abertura do livro de Julian Barnes, *Nothing to be frightened of* [Nada a temer]: “Não acredito em Deus, mas sinto falta dele”.

Em uma cultura em que muitas vezes pensamos que ninguém está interessado em nossa mensagem, temos, na verdade, uma forma de entrar com o evangelismo. Mas precisamos saber para onde olhar.

4. Jesus é importante para nós!

Nossa última razão talvez seja a mais importante. Talvez deveria ter sido a primeiro da lista. Nós interagimos com a cultura porque Jesus é importante para nós.

Quem é Jesus Cristo? É a ele que “toda autoridade foi concedida no céu e na terra” (Mt 28.18). Ele é tanto *nosso* Senhor quanto Senhor do universo. O teólogo e primeiro ministro dinamarquês Abraham Kuyper acertou quando disse: “Não há sequer um centímetro de todo domínio da existência humana, sobre o qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não proclame: ‘Meu!’”.⁵ Jesus Cristo tem o direito de ser Senhor sobre tudo. Ele é “o nome que está acima de qualquer outro nome” (Fp 2.9). Ele não se acomoda ou se adapta a qualquer cultura; ao contrário, ele chama tudo de seu, pois tudo é legitimamente dele.

Quanto a nós, somos seus embaixadores e vice-regentes. Cristãos têm o dever de desafiar áreas em que o reinado de Jesus não é respeitado. Histórias sobre qualquer coisa na criação que não estão relacionadas a

Cristo, sempre são incompletas, a ponto de serem enganadoras. Por essa razão, “destruímos raciocínios e toda arrogância que se ergue contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento para que obedeça a Cristo” (2Co 10.5).

E isso começa trabalhando para que nossos próprios pensamentos sejam obedientes a Cristo para a honra de sua glória. Não somente aqueles pensamentos que são obviamente “errados”, como e, questões como luxúria e amor, mas *todos*. Nossos pensamentos sobre dinheiro, família, governo — todos os pressupostos com os quais nossa cultura nos alimenta dia após dia, são, na realidade, contrários a Deus, embora não nos demos conta.

Então temos interagido com a cultura porque somos compelidos a lutar pela honra de Cristo — queremos que ele receba a glória que ele merece.

MAS COMO?

Interagir com a cultura tem a ver com nossa visão a respeito de quem somos como seres humanos, de nosso discipulado cristão, testemunho e evangelismo. Acima de tudo, tem a ver com o senhorio de Jesus Cristo. Nada é mais importante do que isso.

Interagir com a cultura é essencial — então como fazemos isso?

Antes de desconstruirmos as falsas histórias culturais que consumimos todos os dias, o primeiro passo é ter o coração e a imaginação conquistados por uma história melhor e mais verdadeira — a história da Bíblia. É para ela que iremos agora.

¹Edward Jewitt Robinson, *The daughters of India: their social condition, religion, literature, obligations, and prospects* (T. Murray, 1860), p. 131.

²J. H. Bavinck, citado em Paul Visser, *Heart for the gospel, heart for the world: the life and thought of Reformed pioneer missiologist Johan Herman Bavinck (1895-1964)* (Wipf&Stock, 2003), p. 286.

³James Sire, *Naming the elephant* (Downers Grove: InterVarsity, 2015), p.112 [edição em português: *Dando nome ao elefante* (Brasília: Monergismo, 2017)].

⁴O filósofo em questão é Charles Taylor, que, mais do que qualquer outra pessoa, descreveu essa maneira de pensar sobre o secular. Não é um livro fácil de ler. Se você estiver interessado, consulte James K. A. Smith, *How (not) to be secular: reading Charles Taylor* (Grand Rapids: Eerdmans, 2014) [edição em português: *Como (não) ser secular: lendo Charles Taylor* (Brasília: Monergismo, 2021)].

⁵James D. Bratt, org., *Abraham Kuyper: a centennial reader* (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 488.

2

A HISTÓRIA DA CULTURA

Uma série que tem sido popular nos últimos anos na residência dos Strange, é a competição de culinária *Masterchef Australia*. Não é do gosto de todas as pessoas, é claro — e isto é literalmente verdade: alguns de nós preferem comer barriga de porco defumada do que assistir pessoas que cozinham barriga de porco defumada. Mas vale a pena assistir a série, pelo menos para ver, como costume dizer, “o momento em que o bolo desanda”. Suspiros audíveis são ouvidos do sofá, quando depois de horas e horas seguindo uma receita detalhada, a sobremesa ridiculamente complexa e pretensiosa de um participante se reduz a uma bagunça melada no chão em questão de momentos.

No último capítulo tivemos uma rápida introdução à cultura e porque devemos nos importar com ela. Agora vamos desacelerar e olhar para o papel da cultura dentro do grande enredo da Bíblia.

E temos um grande “momento em que o bolo desanda” vindo por aí.

DOMÍNIO: SERES HUMANOS COMO CONSTRUTORES DE CULTURA

Vamos começar voltando no tempo até à criação. No primeiro capítulo de Gênesis, vemos de que modo, a partir do nada, Deus cria uma gama variada de coisas boas. Não é que Deus se sentisse solitário, brincando com seus polegares — ele não precisava criar nada. Porém, ele o fez com

uma criatividade notável. A variedade é incrível: claro e escuro, molhado e seco, “grandes criaturas” e formas de vida “fervilhantes”. Deus fala, e tudo começa a existir. Mas ele reserva o melhor para o fim — o grande destaque de sua criação somos você e eu:

E disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado, sobre os animais selvagens e sobre toda a criatura que se move sobre a terra”.

E Deus criou o homem à sua própria imagem;
à imagem de Deus o criou;
homem e mulher os criou (Gn 1.26,27).

Falando de modo breve, ser feito à imagem de Deus *revela* quem Deus é; nos *identifica* com Deus, uns com os outros e com restante da criação; e nos torna *representantes* de Deus. Assim, nesses primeiros capítulos de Gênesis, Deus se revela um orador e criador, e como portadores de sua imagem, também falamos e criamos. Esta é a primeira coisa que Adão faz:

E o SENHOR Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu. Trouxe eles ao homem, para ver como lhes chamaria. Então o homem deu nome a todos os animais do campo, às aves do céu e a todos os animais selvagens (Gn 2.19,20).

É como um sistema classificatório primitivo. E alguns versículos depois, Adão compõe o primeiro poema ao ver sua estonteante nova companheira, Eva:

É osso de meus ossos
e pele de minha pele;
deverá chamar-se “mulher”
pois do homem foi tomada (Gn 2.23).

Então Adão é o nerd científico clássico e metido a artista!

Mas caso estejamos com dúvida sobre o que significa ser feito à imagem de Deus, em Gênesis 1.28 e 2.15, Deus dá a Adão e a Eva uma ordem muito clara. Os teólogos chamam isso de “mandato cultural”:

Frutifiquem e aumentem em número; encham a terra e exerçam domínio sobre ela. Dominem sobre os peixes do mar e sobre os pássaros dos céus e sobre toda criatura viva que se move sobre a terra (Gn 1.28).

E o SENHOR Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para que o cultivasse e guardasse (Gn 2.15).

Adão e Eva devem encher e povoar a terra e exercer domínio sobre ela, devem trabalhar e manter o jardim. No âmago disso está a noção de “reinado” ou “domínio”, uma ideia que depois é resgatada pelo salmo 8:

Tu os fizeste um pouco menor que os anjos e os coroaste de glória e honra.

Deste-lhes o domínio sobre as obras de tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés (Sl 8.5,6).

Os que são feitos à imagem de Deus têm um papel de representante da realeza. Imaginamos o reinado de Deus por meio de nosso reinado sobre a

criação. Ainda assim, o que é realmente animador é que isso não é estático — requer desenvolvimento.

Imagine descer as escadas em uma manhã de Natal de sua infância e ao abrir o presente ver que se trata de um modelo ferroviário enorme, projetado de forma complexa. Está tudo construído e pronto para brincar. Você aperta o botão “ligar”, ajusta a velocidade e observa o trem dando várias voltas... e voltas... e voltas. Isso é divertido por um tempo, mas por fim fica chato. Agora imagine que ao invés disso, você ganha um modelo ferroviário incrível para desfrutar e inúmeras peças de trilhos e cenários em miniatura para continuar expandindo. É aí que modelos ferroviários *realmente* se tornam divertidos.

Da mesma forma, Adão e Eva são incumbidos a desenvolver o potencial da criação (a parte sobre “trabalho” em 2.15), mas devem fazê-lo de forma que respeite e alimente o projeto original de Deus (a parte que se refere ao “cuidar”).

Todo ser humano desde então é chamado a fazer o mesmo: governar e desenvolver a criação, falando e fazendo, ao refletirmos nosso Deus que fala e faz. E isso, em última análise, é o que fazemos quando criamos cultura. Quer estejamos construindo arranha-céus ou aplicativos, escrevendo sinfonias de duas horas ou um tweet de duas frases, cozinhando ou assistindo programas de TV *sobre* como cozinhar — grande ou pequeno, do sublime ao aparentemente trivial, tudo está falando e criando segundo a imagem de Deus.

A cultura está chamando. Não é algo que fazemos só para passar o tempo entre a hora do trabalho e a hora de dormir. É algo que fazemos por sermos feitos à imagem de Deus — e isso é verdadeiro para todos os seres humanos, quer percebamos, quer não. E como tudo na criação, toda nossa

criação de cultura tem um propósito principal — glorificar a Deus. Demonstramos sua grandeza ao apontarmos para a sua criatividade. Viver debaixo das normas de Deus e fazer seu trabalho é a maneira como também somos glorificados. É a maneira como vicejamos como seres humanos. É como encontramos o senso de identidade e significado que todos procuram.

ARRUINADOS: SERES HUMANOS COMO DESTRUIDORES DA CULTURA

E, apesar de a maioria de nós saber que tudo o que Deus disse e criou em Gênesis 1 era “bom”, há muitas coisas que o ser humano fala e cria que não são boas. E não estou falando apenas da trilogia prequel de *Star wars*. Estou falando dos comentários cruéis de um troll da internet, ou da filosofia do sexo fácil do Tinder, ou das mentiras publicadas em um jornal sobre uma figura pública, ou do vício que alimenta nosso consumo excessivo da Netflix. Todo mundo sente que essas coisas não são “boas”. De fato, quase toda cultura que consumimos está manchada em algum grau ou outro por aquilo que “não é bom”. Por quê?

Bem, precisamos avançar apenas algumas páginas em Gênesis para descobrir isso. Uma das maneiras de descrever o que acontece em Gênesis 3, fato que os cristãos chamam de Queda, é que a criação é colocada do avesso. É uma história trágica, um verdadeiro “momento em que o bolo desanda”. Adão e Eva escolhem desobedecer a Deus e comer do fruto que ele havia ordenado que não comessem. Em vez de adicionarem mais trilhos ao modelo ferroviário cósmico de Deus, eles começam a quebrá-lo em dois e a pisar nos elementos do entorno. Em vez de refletir a Deus, querem *ser* Deus. Como consequência, a ordem e o relacionamento entre

Deus, seres humanos e o restante da criação, que vemos nos primeiros dois capítulos de Gênesis, são desfeitos.

Dois lados

O que isso causa a seres humanos criadores de cultura e seus subprodutos? Em Gênesis 3.15, Deus diz à serpente — Satanás, que enganou a Adão e Eva — o que ele está prestes a fazer:

Porei inimizade
entre você e a mulher,
entre a sua descendência e o descendente dela;
ele esmagará a sua cabeça,
e você lhe ferirá o calcanhar (Gn 3.15).

Apesar da rebelião de Eva, há esperança de que um de seus descendentes — Jesus Cristo — destruirá o Diabo (Gl 4.4). O cenário está preparado para uma grande guerra. E como uma guerra, isso vai além do combate de um contra um. As consequências são enormes: esse versículo dá pistas sobre duas correntes da humanidade diametralmente opostas uma à outra. E note que é o próprio Deus que coloca essa ira entre os dois! Conseguimos perceber a Queda quase que imediatamente em Gênesis 4, quando o filho de Adão e Eva, Caim, assassina seu próprio irmão, Abel. Essa divisão de isso ou aquilo continua por toda a Bíblia; e ao lermos o enredo das Escrituras, descobrimos ainda mais o que isso significa. Os filhos espirituais de Satanás são todos aqueles que vivem em rebelião contra Deus. Os filhos espirituais de Eva são todos aqueles que vivem debaixo do reinado de Deus, da maneira como a humanidade deveria viver desde o princípio.

O Novo Testamento registra essa diferença em uma série de descrições vívidas: todos estão ou na escuridão, ou na luz; são bodes ou ovelhas; são do mal, ou são filhos de Deus. Em última análise, Gênesis 3.15 aponta para a descendência de Eva, aquele que esmagaria a cabeça de Satanás na cruz — Jesus Cristo. Ou você é cristão, ou não é. Não há tonalidades espirituais de cinza; há apenas preto ou branco.

E o que distingue os filhos espirituais de Satanás e os de Eva? Não é uma questão de o que fazemos. Vai além disso: até o cerne do coração humano. Em termos Bíblicos, o coração é o cerne do ser humano e o elemento que determina nossas ações externas: “Como a água reflete o rosto, assim a vida do homem mostra seu coração” (Sl 27.19). Jesus também diz que “onde o seu tesouro estiver, ali também estará seu coração” (Mt 6.21). O problema é que desde a Queda, nosso coração está lado errado. Somos os filhos espirituais de Satanás — até que a intervenção graciosa de Deus nos capacite a mudar de lado.

Se o fato de sermos feitos à imagem de Deus significa que somos feitos para a adoração, então há um “desejo do coração” intrínseco ao fato de sermos humanos, o que significa que todos adoramos — fomos criados para adorar ao Deus vivo, mas acabamos adorando a outras coisas. É o ato de adorar a essas “outras coisas” que a Bíblia chama de idolatria. Não há alternativa para essas duas opções: adoramos a Deus ou adoramos a ídolos. Colossenses 2.6-8 descreve a essas duas formas de existência desta forma:

Portanto, assim como vocês receberam a Cristo Jesus como Senhor, continuem a viver nele, arraigados e edificados nele, fortalecidos na fé como foram ensinados e transbordantes de gratidão. Estejam atentos para que ninguém os tenha cativo a filosofias vãs e

enganosas, as quais se baseiam na tradição humana e no poder de forças elementares deste mundo, e não em Cristo.

Existem aqueles que são “arraigados e edificados” *em Cristo*, e aqueles que são cativos a “filosofias vãs e enganosas, as quais se baseiam na tradição humana e no poder de forças elementares deste mundo, *e não em Cristo*”. Duas opções: em Cristo, ou não em Cristo.

Então, podemos dizer que cultura é a forma dinâmica com que o ser humano molda o mundo ao seu redor, à medida que fazemos e falamos de acordo com a imagem de Deus. Mas a cultura também é o “fruto” da “raiz” que é o relacionamento do coração com Deus — e para a maioria da humanidade, esse relacionamento está em estado de guerra. Vale a pena ouvir ao teólogo americano John Frame, que compreende bem isso:

Cultura é o que uma sociedade fez da criação de Deus, junta-mente com seus ideais do que acha que deveria ser. Ou talvez devêssemos colocar o ideal em primeiro lugar. As pessoas fazem coisas, porque elas já têm um plano em mente, um propósito, um objetivo e um ideal. O ideal vem primeiro, depois a ação... Então agora podemos ver como a cultura está relacionada com a religião. Quando falamos de valores e ideais, estamos falando de religião. Em um sentido amplo, a religião de uma pessoa é o que prende seu coração mais fortemente, o que mais profundamente a motiva... É interessante que o termo do latim *colere* [...] também se refere a um serviço religioso, e entra no inglês como culto, o ato de cultuar, e por aí vai. Cultura e culto andam juntos. Se uma sociedade adora a ídolos, falsos deuses, essa adoração vai governar a cultura dessa sociedade. Se uma sociedade adora ao verdadeiro Deus, essa adoração terá uma influência profunda, até prevalecerá em sua cultura. Se uma

sociedade é dividida religiosamente, assim como a nossa, então revelará uma mistura de influências religiosas.¹

Portanto, cultura é a “externalização da religião” — é como mostramos do lado de fora o que acreditamos do lado de dentro.² A cultura é como adoramos — é a maneira em que mostramos ao nosso coração o que é realmente valioso.

Destruímos a cultura

Como, então, nossa raiz religiosa afeta nosso fruto cultural? Para entender isso, primeiro é útil pensarmos na cultura de duas formas.

Em primeiro lugar, cultura é a descrição do que o ser humano faz por simplesmente ser humano. Mas em segundo lugar, a cultura “verdadeira”, “real” e “apropriada” é uma indicação do que deveríamos fazer debaixo da concepção original e do plano da criação de Deus (mesmo que eles nunca cheguem à perfeição neste lado do novo céu e da nova terra). A solução é manter essas duas ideias em tensão. Então vamos desmembrá-las.

O fato de sermos seres humanos profundamente caídos e pecadores não desfaz nossa semelhança com Deus. Podemos negar e vandalizar a imagem de Deus com nossos pensamentos, ações, mas em última análise, ainda é essa verdade que torna humano o ser humano. Além disso, Deus em sua bondade, muitas vezes nos livra de nós mesmos, para que não sejamos tão maus quanto podemos ser. Chamamos isso de graça comum de Deus, e existem muitas bênçãos nela pelas quais devemos ser gratos. Portanto, não importa quão pecadores sejamos, mesmo após a Queda, ainda somos seres humanos, e seres humanos “produzem” cultura. As criaturas de Deus criam a partir da criação ao seu redor. Isso é importante,

porque não importa quão pecadora ou aparentemente superficial uma cultura específica seja, simplesmente descartar ou zombar dela, sem tentar interagir com ela de algum modo, forma ou formato, é, de maneira implícita, descartar ou zombar de um portador da imagem de Deus, que foi quebrada, e essa pessoa merece dignidade e respeito. É desumano. Aqui está Bavinck, meu herói teológico mais uma vez:

Se as pessoas pudessem ao menos renunciar ao seu autoconhecimento, sua individualidade, seu sentimento de realeza; se elas pudessem apenas se diluir no mundo ao seu redor, como as plantas e os animais fazem, sem normas ou moralidade! Mas elas não podem. Elas existem com uma grandeza indescritível, assim como a patética lástima que esse termo abrange. É aí que Deus as encontra.³

No entanto, tais formas caídas de cultura só podem ser remanescentes de pedaços quebrados de uma “verdadeira cultura”, já que são produtos de imagens quebradas e corações pecaminosos. Elas são feitas em adoração a um ídolo e não claramente a Deus. O que produzimos de cultura após a Queda não pode ser propriamente chamado de “cultura real”, porque os valores e propósitos que a conduz são radicalmente diferentes daqueles que Deus estabeleceu em sua boa criação original. Nosso pecado destruiu a “cultura real”. Fomos deixados apenas com fragmentos.

A cultura nos destrói

Porém, ao mesmo tempo, *nós* estamos sendo destruídos pela cultura. O domínio sobre a criação rapidamente se torna uma dominação horrível pelas coisas que criamos. Ao consumirmos cultura idólatra, respiramos o ar de uma história falsa sobre quem Deus é ou não é; sobre quem somos e

quem não somos; sobre o que deu errado e como podemos consertar. Em nossas criações culturais, nossos falsos deuses astutamente nos vendem histórias “desconstruídas” e falsas do “evangelho”, e seguimos seus roteiros. Certamente, elas parecem atraentes, mas nos matam lentamente no momento em que cremos em suas mentiras, perdendo assim nossa identidade humana. E pior, nos distanciam e tiram de vista o Deus que nos criou para ele mesmo. É um ciclo vicioso que se move de forma espiral, cada vez mais longe da verdade.

Então, quando nós, cristãos, olhamos para as pessoas ao nosso redor, podemos ver que elas *criam* cultura e são *criadas* por ela. Lembre-se, cultura é como o nosso coração adora a ídolos. Por um lado, a Bíblia testifica em inúmeras partes que os ídolos são “feitos por mãos humanas” (Sl 135.15) e “nada são” (1Co 8.4) quando comparados ao Deus vivo. Porém, por outro lado, eles são “algo”; eles têm o poder de acabar controlando o adorador: “Aqueles que os fazem serão como eles, e assim será com todos que depositarem neles sua confiança” (Sl 115.8). Greg Beale diz que, ao longo da Bíblia, “as pessoas se parecem com o que reverenciam, ou para a ruína, ou para a destruição”: nos tornamos o que adoramos.⁴

No salmo 115, os ídolos “têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não veem” (v. 5). Adoradores de ídolos se tornam semelhantemente cegos e inúteis: “Não sabem nada, não entendem nada; seus olhos estão encobertos para que não possam ver, e suas mentes estão fechadas para que não possam entender” (Is 44.18).

E quando adoradores de ídolos se parecem mais com seus objetos (sem vida) de adoração? Quando estão mortos. Porque é para lá que a adoração a ídolos nos leva.

Vemos esse relacionamento com suas duas faces em um nível maior e em toda a sociedade. Somos tanto influenciadores da cultura, quanto influenciados por ela. Algumas vezes nos preocupamos em relacionar nossa fé com coisas como a política e a esfera pública, mas “a esfera pública é um campo de batalha dos deuses” e “as pessoas sempre lutarão pelos seus ídolos e deuses, seus objetos de adoração”.⁵ As leis nunca poderão salvar as pessoas, mas elas moldam sim as pessoas. As leis afetam sim aquelas estruturas plausíveis sobre as quais pensamos no último capítulo, se não para nós, para a próxima geração. Isso importa.

Lembre-se: nos tornamos aquilo que adoramos. Por exemplo, no coração da ideia islâmica de Deus, está a doutrina do *tawhid* — Deus é um, uma mônada, eternamente só (completamente diferente da unidade da Trindade no cristianismo). A transcendência, o anonimato e o poder de Alá são destacados. Submissão (que é o significado de “muçulmano”) é a chave. Se é assim que creem que Alá é, então não devemos nos surpreender de que para muitos muçulmanos, uma visão de sociedade islâmica destacará a unidade sobre a diversidade, e a submissão sobre servir aos outros. É o princípio que está por trás do conceito islâmico *ummah* (a comunidade global de muçulmanos) e *dhimmitude* (a condição de um não muçulmano que vive em um país islâmico, ele deve pagar taxas extras como um sinal de submissão).

Então quando o assunto é cultura, precisamos reconhecer a diferença extrema e o conflito cósmico que surge com grande violência entre os filhos espirituais de Satanás e os filhos espirituais de Eva. Nós realmente estamos no meio de uma guerra cultural. Esse tipo de linguagem pode soar muito agressiva, pessimista ou derrotista para você. Não é muito “legal”. Porém, é a linguagem que a Bíblia muitas vezes utiliza. Ela descreve de

forma precisa nossa situação espiritual. É o que vemos diante de nós quando colocamos as lentes de raio X da Bíblia.

Precisamos estar preparados para entrar nesse conflito cósmico de cultura — para fazer, moldar e interagir com cultura, para o bem de Cristo. E ao fazermos isso, podemos saber: estamos do lado vencedor — porque a história não acaba aqui.

RESGATADOS, RESTAURADOS E RENOVADOS: JESUS CRISTO COMO SENHOR DA CULTURA

Uma de minhas canções favoritas de Natal, que amo cantar bem alto, é *Joy to the world* [Alegria ao mundo], de G. F. Handel e Isaac Watts. Porém, minha alegria diminui quando muitas vezes removemos o melhor verso!

Não deixe mais o pecado e a tristeza crescerem
nem espinhos infestarem o chão:
ele vem para fazer fluir suas bênçãos
até onde a maldição é encontrada.

Jesus veio para resgatar a nós e ao mundo da ruína. Seu trabalho redentor no evangelho não se trata apenas de salvar indivíduos do inferno — tem uma abrangência *cósmica*. Ele está operando a uma nova criação, que se relaciona intimamente com a criação “no princípio”: “a graça restaura e aperfeiçoa a criação”.⁶

Quando o assunto é cultura, Brian Mattson faz uma boa colocação quando diz que as melhores histórias têm finais que resolvem algo que tinha potencial desde o começo. Em outras palavras, se a graça é o nosso “felizes para sempre”, ela flui do “era uma vez” da natureza:

A perfeição trazida por Jesus Cristo é a perfeição que Deus sempre planejou para a sua criação. O trabalho de redenção de Deus depois da Queda não foi um “plano B”. Ele não mudou o roteiro ou surgiu com algo que não se relacionava com seus propósitos originais [...] A redenção tem a ver com o fato de que Deus manteve seus propósitos para a criação, tanto é que — tendo amado o mundo de tal forma — foi capaz de morrer para que isso que acontecesse.⁷

Como percebemos anteriormente, Adão falhou lastimavelmente em sua tarefa cultural. Em vez de cuidar da natureza e expandir o jardim, sua desobediência o expulsou do jardim e trouxe a maldição de Deus sobre toda a criação. Mas Jesus muitas vezes recebe o título de segundo ou último Adão (p. ex., 1Co 15.45) e é descrito como tal. Como o segundo Adão, Jesus triunfou em obedecer perfeitamente ao seu Pai, onde o primeiro homem havia falhado. Jesus Cristo é a verdadeira imagem de Deus, sem nenhuma rachadura ou mancha do pecado. Ele era o homem da cultura por excelência. Foi ungido pelo Espírito. Podia acalmar tempestades e ressuscitar os mortos, demonstrando seu perfeito domínio sobre a criação. Em última análise, a morte sacrificial de Jesus na cruz lidou com a ira de Deus em resposta à nossa desobediência e reverteu a maldição. Sua ressurreição foram as primícias da nova criação — uma indicação do que ainda está por vir. Sua ascensão ao céu significa que hoje, ele é o Senhor que vive e reina:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas celestiais e terrenas, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam poderes, governantes ou autoridades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de

todas as coisas, e nele tudo subsiste; ele também é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha supremacia. Porque agradou a Deus que nele habitasse toda a plenitude e por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão no céu, tendo feito a paz por meio de seu sangue derramado na cruz (Cl 1.15-20).

Em poucas palavras, essa é a mensagem do evangelho. Mas como isso se relaciona com a cultura humana e conosco como cristãos?

Aqui está a ideia principal: no evangelho, cristãos são unidos a Jesus por meio da fé, e ganhamos nosso antigo trabalho de volta. Somos restaurados em nosso papel de governantes sobre a criação, porque Jesus fez por nós o que não podíamos, e agora estamos “nele”.

Em Cristo, a cultura é um chamado para nós. Nossa nova identidade “em Cristo” engloba tudo: “Portanto, quer você coma ou beba, ou faça qualquer coisa, faça tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31). O evangelho de Jesus Cristo confronta, reivindica e constrói a cultura em uma variedade incrível de maneiras, mas todas se conformam às normas de Deus para sua glória.

Ao sermos aqueles que estão unidos a Cristo, sua história de relação com a cultura se torna a nossa. É uma história incrível, porque em última análise é sobre a recriação. Ela abrange a vida e o humano florescendo e sendo parte da nova ordem de mundo, como Paulo declara em 2Coríntios 5.17: “Portanto, se alguém está em Cristo, veio a nova criação: o que era velho passou, e o novo se faz presente”.

Essa recriação começa conosco em âmbito pessoal. Estamos sendo refeitos e conformados à imagem de Cristo em nossa vida diária: “Pois

aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29). Isso é uma notícia maravilhosa, pois sermos conformados a Cristo significa sermos feitos perfeitos: “... em Cristo vocês foram trazidos à plenitude” (Cl 2.10). Tudo é transformado e visto com novos olhos. Nossa dor e sofrimento, apesar de ainda reais, tristes, e muitas vezes misteriosos, nunca são sem sentido, mas servem ao propósito de nos tornar cada vez mais como Cristo (Hb 12.6). Até a morte humana, o último inimigo, se torna “nossa” (1Co 3.22). Nas palavras do Catecismo de Heidelberg, a morte “coloca um fim ao nosso pecado e é a nossa entrada para a vida”.

Mas fazemos parte de algo maior também. Os cristãos são aqueles cheios de Espírito de Cristo e que tomam posse do mandato cultural originalmente dado a Adão. Podemos exercer nosso papel na tarefa que foi dada a ele. Mas agora o enfoque é diferente. Apenas Cristo pode redimir a criação, mas “em Cristo” nossas boas ações se tornam o meio pelo qual Deus demonstra seu reino no presente. Como embaixadores fiéis de Cristo, proclamamos ativamente seu senhorio, não apenas olhando para a primeira criação, mas olhando para frente, para o novo céu e a nova terra, onde sua criação será renovada e restaurada completamente e para toda eternidade.

FIQUE LIGADO

Quando sabemos nosso lugar nessa grande história, podemos nos certificar de que estamos “ligados” (sim, é vergonhoso quando um homem de meia idade diz isso!). A realidade é que estamos vivendo após a

ressurreição, mas antes do retorno de Jesus. Estamos no vão entre o agora (o que Cristo já realizou) e o ainda não (o que ele fará um dia).

Reconhecemos que vivemos em um mundo gemendo como uma mulher em trabalho de parto (Rm 8.22). É um mundo em que ainda sofremos frustrações, ainda labutamos: um mundo em que ainda morremos. É uma realidade de “negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34). É um mundo onde nossos esforços culturais, até os maiores, são contaminados pelo pecado. Isso significa que uma resposta cristã à cultura nunca deve passar a mão na cabeça, fingir que está tudo bem ou ser fantasiosa. Devemos ter cuidado para não focar demais no “agora” e deixar de lado o “ainda não”.

Ao mesmo tempo, vivemos em uma realidade de esperança, alegria e nova vida. Reconhecemos que na morte e ressurreição de Jesus, o mundo deu um giro 180º e foi colocado do lado certo. Jesus é o Senhor do Universo agora. É a realidade de receber “cem vezes mais, agora no presente” (Mc 10.30). É um mundo onde indivíduos, famílias, comunidades e culturas inteiras podem ser transformadas pelo evangelho. Devemos tomar cuidado para que também não ponhamos demais nosso foco no “ainda não” e deixar de lado o “agora”.

Fomos renovados, restaurados e redirecionados para nos envolvermos com a cultura que constrói e que glorifica a Deus, para a qual fomos criados. Isso definitivamente não é uma distração em relação ao evangelismo. Afinal, como as outras pessoas farão parte da nova criação se não ouvirem a mensagem do evangelho? Dado os efeitos devastadores do pecado e da realidade do inferno, o chamado ao arrependimento e à fé em Cristo permanece no centro de nossa missão, mas de uma maneira que se conecta com o nosso chamado espiritual. A maneira como “dominamos”,

“enchemos e subjugamos”, “cuidamos e mantemos”, nessa nova ordem de mundo, é para que homens, mulheres e crianças sejam convertidos. Devemos ir e fazer discípulos de todas as nações.

A igreja ainda permanece sendo o alvo dos propósitos de Deus, com seu papel próprio e distinto na transformação cultural. Em nome do Senhor Jesus Cristo, cristãos estão engajados em uma batalha com o mundo. A igreja reunida é uma tenda médica do exército celestial. Nossos líderes são os médicos do campo, fortalecendo a nós, os soldados, tratando nossas feridas após a batalha, alimentando-nos com a palavra de Deus e nos reenviando para o mundo para levar todo pensamento cativo a Cristo.

Os cristãos estão em um choque cósmico de cultura. Mas a chave para vencer em qualquer combate é conhecer seu oponente e ter uma estratégia para enfrentá-lo. É isso que vamos ver nos próximos dois capítulos.

¹John M. Frame, *The doctrine of the Christian life* (Phillipsburg: P&R, 2008), p. 857 [edição em português: *Doutrina da vida cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2013)].

²Henry Van Til, *The Calvinistic concept of culture* (Grand Rapids: Baker, 2001) p. 200 [edição em português: *O conceito calvinista de cultura* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)].

³Bavinck, “Religious consciousness”, in: John Bolt; James D. Bratt; P. J. Visser, orgs., *The J.H. Bavinck reader*, tradução para o inglês de James A. De Jong (William B. Publishing Company, 2013), p. 279.

⁴Greg Beale, *We become what we worship* (Nottingham: IVP, 2008), p. 16 [edição em português: *Você se torna aquilo que adora* (São Paulo: Vida Nova, 2014)].

⁵Jonathan Leeman, *Political church: the local assembly as embassy of Christ’s rule* (London: Apollos, 2016), p. 14, 92 [edição em português: *As chaves do reino* (São Paulo: Vida Nova, 2021)].

⁶Bavinck, citado em Brian G. Mattson, *Restored to our destiny: eschatology and the image of God in Herman Bavinck’s Reformed dogmatics* (Leiden: Brill, 2011), p. 5.

⁷Brian Mattson, *Cultural amnesia* (Billings: Swinging Bridge, 2018) p. 33,34 [edição em português: *Amnésia cultural* (Brasília: Monergismo, 2017)].

3

A CULTURA COMO HISTÓRIA

Se você saísse às ruas e perguntasse às pessoas qual a resposta às maiores perguntas da vida, o universo e tudo o mais — o que você acha que elas diriam?

O meu palpite é que você teria várias respostas diferentes (apesar de que, seguramente, todo metido a esperto que leu o final de *The hitchhiker's guide to the galaxy*,¹ diria que a resposta é 42).

Mas por que estamos aqui? O que tudo isso significa? Como podemos ser felizes? O que é certo e errado? Quais são as coisas importantes na vida? Quando se trata de responder a essas grandes e fundamentais perguntas, todos temos uma ideia diferente — é por isso que a cultura, que expressa tais perguntas, é tão variada no decorrer do *tempo* e em lugares diferentes. Lembre-se da nossa pequena definição de cultura:

Cultura são as histórias que contamos que expressam significado sobre o mundo.

Eis aqui um ponto importante: o mundo ao nosso redor já tem um significado. Então, qual é?

A GRANDE REVELAÇÃO DE DEUS

Como já vimos, sermos feito à imagem de Deus significa que dado o fato de que Deus fala e cria, nós também falamos e criamos. É claro, dependendo da conjuntura de nossas raízes originais, nosso fruto cultural pode estar maduro ou pode estar podre — mas todos produzimos *algo*. Não se pode mudar isso. É isso que significa ser humano. Mas é *apenas* humano.

O que quero dizer? Sem rodeios, nosso falar e criar não pode ser igual ao falar e criar de Deus, porque ele é Deus e nós não somos! Ele é o Criador e nós somos meras criaturas, parte da criação. Essa é uma distinção óbvia, mas crucial. Deus cria a partir do nada. Antes da criação, havia apenas Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Não havia nem um pontinho de qualquer outra coisa. Mas os seres humanos não podem criar a partir do nada. Pelo menos eu sei que não consigo.

Então quando dizemos que o ser humano “cria” cultura, ele só pode criar a partir de matérias existentes. Então, em certo sentido, não “criamos” nada de fato. Não, apenas *construímos* cultura, construindo a partir de coisas que já estão lá. Talvez possamos adicionar alguns trilhos no modelo ferroviário cósmico de Deus, mas primeiro precisamos receber as peças. Nesse sentido, nunca poderemos criar cultura que seja *verdadeiramente* original, porque apenas Deus pode fazer isso. Apesar da criatividade humana ter a capacidade de ser surpreendente, estamos limitados em nossa criatividade porque somos criaturas e não o Criador.

Vamos olhar mais de perto para as matérias criadas que usamos para construir cultura — as coisas que inspiram as histórias que contamos, as coisas por meio das quais construímos um lar no mundo. A criação tem as digitais de Deus em todo lugar. Como qualquer artista, podemos notar que ela é a sua obra-prima só de olhar para ela. A criação significa algo, mesmo

antes de darmos nosso próprio significado a ela. A criação nos diz algo sobre Deus e sua identidade. A criação é revelação, como Davi diz no salmo 19:

Os céus proclamam a glória de Deus,
e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.
Um dia declara isso a outro dia,
e uma noite revela conhecimento a outra noite (Sl 19.1,2).

Então, qual é precisamente o “conhecimento” que o mundo ao nosso redor nos revela? É útil pensar no que Deus revela sobre si mesmo em termos de sombras e raios solares. Quando entendermos claramente o *real significado* de Deus por detrás do mundo, isso nos ajudará a entender os significados “alternativos” que os seres humanos expressam por meio da cultura (vamos entender essa segunda parte mais adiante).

SOMBRAS

O cristão acredita que a história está indo a algum lugar. Acreditamos em desfechos, em contagens, em juízo final. A Bíblia descreve um juízo final quando toda a humanidade estará diante de Deus e prestará contas. A forma abreviada da Escritura para isso é “o dia da ira de Deus” (p. ex., em Sf 1.15; Ap 6.17).

A palavra “ira” evoca todos os tipos de imagens que em nada se relacionam com a definição bíblica. Quando a Bíblia fala da ira de Deus, não se refere a uma raiva contra a humanidade, arbitrária e de perder as estribeiras. Ao invés disso, a ira divina é pessoal, bem definida e justa. É a repulsa e oposição de nosso santo Deus a todo o mal. E perceba que é

Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que estará no centro das deliberações no dia do juízo:

Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos, todo o restante, escravos e livres esconderam-se nas cavernas e nas rochas das montanhas. Clamavam aos montes e rochedos: “Caíam sobre nós e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Porque chegou o grande dia da ira deles, e quem poderá suportar? (Ap 6.15-17).

Aqueles cujos nomes não estão escritos no “livro do Cordeiro” (Ap 13.8) enfrentarão a “ira do Cordeiro”. Essa figura amedrontadora é um chamado para que despertemos. Porém, o que é ainda mais amedrontador é que há muitas pessoas dormindo enquanto esse alarme dispara. Paulo alerta judeus e não judeus em sua carta aos Romanos:

Contudo, por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado, você está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento (Rm 2.5).

Imagine uma grande tenda, estendida para dar proteção aos que estão debaixo dela. Com o tempo, galões e galões de água são jogados em cima dela e a água começa a acumular. O peso daquela água fica cada vez maior, e o teto começa lentamente a afundar. Aqueles que estão debaixo pensam que está tudo bem; não há problema — eles se viram e voltam a dormir. Mas na verdade, há um *grande problema*, enquanto aquele teto fica cada vez mais pesado, e a água continua a se acumular. E então chega aquele terrível momento quando a tenda inteira cai. O dia da ira de Deus será esse choque cósmico.

Mas não é só isso a ser dito sobre a ira de Deus. Anteriormente em Romanos, lemos que, “a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e iniquidade dos homens que impedem a verdade por meio de sua maldade” (Rm 1.18). Sim, há um dia final de ira, mas toda a humanidade também sente a ira de Deus *agora*. É como se Deus tivesse um canivete em mãos e fizesse um corte na tenda, e gotas de ira caíssem.

Por que Deus faria esses cortes? Parece desolador, mas na verdade é um alarme gracioso. Essas “gotas de ira” tratam-se de Deus nos dizendo que algo deu incrivelmente errado, e que precisamos fazer algo a respeito. Precisamos ouvir e dar a volta antes que seja tarde demais. O dia da ira divina é um perigo claro e presente — o “nível de ameaça” é crítico. E Deus nos fala disso de muitas formas. Fala nas pequenas coisas — o dedo que bate em uma quina e o telefone que estragou. Ou a realidade de que sua sala fica desarrumada, mas nunca “fica arrumada” sem a sua intervenção.

Acontece nas grandes coisas também. Ele nos mostra isso em toda frustração, tudo que está quebrado e disfuncional no mundo, em todas as maneiras que vamos contra o projeto de Deus para a humanidade. Vemos isso no desastre, na doença e na desonestidade. Supremamente, vemos isso na morte humana. Considere essas palavras do salmo 90:

Todos os nossos dias passam sob tua ira;
nossos anos acabam-se como um murmúrio.
Nossos dias chegam a setenta anos,
ou oitenta se nossa força durar;
mas são de tribulação e tristeza;
pois passam rapidamente, e nós voamos.
Se ao menos conhecêssemos o poder de tua ira!
Tua ira é tão grande quanto o temor que te é devido (Sl 90.9-11).

O simples fato de que morremos é um sinal da ira de Deus. Assim como Adão e Eva, queremos ser “como Deus”, mas prontamente percebemos que nossos dias estão contados.

Talvez minha experiência seja incomum, mas nunca ouvi um amigo não cristão dizer para mim que acordou sentindo-se pesado debaixo da ira de Deus. Mas a Bíblia me diz que eles experimentam a ira todos os dias, apesar de não perceberem. E é sobre essa “ira sentida” que eles me contam. É toda frustração e futilidade que pensam que a vida, ou o destino, jogou em direção a eles: o trânsito terrível, os valentões da escola, as costas que doem, o negócio que faliu, o diagnóstico de câncer. É uma terrível sombra lançada sobre eles acerca do fim do mundo. *É um antegosto do inferno na terra.* Tudo isso é cheio de significado, porque é a mensagem de Deus para nós. E ela demanda uma resposta. É isso que Jesus diz em Lucas 13 de 1 a 5:

Naquele momento, estavam presentes algumas pessoas que falaram a Jesus acerca dos galileus cujo sangue Pilatos havia misturado com os sacrifícios que eles ofereciam. Jesus lhes respondeu: “Vocês acreditam que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros por terem sofrido de tal maneira? Eu lhes digo que não! Porém, se não se arrependerem, todos vocês também perecerão. Ou pensam que aqueles dezoito, sobre os quais a torre de Siloé caiu e os matou, eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Eu lhes digo que não! Porém, se não se arrependerem, todos vocês também perecerão.

As sombras que experimentamos nesta vida nos alertam sobre a ira de Deus e nos admoestam a nos arrependermos antes que seja tarde demais.

RAIOS SOLARES

Porém, não são apenas sombras — há raios solares também. Sim, os cristãos acreditam no dia da ira e na realidade do inferno, mas também cremos em um incrível novo céu e nova terra — um lugar onde haverá apenas bênçãos e alegria. Haverá a ausência total do mal, da dor e do luto. Isso é descrito em Apocalipse da seguinte forma:

Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Olhem, o lugar da morada de Deus está entre os homens, e ele ali habitará com eles. Eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles e será o Deus deles. Ele enxugará de seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porque a velha ordem das coisas já passou”.

O que estava assentado sobre o trono disse: “Eu faço novas todas as coisas! (Ap 21.3-5).

E essas bênçãos e alegrias não são apenas uma experiência futura. Em sua “graça comum”, vemos Deus derramar de sua bondade à toda criação agora: “Ele faz com que o sol se levante sobre maus e bons, manda chuva sobre justos e injustos” (Mt 5.45). Essa graça comum é composta por todas as coisas incríveis da criação, incluindo as coisas incríveis que os seres humanos são capazes de fazer, das quais desfrutamos hoje. Abrange tudo que fala sobre ordem, amor, desejo, beleza, sabedoria e “retidão”. Há raios solares — raios dançantes de luz, apontando para cima, para a fonte de toda bondade: o próprio Deus. Essas dádivas da graça devem ser interpretadas de tal forma. Devem ser recebidas com ações de graça. E assim como as sombras, os raios solares são Deus nos dizendo algo.

Novamente, pode ser que minha experiência seja incomum, mas nunca ouvi um amigo não cristão vir a mim e dizer que acordou naquela manhã sentindo alegria por estar vivo, por poder respirar e tudo mais. Mas a Bíblia me diz que eles experimentam da graça de Deus todos os dias, apesar de não perceberem. E é sobre essa “bênção sentida” que me falam quando contam com empolgação sobre o novo relacionamento, a grande promoção no trabalho, ou as férias incríveis. É um raio de luz saindo do sol. *É um antegosto do céu na terra.* Tudo isso é cheio de significado, porque é mensagem de Deus para nós.

E como a maioria das mensagens importantes, ela demanda uma resposta. Como devemos responder?

PRIMEIRA RESPOSTA: SUPRESSÃO

Então Deus fala conosco em sua criação (e ele fala *através* de nós, por fazermos parte da criação). Nas sombras, Deus nos diz que algo não está certo e que precisamos dar meia volta. Nos raios solares, Deus nos chama a responder a ele com gratidão e adoração.

Tudo pronto? Infelizmente, não. Como respondemos ao megafone de Deus? Subestimando sua pergunta? Isso não está certo!

Pois a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e iniquidade dos homens que impedem a verdade por meio de sua maldade (Rm 1.18).

Assim como alguém que afunda violentamente a cabeça de uma pessoa para debaixo d’água a fim de afogá-la, nós suprimimos a verdade. Em nossa rebelião contra Deus, tentamos esmagá-la, esganá-la, pisoteá-la. Pegamos uma caneta permanente bem grossa e grafitamos sobre ela.

Como fazemos isso? Os significados inseridos por Deus na criação recebem novos significados na cultura que construímos. Então a dor, o terror e a não naturalidade da sombra da morte — que é Deus nos dizendo que algo está errado — são agora reinterpretados como o suave processo de “atravessar” de um domínio para o outro. Não tema: a morte é perfeitamente natural, deve ser abraçada. Não é algo a se temer. Vemos muito esse retrato da morte na cultura popular. Um dos maiores singles de 2015 — *See you again*, de Wiz Khalifa e Charlie Puth — pintou a morte como algo quase sereno, como seguir uma luz e se apegar às suas memórias.

A outra forma pela qual suprimimos a verdade sobre a morte acontece quando simplesmente ignoramos esse assunto por completo e não o mencionamos entre pessoas polidas. Algo que é especialmente trágico, é que as pessoas muitas vezes decidem interpretar o sofrimento humano como evidência de que, ou Deus não se importa, ou ele não existe — o verdadeiro oposto do significado de Deus. A presença do sofrimento em nosso mundo é dolorosa, mas é, em última análise, um aviso amoroso que tem a intenção de nos levar ao arrependimento, e nos salvar de um sofrimento muito maior após a morte.

Da mesma maneira, aqueles belos raios solares que devem levar ao agradecimento e ao louvor, são completamente refletidos sobre a cabeça deles. Lembro-me de ter falado uma vez, em um fim de semana, para cristãos em uma faculdade renomada de música. O problema com o qual esses cristãos mais tinham dificuldade era a competição que os cercava por todos os lados e da qual eles tinham dificuldade em resistir. Os alunos daquele curso tinham recebido os mais incríveis dons musicais. O resultado ao receberem tais dons deveria ser gratidão — revelando Deus, o doador

de todos os bons dons. O propósito desses dons deveria ser trazer prazer aos outros. Porém, os alunos acabaram usando esses dons apenas para apontar para dentro de se mesmos e abrigar orgulho e ambição egoístas, os quais não teriam limites para ultrapassar seus colegas. Eles haviam transformado os raios solares em sombras.

O problema não é que a comunicação de Deus não seja efetiva; é que os seres humanos são tão rebeldes em seu pecado que estamos determinados a não ouvir. Deus fala conosco, mas acabamos falando por cima de Deus. E isso não é algo pontual. Não é algo estático. Esse relacionamento é muito dinâmico. Você já participou daquela brincadeira na praia, em que tenta sentar-se em uma bola dentro do mar? Você tentou com muito esforço colocar a bola debaixo d'água e quase conseguiu, mas no último minuto ela subiu novamente, com toda força, e você teve de começar novamente. O mesmo acontece com a revelação de Deus e nossa resposta a ela. Suprimimos a verdade, mas nunca conseguimos suprimir completamente a verdade. A realidade continua aparecendo no meio do caminho. O mundo real não parece ser do formato certo para preencher nosso vazio, então se ouve uma horrível dissonância enquanto aplicamos força para que ele em nosso vazio.

Outro motivo pela qual a verdade permanece se revelando, é que fomos feitos à imagem de Deus, então falamos e realizamos somente como criaturas. Não podemos nem mesmo criar histórias a partir do nada! É por isso que através da história parece haver perguntas, temas e tramas perenes pelos quais escritores se atraem, vez após vez — a busca pelo amor, da riqueza à pobreza, da pobreza à riqueza, o autossacrifício heroico, a busca pelo lar. Há um teólogo que chama isso de “pontos magnéticos” —

questões primordiais pelas quais nos sentimos irresistivelmente atraídos.² Todas essas histórias são meros ecos da história do evangelho.

A imagem de Deus é como uma daquelas velas de aniversário inapagáveis que você pode comprar em uma loja de itens de pegadinhas. Podemos tentar assoprá-la. Podemos lambear nossos dedos para tentar apagá-la. Podemos jogar uma jarra de água nela. Podemos colocar dinamites nela para tentar bombardeá-la — mas ela não morrerá. A chama sempre volta a brilhar. Então, há momentos em que vemos na cultura, não importa quão fugaz ela pareça, a mensagem das sombras e dos raios solares aparecendo: quando a voz de Deus é ouvida em meio aos nossos brados.

Deus continua se revelando, e nós continuamos suprimindo a mensagem. Então somos “indesculpáveis” (Rm 1.20) — sabemos a verdade; apenas não queremos ouvi-la.

SEGUNDA REPOSTA: SUBSTITUIÇÃO

Não apenas suprimimos a verdade, mas substituímos outras coisas pela verdade, como Paulo continua escrevendo:

... porque, mesmo tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, mas seu pensamento se tornou fútil e o seu coração tolo se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens semelhantes ao ser humano mortal bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis (Rm 1.21-23).

Quando suprimimos a verdade, preenchemos a lacuna com deuses substitutos. A Bíblia chama isso de idolatria. A idolatria transforma “coisas

boas” em “coisas-deuses”. Sermos feitos à imagem de Deus significa que somos adoradores instintivos. Então, quando tentamos sufocar a realidade, acabamos criando realidades distorcidas, da qual somos devotos.

Pense sobre quando temos um pesadelo. Muitas vezes nossos pesadelos são feitos de coisas comuns com as quais deparamos durante o dia, que tomam um formato extraordinário, por conta própria, durante nosso sono. Essas coisas são tiradas de proporção e se tornam monstruosas e grotescas, como em uma sala de espelhos em um parque de diversões.

A idolatria é exatamente assim. A complexidade da idolatria pega algo bom da criação e o infla e distorce para ser um deus funcional. Cultura é o que fazemos quando muitos de nós estamos tendo a mesma fantasia distorcida. Os ídolos distorcem e invocam uma história falsa do evangelho e fazem promessas ao mundo, mas em última análise, só entregam desilusão, desespero e destruição. E mais importante, a idolatria sempre é, em última análise, contrária a Deus e à maneira com a qual ele escolheu se revelar a nós.

As sombras e os raios solares de Deus têm o propósito de sinalizar e apontar para realidades eternas. Aquele constante gotejamento frio em nossa face serve para nos alertar. Aquele raio solar quente em nossa face serve para evocar nosso agradecimento. Porém, quando em nossos pesadelos, esses sinais são desconectados de seus reais significados, passam a apontar para si mesmos. Eles tomam o lugar de Deus. É o equivalente de pensar que a entrada é, na verdade, o prato principal. Quando todas as esperanças, medos, desejos, anseios e identidades de nossa cultura apontam apenas para o *agora*, a realidade iminente diante

de nossos olhos, sem senso algum do que está por vir, então algo deu muito errado.

As sombras de Deus nos dizem que algo deu errado com o mundo e com a humanidade, e no fundo sabemos disso, mas as histórias e os roteiros que a cultura constrói em livros, TV, filmes e mídias sociais são fantasias ilusórias. O autor Grant Horner coloca isso da seguinte forma:

Apegamo-nos a visões totalmente irrealistas sobre a natureza humana, e temos dificuldades com o reconhecimento de que “algo não está certo” com o mundo. A partir disso, as pessoas tendem a tomar duas direções: elas se tornam idealistas distantes da realidade ou se tornam céticos distantes da humanidade. Consequentemente, temos os dois grandes gêneros clássicos, a comédia e a tragédia. Na comédia tudo vai dar certo; todos morrerão miseravelmente na tragédia. Qual delas realmente acontecerá? *A noviça rebelde* (1965) ou *Os imperdoáveis*? Escapamos dos montes suíços cantando *Edelweiss* ou morremos no chão do salão de dança, rolando em sangue e vidros quebrados, sonhando com uma casa na qual nunca viveremos?³

Então, em resposta à mensagem de Deus, nossa supressão e substituição idólatras resultam em culturas de histórias quebradas e fragmentadas. Elas criam o que parece ser um mundo imaginário muito plausível e ingênuo. Mas aqui está o que realmente importa lembrar: os ídolos parasitam na verdade. Elas são como imitadores de bolsas de grife — *parece* uma Gucci, mas definitivamente *não* é uma Gucci. Por essas histórias idólatras serem histórias *falsificadas*, elas nos dão apenas um deslumbre e um lampejo da verdade e da realidade da revelação de Deus. Mas, em última análise, estas

são pesadelos fantasiosos, histórias terrivelmente deformadas. Habitar nelas e seguir o roteiro que elas nos dão nos afasta ainda mais da realidade, de nós mesmos e do Criador. Precisamos ser chamados a despertar. Precisamos de uma história melhor.

ACORDE!

Provavelmente existe algum conselho médico que contraindique isso, mas sempre fico feliz quando minha esposa, Elly, me acorda de um pesadelo. É um sentimento de puro alívio quando escuto as palavras, “Amor, não se preocupe. É apenas um pesadelo. Não é real”.

Como cristãos, acreditamos que apenas o poder do evangelho de Jesus Cristo revelado na Bíblia pode nos acordar dos pesadelos que vivemos e nos trazer de volta à realidade. Somente o evangelho pode trazer sanidade e colocar o mundo de volta aos eixos. Ele nos dá uma maneira nova de enxergar e interpretar o mundo, que é a do *próprio Deus*, fundada na nova vida que Jesus traz em sua vida, morte e ressurreição. Lembre-se, quando nos tornamos cristãos e o Espírito passa a habitar em nós, a nova criação já começou em nós. Agora você e eu temos um papel de ampliar a mensagem de Deus ao mundo ao nosso redor.

A Bíblia faz uma sátira penetrante ainda melhor que *The Onion* (organização americana de mídia digital e jornalismo satírico). Em Isaías 40 —55, o profeta dá uma aula magistral de comparação entre Deus, o Santo de Israel, e os ídolos inúteis construídos e adorados pelas nações ao redor. O grande ponto é que não há comparação. Como Israel poderia sequer se sentir tentada a seguir qualquer outro Senhor, quando não há outro? Então, no capítulo 44, Isaías ridiculariza o idólatra que, a partir de um bloco de madeira, faz tanto o deus, quanto o fogo de seu jantar:

Não sabem nada, não entendem nada;
seus olhos estão encobertos para que não possam ver,
e mentes suas estão fechadas para que não possam
entender.

Nenhum deles para e pensa;
não têm conhecimento nem entendimento para dizer:
“Queimei metade no fogo;
assei pão sobre as suas brasas;
fiz um assado e dele comi” (Is 44.18,19).

“Nenhum deles para e pensa”. A maioria das pessoas que conheço não pensam sobre cultura, adoração ou maneiras de enxergar o mundo, ou idolatria, ou sobre a ira e a graça que se percebe. Estão apenas vivendo a vida. Estão simplesmente rolando a página do Facebook. Estão apenas assistindo TV. Não param para pensar. E faz parte da nossa missão fazê-los parar e pensar — para tentar despertá-los de seus pesadelos e trazê-los de volta à realidade, de volta aos seus sentidos. Os ídolos que adoramos não conseguem nem podem entregar, em nível algum, aquilo que prometem, seja intelectual, emocional ou imaginativamente. Eles não podem dar explicações definitivamente satisfatórias sobre o mundo.

Nosso papel é fazer com que as pessoas “parem e pensem” sobre seu autoengano. Fazer com que elas “parem e pensem” sobre os comprometimentos que fazem, sobre as autoridades que escutam, sobre as histórias e os roteiros que seguem. E a partir daí, Jesus está há um passo de distância.

“Ninguém para e pensa”. E você? Quando foi a última vez que você parou para pensar? Sobre o filme que todos estão falando, ou sobre o

artigo de notícia que você acabou de ler, ou sobre a música que está presa em sua mente. Os cristãos não estão imunes a serem seduzidos por essas histórias idólatras. Lembra-se das palavras finais do apóstolo João aos cristãos em sua primeira carta? “Filhinhos, afastem-se dos ídolos” (1Jo 5.21). Passamos nossos dias submersos nessas histórias culturais — então precisamos aprender a consumi-las de forma inteligente. Precisamos aprender a identificar onde elas estão suprimindo a verdade, e onde a verdade continua “emergindo” como a bola da praia. Esse é o significado de “interagir com a cultura” — não devemos engolir totalmente as histórias, mas deixar que nossos olhos sejam guiados vez após vez para a história do evangelho.

Podemos tanto confrontar quanto conectar o evangelho a qualquer história descaracterizada em nossa cultura e em todas as culturas. Mas como, exatamente? Sobre isso vamos falar muito em breve. Mas, antes disso, precisamos parar e lidar com algo que é um pouco complicado.

¹Edição em português: Douglas Adams, *O guia do mochileiro das galáxias* (São Paulo: Arqueiro, 2011).

²J. H. Bavinck, *The church between temple and mosque* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 33.

³Grant Horner, *Meaning at the movies* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 47.

4

“POSSO ASSISTIR...?”

Em um livro sobre interação cultural e com um capítulo com esse nome você provavelmente já adivinhou qual é a pergunta...

Como cristão, posso assistir [complete com uma série de TV qualquer com sexo e/ou violência]?

Você provavelmente estava esperando por este capítulo. Certamente, talvez este seja o primeiro capítulo que você folheou (eu provavelmente teria feito a mesma coisa!). Sei que estou protelando para escrever sobre isso. Porque a resposta curta é “depende”. Isso pode ser frustrante: “Obrigado por nada, Dan. Você está saindo pela tangente”. Bem, apenas me escute.

Por muito tempo, perguntas como “Posso assistir...?”, “Devo assistir...?” e “Quando sei que fui longe demais?” criaram muita tensão (e muitas publicações em blogs) na nossa subcultura cristã. Mais recentemente, muito disso girou em torno de séries como *Mad men* e *Game of thrones*. Os vários argumentos já foram ensaiados, respondidos e reensaiados e novamente respondidos. Estou exausto de apenas acompanhar o diálogo. Se eu lesse todo o debate, não teria tempo de assistir a essas séries, mesmo se quisesse!

As questões teológicas levantadas nessa discussão são tão antigas quanto a humanidade. É a mais recente tensão entre estar “no mundo,

mas não ser do mundo”. É o equilíbrio delicado que assegura que a *liberdade* em Cristo não se torne ou soe algo *licencioso* — permissão para pecar — ou *legalista* — um foco no cumprimento de regras. O fato de estarmos tendo essas discussões provavelmente pode ser visto como um bom sinal de saúde. Acho que chamam isso de “tensão criativa”. O que ela de fato nos mostra é que a revisão de alguns textos, uma publicação em um blog e alguns comentários improvisados nunca vão satisfazer tais questões de uma vez por todas — cada geração articulará essa dificuldade a sua própria maneira.

ANDANDO NA CORDA BAMBA

No fim das contas, por que o que assistimos é tão relevante? No capítulo 2 demos quatro razões pelas quais interagimos com a cultura. Essas são as razões pelas quais precisamos tomar cuidado com o que assistimos (compramos, ouvimos, lemos, brincamos e vemos nas redes sociais):

- Como consumidores e criadores culturais, não temos escolha — estamos rodeados de coisas. Sempre vamos assistir a algo.
- Nós nos preocupamos com nosso próprio discipulado e o discipulado de outros — queremos honrar a Cristo na maneira como vivemos hoje, e ajudar os outros a fazerem o mesmo.
- Nós nos importamos em falar de Jesus para os outros, para que possam se tornar discípulos — nossas premissas culturais moldam a maneira como fazemos isso, e nossas escolhas culturais podem ajudar também.
- Como embaixadores e vice regentes, nos importamos com o senhorio de Jesus sobre todas as coisas — ele merece ser glorificado em todos

os programas de TV, podcasts de rádio e histórias do Instagram.

Quando consideradas da maneira correta, essas quatro razões podem dar as mãos, caminhar juntas e se entender muito bem. Mas elas também podem facilmente separar-se uma da outra, quando focamos mais em uma do que em outra. A chave para responder corretamente à pergunta “Posso assistir?” é manter as quatro em tensão.

Manter verdade em tensão é algo que encontramos vez após vez nas Escrituras. O apóstolo João, que disse, “Filhinhos, afastem-se dos ídolos” (1Jo 5.21), e “Não amem o mundo nem o que nele há” (2.15), é o mesmo João que escreve sobre Jesus interagindo com a mulher samaritana no lugar onde ela estava (Jo 4), e que depois registra Jesus orando sobre seus discípulos serem enviados *para* o mundo (17.18).

O apóstolo Paulo escreve sobre se tornar “tudo para com todos, para que por todos os meios possíveis eu possa salvar alguns” (1Co 9.19-23). Porém, ele é o mesmo apóstolo que vez após vez, chama os discípulos a serem sábios na forma como andam (Ef 5.15), a fugirem da imoralidade sexual (1Co 6.18), a manter os mandamentos de Deus e a “lei de Cristo” (1Co 7.19; Gl 6.2), e diz: “Não se associem com as obras infrutíferas das trevas; pelo contrário, exponham-nas à luz. Pois é vergonhoso até mesmo mencionar as coisas que os desobedientes fazem às escondidas” (Ef 5.11,12).

Jesus Cristo, o Senhor de toda criação e Criador de todo bom dom — que foi criticado por ser amigo de cobradores de impostos, de prostitutas e de estrangeiros, e que nos ordena a, igualmente, fazer discípulos de todas as nações — é o mesmo Senhor que nos alerta para o fato de que “todo aquele que olhar com desejo para uma mulher já cometeu adultério com

ela no coração. Se o seu olho direito o faz tropeçar, arranque-o e jogue-o fora” (Mt 5.28,29).

DE QUE DEPENDE O “DEPENDE”

Então, a tensão é algo normal. Isso significa que é uma questão de sabedoria e discernimento saber quando um envolvimento e diversão cultural são, na verdade, tolerância e idolatria cultural ilegítimas. Como você sabe o que pode ou não pode assistir?

Bem... depende. Não há uma resposta pronta capaz de responder rigorosamente a cada programa a ser assistido ou a cada situação. Considere algumas das coisas da qual depende o “depende”.

Em primeiro lugar, todos temos *personalidades* diferentes — todos nós agimos de uma determinada maneira. O sexo, se feminino ou masculino, tem influência sobre isso, apesar de não definir totalmente a questão. Mais precisamente, todos temos o que Richard Lovelace chama de “carne própria” — as maneiras particulares em que tendemos a divagar e a nos enganar. E sim, podemos ser muito adeptos ao autoengano.

Em segundo lugar, a *consciência* de cada um é calibrada diferentemente, com níveis variados de consciência (falaremos mais sobre esse assunto).

Em terceiro lugar, nossos *contextos* fazem diferença — tanto a ampla cultura à qual pertencemos, quanto a rede singular de relacionamentos que forma nossa vida. Para alguns de nós é mais difícil do que para outros evitar as poças lamacentas, especialmente quando algumas pessoas que amamos estão afundadas nelas, se chafurdando nelas com alegria, mas lentamente se afundando mais profundamente. Ao estendermos a mão para salvá-las, corremos o risco de sujar nossas roupas.

Finalmente, uma dose saudável de *senso comum* santificado significa que alguns chamados a julgamento são mais fáceis que outros. Dinheiro, sexo e poder são áreas comuns em que precisamos ter cuidado; precisamos ser vigilantes em guardar o coração para assegurar-nos de que não seremos sugados pela maneira de pensar do mundo nessas áreas. Porém, na verdade, esses são perigos relativamente óbvios. Também precisamos ter cuidado com as áreas que são mais sutis, porém danosas.

Por exemplo, a maioria dos cristãos está muito preocupada com o aumento da sexualização na nossa cultura, mas e com o *sentimentalismo* de nossa cultura? O sentimentalismo é a autoindulgência emocional, onde o que você sente se torna o mais importante. Vemos isso muitas vezes na reação pública à morte de uma celebridade. Apesar de aparentemente bem intencionado, o sentimentalismo, na verdade, é egoísta. Ele direciona nossas emoções para nossas próprias emoções, para que sejamos sempre a personagem principal da nossa história. Apesar de fingir se importar pelo “outro”, na verdade o sentimentalismo só se importa consigo mesmo — o “outro” se torna meramente um meio para se atingir um fim (sentir algo). O sentimentalismo nos permite experimentar uma expressão emocional compartilhada pelo público, sem o compromisso de relacionamentos reais. Ele é, propriamente dito, simplista. Deixa pouco espaço para a nuance, complexidade e coragem. O mundo sentimental consiste em cortes únicos: de coisas boas e ruins, vítimas e agressores. Toda situação exige uma resposta imediata.

Isso não descreve uma infinidade de reality shows na TV e “comédias” para crianças no Disney Channel e na Nickelodeon? Podemos pensar que esses tipos de programas são inocentes para nós e nossas crianças porque não estão cheios de sexo, palavrões e violência. Mas eles são sentimentais

de forma doentia e têm efeitos deteriorantes, pois apresentam um mundo fantástico perfeito que nos encoraja a sentir algo em clichês. Ou considere o filme *O rei do show*. Em certo nível, é um filme de família com uma mensagem que faz com que sintamos algo e com uma trilha sonora contagiante. Mas esse “sentimento bom” faz parte do problema: é fácil demais. As coisas são remendadas muito facilmente com uma canção emotiva, enquanto as personagens voltam a dançar no final, com tigres e efeitos especiais. A vida real é mais bagunçada.

Isso não significa que nunca devemos assistir a tais produções ou impedir nossos filhos de assistirem, mas às vezes precisamos alertá-los. Quando esses programas passam em nossa casa, grito a palavra “porão” nos momentos ofensivos.

Existe um lado público e político em tudo isso também. A pressão sentimentalista à simplicidade e a respostas rápidas significa que autoridades podem ser pressionadas a resolver as coisas rapidamente, e a não se estenderem nas difíceis reflexões sobre soluções a longo prazo, que demonstraria verdadeira preocupação. Apesar de todas as apresentações de *Somewhere over the rainbow* feitas por Ariana Grande, em resposta ao bombardeio da Arena Manchester em 2017, expressarem solidariedade e a importância de expressões comunitárias de sofrimento, elas não derrotarão o Estado Islâmico.

Estou sendo cético demais? Talvez. Mas o ponto é este: ao consumirmos a cultura, sexo não é o único perigo ao qual precisamos estar alertas.

CINCO CANTOS DE TORCIDA TEOLÓGICOS

Se essas são todas as coisas da qual depende o “depende” , como é possível darmos uma resposta sobre este ou aquele artista, ou novela, ou série de TV? Quando penso sobre essas coisas, sinto que estou tão distante da toca do coelho que estou totalmente desorientado. Mas há uma maneira de ser puxado para fora, de ganhar uma perspectiva e ver a madeira, não somente as árvores: ser reiniciado e reorientado. E isso vem de uma fonte improvável.

Talvez você se lembre que em 2017, a Reforma Protestante completou quinhentos anos — um período da história em que as pessoas em toda a Europa redescobriram as verdades que estão no coração da Bíblia. Durante o verão de 2017, fui convidado a dar uma série de palestras em conferências sobre os Cinco *solas* da Reforma — cinco slogans protagonizando a palavra *sola* (“sozinho” em latim), que se tornou um grito de reanimação do que significa ser protestante. Podemos chamá-los de cantos de torcida teológicos: *somente a Escritura, somente a graça, somente a fé, somente Cristo, somente a glória de Deus*.

Na época, pensei que preparar esse material seria uma pausa providencial de todas as “coisas culturais” do século 21, nas quais estou normalmente pensando, e uma retomada das coisas do século 16. Para minha surpresa, enquanto me preparava, fui tocado pela relevância desses slogans ao tópico de relevância cultural como um todo. Essas preciosas verdades, que são o pulsar da nossa fé, podem atuar como fundamento, cercas e bandeiras para nós. Elas são testes ou filtros úteis, por meio dos quais medimos nosso consumo e criação culturais. Chamo esses “*solas*” de “únicas” opções. Vamos vê-los separadamente.

SOMENTE A ESCRITURA

“Somente a Escritura” declara que a Bíblia é a nossa autoridade máxima e que devemos interpretar o mundo por meio da Palavra. Isso envolve não apenas pensar *sobre* a Bíblia (apesar de termos que fazer isso, é claro); envolve pensar *pelas lentes* da Bíblia — pensar *biblicamente* sobre todo o restante. Não tem nada a ver com pegar versículos aleatórios, nem com histórias e verdades isoladas, mas requer aprofundar-se — ir mais além a fim de formular uma resposta que faça sentido. A Bíblia tem estruturas e padrões repetidos que agem como um par de óculos de raio X que colocamos para enxergar *todo* o mundo o *todo* tempo, como ele *realmente* é. Já estamos falando sobre alguns desses padrões neste livro, mas há muitos outros, muitos que são apresentados no começo de Gênesis.¹

Diferentemente de minha filha, que só usa seus óculos para ver TV, precisamos usar nossos óculos de raio X o tempo todo, usando-os para olhar e acessar tudo que os seres humanos fazem. O autor C. S. Lewis disse, “creio no cristianismo como creio que o sol nasceu, não apenas porque o vejo, mas porque por meio dele posso ver todas as coisas”.² Lewis estava apenas ecoando o salmista: “Pois em tua luz vemos a luz” (Sl 36.9).

Como já vimos, se não estivermos olhando para o mundo por meio das histórias da Bíblia, há muitas outras “grandes histórias” prontas para nos enganar. Elas estão rondando a nossa sociedade, procurando ser aquelas que têm o domínio da interpretação do universo. Mais precisamente, elas estão vagando no “subsolo” de nossa sociedade. Parafraseando um *hit* recente, *it’s all about the bass* [tudo tem a ver com o baixo] — trecho de música que faz referência ao contrabaixo, dando a entender que ele é o pano de fundo da estrutura musical. Essas histórias estão tamborilando abaixo da superfície; mas muitas vezes as perdemos de vista se permanecemos apenas acima do solo e escutamos o que parece ser

apenas uma bagunça caótica e aleatória que está saindo pela tela da TV. Essas outras “grandes histórias” estão nos influenciando a saber o que é importante e porque, a saber e sentir o que é digno de louvor e o que é digno de culpa, e que tipo de ação é apropriado para promover o louvor e enfrentar a culpa. Novamente, não pensamos muitas vezes *sobre* essas outras histórias porque a nossa sociedade pensa junto com elas.

Às vezes, porém, conseguimos espiar o que está acontecendo. Lembro de entrar com certa preocupação no quarto de meu filho, depois de seu primeiro período estudando geografia na universidade, ao ver no chão os livros que ele tinha de ler. A maioria deles era escrito pelo ateu Michel Foucault, cujas grandes teorias sobre conhecimento, poder e sexualidade, haviam influenciado muito nossa sociedade, incluindo o estudo da geografia. Certamente essas mesmas teorias influenciaram aqueles na televisão e em outras mídias e artes.

Se não discernimos, articularmos, se não buscarmos fazer com que as pessoas vejam o modelo bíblico para o florescimento da vida humana e da cultura, então outros farão... e estão fazendo. E em última análise, todas essas histórias alternativas são vazias de esperança.

Então, quando você está assistindo a algo ou pensando se deve assistir, pergunte a si mesmo:

- Por que parece que todos pensam que isso é bom ou importante? O que isso revela sobre o que as pessoas pensam ser importante ou digno de adoração?
- Por que aprecio isto ou penso que apreciaria? O que isso revela sobre o que penso ser importante ou digno de adoração?
- Como isso se compara ao padrão bíblico? A Escritura concorda que essas coisas são importantes ou dignas de adoração? Ou essas

mensagens estão vindo de uma “grande história” alternativa?

SOMENTE A GRAÇA

Somente a graça pode nos lembrar que o fato de Deus nos aceitar não está baseado em algo que “façamos”, mas no que Deus “fez” por meio de Cristo. Não contribuímos em nada. Não podemos conquistar nossa salvação — é um presente gratuito.

Qual é relevância cultural disso? Significa que a razão pela qual assistimos ou não a algo precisa ser focada na graça. Precisamos estar alertas a qualquer lógica para o “não” que coloca o imperativo (p. ex., santo) *antes* do indicativo (p. ex., você é santo *em Cristo*). Essa ordem é relevante. Se sou salvo somente pela graça, então a intenção por trás de minhas escolhas culturais não é manter regras para de alguma forma impressionar a Deus ou provar que sou digno, mas para amar e honrar a Deus por tudo o que ele já fez por mim.

Em segundo lugar, algo não soa tão bem quando, nesse tom do debate cultural, há uma angústia sobre a sobrevivência da igreja, ou sobre o risco de alguém perder a fé pessoal. É quase como se acreditássemos que precisamos tomar controle da direção e fazer algo urgentemente, porque Deus de alguma forma adormeceu. Mas se somos salvos pela graça, então é *tudo* de Deus. Ele é soberano e está no controle do barco; nenhum programa de TV pode nos conduzir a um *iceberg* quando o nosso Pai está no leme. Isso não significa que o Novo Testamento não nos alerte sobre estarmos vigiantes contra o pecado — ele alerta (p. ex., em Ef 5.3-6). Veremos mais sobre isso muito em breve. Mas há um perigo oposto também. Mike Cospers acertou quando disse:

A graça molda nossos encontros com o mundo ao nos prometer, primeiramente, que nada nunca nos prejudicará eternamente e em segundo lugar, ao nos motivar a fazer coisas melhores, a ter padrões melhores, maneiras melhores de pensar sobre as coisas com as quais deparamos. Onde a lei motiva com a ameaça da punição, a graça motiva com a promessa da alegria. Podemos pisar neste mundo com o senso de que fomos convidados. Este é o mundo do nosso Pai. O que queremos explorar hoje?³

Isso significa que podemos fazer as seguintes perguntas:

- Se quando considero escolher essa cultura, meu instinto diz “não” — por que isso acontece? Isso está enraizado em um imperativo ou em um indicativo?
- É possível que eu esteja erroneamente assustado, ou estou buscando desfrutar viver como filho de meu Pai?

SOMENTE A FÉ

“Somente a fé” me lembra dos meios pelos quais estou unido com Cristo e recebo todos os benefícios disso — é apenas através da fé.

Esses benefícios incluem o que João Calvino chama de “graça em dobro”. Em primeiro lugar, através da nossa fé inicial, somos reconciliados com Deus — o registro perfeito de Cristo se torna o nosso registro perfeito. Em segundo lugar, por meio de nossa fé constante, somos “santificados pelo espírito de Cristo [para] que possamos cultivar a irrepreensibilidade e pureza da vida”.⁴ Longe de andar na ponta dos pés para evitar o mal, nossa vívida fé nos incentiva a buscar boas obras que jorram em nossas igrejas e comunidades, trazendo bênçãos a indivíduos, famílias e à sociedade como

um todo: “Vocês, meus irmãos, foram chamados para a liberdade. Mas não usem da liberdade como pretexto para a carne; antes, sirvam uns aos outros humildemente em amor” (Gl 5.13). Nossas boas obras incluem nossos esforços culturais, que fazem parte do modo pelo qual exercemos domínio, enchemos e subjugamos a terra. Lembre-se, não somos meros consumidores, mas criadores.

Considere o seguinte. No debate de “posso assistir?”, um dos motivos pelos quais consideramos passar por cima de aspectos não úteis de um programa de TV ou filme em particular, são as coisas boas que tiramos deles: a habilidade incrível de narrativas e roteiros complexos e sutis, ou a criação artística incrível de um mundo que nos faz suspirar. Gostaria de fazer algumas perguntas difíceis agora: será que, pelos nossos próprios reservatórios culturais estarem vazios, nossa imaginação faminta é forçada a viver das migalhas deste mundo? Estamos sempre consumindo cultura e nunca criando? Por que *nós* não estamos contando histórias melhores com o mesmo realismo, imaginação, sutileza, complexidade e beleza, mas sem aqueles aspectos que as tornam difíceis e inúteis para nós? Por que não estamos estrategicamente identificando, capacitando, fornecendo os recursos e enviando ao mundo cristãos dotados em artes e em mídia?⁵

Isso pode começar com você. Escreva um poema, cantarole uma música, desenhe algo, imagine um enredo, esboce um roteiro. Criar, em vez de apenas consumir, significará tomar decisões conscientes. Há apenas 24 horas em um dia. Precisaremos priorizar. Nossos hábitos de mídias sociais precisarão ser examinados com mais cuidado, para que estejamos menos distraídos e mais disciplinados em exercitar a nossa mente.⁶ Mas nossa imaginação faminta nos agradecerá pelo banquete.

Então, enquanto você considera uma escolha cultural em particular (“Posso assistir [coloque o título aqui]?”), pergunte-se:

- Qual é a “retribuição” que você quer extrair disso? Há alguma maneira de criar uma cultura que celebra o que é bom, sem a necessidade de se comprometer?
- Como você poderia proteger o tempo para criar mais coisas para a cultura? Como você pode encorajar seus irmãos e irmãs a fazerem o mesmo?

SOMENTE CRISTO

Somente Cristo declara que a salvação é alcançada somente por meio da morte e da ressurreição de Cristo — ele é o mediador que precisamos entre nós e Deus.

Como dissemos em capítulos anteriores, somos criaturas feitas à imagem de Deus, projetadas para um relacionamento eterno com ele, e feitas para a transcendência. Apesar de o mundo ao nosso redor suprimir essa verdade, argumentando que a vida “debaixo do sol” é tudo o que há, nunca podemos erradicar o nosso senso do divino. Ele aparecerá em tudo o que o ser humano faz. Vemos isso em todos os lugares quando olhamos corretamente. O secular com certeza é perseguido por esse anseio por um significado mais profundo. Apesar da retórica, não é fácil falar e agir consistentemente, como se este mundo material fosse tudo o que há.

Porém, “somente Cristo” significa que não devemos nos deixar levar por essa percepção. Sim, nossa cultura sempre procurará por algo mais. Mas a não ser que a busca encontre realização no Jesus Cristo das Escrituras, ela permanece presa em um mundo de idolatria. Um senso

vago de “transcendência”, “fé”, “espiritualidade” e até de “teísmo” não é suficiente, porque a salvação vem por meio da fé somente em Cristo. As pessoas podem estar “buscando” a Deus (At 17.27), mas a busca delas é como as de ciclopes cegos que tateavam por Odisseu e seu grupo na mitologia grega.

Porém, por dois mil anos, aqueles na vanguarda da criação cultural, foram muitas vezes atraídos magneticamente a Jesus e às questões que ele apresenta à humanidade a respeito de quem ele é (explorando temas sobre transcendência e imanência) e o que ele fez (temas sobre sacrifício, perdão e vitória). Em toda manifestação cultural, há sempre um ponto de contato entre o verdadeiro Cristo, que podemos usar para levar amorosamente as pessoas a Ele. Jesus Cristo é relevante — ontem, hoje e para sempre.

Em segundo lugar, “somente Cristo” deveria atuar como um lembrete sério sobre nosso chamado à santidade. Em 1Pedro 1.17-19, o apóstolo diz que devemos viver em “temor reverente”, pois sabemos que “não foi com coisas perecíveis, como prata ou ouro que vocês foram redimidos da maneira vazia de viver, transmitidas por seus antepassados, mas pelo precioso sangue de Cristo, um cordeiro sem mancha ou defeito”. Devemos ter a preocupação genuína de que não tenhamos uma conduta que sugira um novo nascimento irrelevante — que Cristo estava perdendo seu tempo quando derramou sua vida e provavelmente não precisava ter feito isso. John Piper nos dá um tapa na cara aqui: “Se escolhemos endossar ou abraçar, ou desfrutar de, ou buscar impureza, estamos pegando uma lança e ferindo a lateral do corpo de Jesus toda vez que fazemos essas coisas. Ele sofreu para nos libertar da impureza”.⁷

Isso nos leva a essas perguntas ao consideramos o “posso assistir?”:

- De que maneira essa obra cultural comunica um anseio por “algo mais”? Qual é o “ponto de contato” com Cristo?
- Minha atitude diante dessa obra cultural reflete o “temor” por Deus? Ao assistir isso, eu estaria sendo levado a endossar ou abraçar, ou desfrutar de, ou buscar impureza? O que isso diz sobre minha atitude em relação a Cristo?

SOMENTE A GLÓRIA DE DEUS

Finalmente, somente a glória de Deus. Essa é a cola que une e resume os *solas*: não adicionamos nada; tudo gira em torno dele. Tudo existe para demonstrar as excelências de Deus e aumentar a sua fama. Ele é glorificado em nós e através de nós, seu povo. Mas não devemos imaginá-lo como um megalomaniaco egocêntrico — Deus nos “programou” de forma que encontramos a maior alegria e satisfação ao vivermos para sua glória. Em capítulos anteriores, já refletimos sobre o mandato cultural, e nosso chamado e vocação para tornar cada pensamento cativo a Cristo. O fato de Deus estar sendo glorificado ou não é o teste decisivo para provar se o nosso consumo e criação culturais são fiéis. Tudo que fizermos pode e deve ser para sua glória: “Quer comam, bebam ou façam qualquer coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31).

Então a nossa última pergunta é bem simples:

- Assistir _____ glorifica a Deus?

QUATRO GUIAS E UM LEMBRETE

Então essas são as perguntas que devemos nos fazer ao pesquisar a vasta oferta do Netflix. Mas há alguns guias práticos que podem nos ajudar a consumir fielmente a cultura também.

Há uma verificação interna que chamamos de *consciência*. Para os cristãos, esse é o nosso sistema interior de testemunho e de advertência dado por Deus. As Escrituras dizem que devemos obedecê-lo e não ir contra ele (Rm 14; 1Co 8). Então, como regra geral, se nos sentimos mal ao assistir algo, então não devemos assistir. Lembre-se também que a nossa liberdade em Cristo não deve se tornar uma pedra de tropeço para aqueles cuja consciência fala de forma diferente. Então mesmo que você consiga assistir a algo com a consciência limpa, não comece a delirar sobre isso na frente de cristãos cuja consciência possa estar aflita! “Nós, que somos fortes, temos o dever de suportar as fraquezas do fraco, em vez de agradar a nós mesmos. Cada um de nós deve agradar ao próximo, visando a edificação dele” (Rm 15.1,2). É importante lembrar que a nossa consciência certamente não é um guia infalível. Ela pode ser exageradamente sensível. Ela pode ser nociva e acomodada (1Tm 4.2; Hb 10.22). Mas ela pode nos ajudar, especialmente quando é cuidada, treinada e calibrada pela verdade.⁸

Há a verificação externa da *comunidade* cristã — cristãos que nos conhecem muito bem e com quem há honestidade e prestação de contas mútuas. Que tal assistir a programas juntos, em vez de fazer isso sozinho? Isso nos dá a oportunidade de identificar certas coisas e de ter conversas antes e depois (e até durante, se necessário). Novamente, a comunidade não é uma varinha de condão — se podemos nos autoenganar, com certeza conseguimos enganar os outros — mas ela definitivamente pode ajudar.

Há então o corpo de Cristo, a *igreja*. Lembre-se, nossas reuniões semanais são um “agrupamento santo”. Elas são mais como uma tenda médica do exército *para* onde as pessoas do campo de guerra são levadas, antes de *voltarem* à batalha. É onde os nossos óculos de raio X são polidos. Somos lembrados do que Deus diz ser realmente importante e digno de adoração, entusiasmados novamente pelas histórias da Bíblia, e equipados para exaltar a Cristo e viver para ele neste mundo maior.

A seguir, para manter essa consonância agradável, há a *evasão* — maneiras de evadir e evitar obstáculos, o que seria bom encontrar:

- A mão sobre os olhos.
- A mão no botão do avançar.
- A mão na tecnologia, p. ex., serviços que filtram o conteúdo, como a empresa americana VidAngel, que estão se tornando cada mais sofisticados.

Novamente, essas medidas não oferecem proteção infalível, e chega um ponto em que, se estou passando a maior parte do tempo olhando para minha mão, assistindo coisas em uma velocidade trinta vezes maior ou assistindo a clipes desconectados, pois muito foi filtrado, então, francamente, qual é o sentido?

Finalmente, lembre-se que se decidirmos que não devemos assistir a alguma coisa, não estamos completamente desqualificados para comentar sobre o assunto ao tentarmos, por meio dele, interagir com amigos não cristãos a respeito do evangelho.

FAÇA UM *CHECKUP* DA CULTURA

Ao terminarmos este capítulo, aqui está um desafio. Separe uma hora nesta semana para você ou com aqueles mais próximos e faça em oração um checkup do seu consumo e criação culturais. Submeta a sua atenção, visão e ações ao nosso teste dos “cinco *solas*” e discirna a saúde de seu coração. Ele está funcionando bem? Precisa de mais exercícios? Está obstruído e precisa de intervenção? Pode ser que a “única opção” lhe dê um novo vigor de vida cultural, por meio do qual você pode abençoar as pessoas e levá-las à verdade. Descobriremos como no próximo capítulo.

¹Um livro excelente que mostra esses padrões é Christopher Watkin, *Thinking through creation* (Phillipsburg: P&R, 2017).

²C. S. Lewis, *The weight of glory* (New York: HarperCollins, 2009), p. 91-2 [edição em português: *O peso da glória* (São Paulo: Vida, 2008)].

³Mike Cosper, *The stories we tell* (Wheaton: Crossway, 2014), a partir da p. 52 [edição em português: *As histórias que contamos* (São Paulo: Pilgrim, 2019)].

⁴John Calvin, *Institutes*, 3.11.1 [edição em português: *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols.; *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Ed. Unesp, 2008), 2 vols.].

⁵Glynn Harrison aponta isso em *A better story* (Nottingham: IVP, 2016).

⁶Cal Newport aponta isso em *Deep work: rules for focused sucess in a distracted world* (London: Paitkus, 2016) [edição em português: *Trabalho focado: como ter sucesso em um mundo distraído* (Rio de Janeiro: Alta Books, 2018)].

⁷John Piper, “Twelve questions to ask before you watch *Game of thrones*”, disponível em: <https://www.desiringgod.org/articles/12-questions-toask-before-you-watch-game-of-thrones>.

⁸Veja Andrew David Naselli; J. D. Crowley, *Conscience: what it is, how to train it, and loving those who differ* (Wheaton: Crossway, 2016).

5

CONFRONTE E CONECTE: A TEORIA

Amo quando surge um plano
— Hannibal, *Esquadrão classe A*

Já tratamos de muitas coisas desde que Miley Cyrus abriu o programa. Já passou da hora de fazermos um balanço e unirmos as informações. Até agora estávamos assentando as bases de por que os cristãos devem se importar em interagir com a cultura, o que é a cultura e como ela funciona. No último capítulo, consideramos como colocar nosso coração no lugar certo, como discípulos, ao consumirmos e criarmos cultura. Nos próximos dois capítulos, vamos estabelecer um plano prático para encontrar maneiras de como podemos interagir com a cultura. Lembre-se, como seguidores e embaixadores do Senhor Jesus, queremos que esse engajamento resulte em um amor cada vez maior por ele, e em dizer aos outros para segui-lo cada vez com mais e mais clareza e com mais poder convicção.

Então faça as malas e passe o protetor solar. Está na hora de uma viagem de carro pela Grécia.

DESTINO: CORINTO

Corinto no primeiro século: uma cidade movimentada pelo comércio e pelo multiculturalismo. Em suas ruas você encontrará diversos templos

para deuses gregos, uma sinagoga judaica e, mais recentemente, uma comunidade emergente de cristãos. É para essa jovem igreja que o apóstolo Paulo escreve:

Pois a mensagem da cruz é insensatez para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus. Pois está escrito:

Destruirei a sabedoria dos sábios e frustrarei a inteligência dos inteligentes.

Onde está o sábio? Onde está o doutor da lei? Onde está o filósofo desta era? Por acaso Deus não tornou insensata a sabedoria deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo por sua própria sabedoria não o conheceu, foi do agrado de Deus, por meio da loucura da pregação, salvar os que creem. Os judeus pedem sinais, e os gregos buscam sabedoria, nós, porém, pregamos Cristo crucificado: pedra de tropeço para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que Deus chamou, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força dos homens (1Co 1.18-25).

O EVANGELHO QUE CONFRONTA

Há alguns anos viajei para Manchester para participar do programa de rádio *Beyond belief* [Além da fé] da BBC 4, mediado por Ernie Rea. O assunto da discussão foi o “inferno”. Como já escrevi sobre esse assunto ao longo dos anos, às vezes sou convidado para falar sobre ele em minha

condição de “aquele homem estranho que tem uma crença tradicional sobre o inferno”. Na mesa de debate comigo naquele dia, estavam um professor liberal de teologia de universidade e um jornalista católico. Basta dizer que eles não tinham uma visão bíblica sobre o inferno em nenhuma maneira ortodoxa, e enquanto a discussão progredia, discordamos fortemente.

O que ficou comigo sobre aquele dia, não foi o fato de meus colegas de debate acharem que a ideia de que Deus puniria o pecado seria atroz — apesar de acharem. Nem que eles se ofenderam com a justiça de Deus — apesar de se ofenderem. Não, o que mais me marcou foi a grande irritação cética que surgiu quando falei sobre a graça de Deus: “O que? Você está dizendo que alguém poderia viver uma vida terrível, mas poderia confessar seus pecados, ser perdoado por Jesus e não ir para o inferno?!”. Eles pensavam que tanto a justiça quanto a graça eram pretensiosas e dignas de risadas.

Porém, o encontro com a ira de Deus — sua fúria justa e concreta contra o pecado — e a graça de Deus — seu perdão total e imerecido do pecado — está no coração da mensagem cristã. Por toda a Bíblia essas duas verdades são colocadas em tensão. São duas realidades que parecem impossíveis de conciliar — até o momento em que Jesus Cristo é crucificado. Naquele dia da história, a ira de Deus foi lançada em seu Filho para que ele pudesse estender graça a nós. Agora, confiar na morte e ressurreição de Cristo é o caminho para ser salvo. A *única maneira* de ser salvo.

Mas isso soa muito estranho para o mundo ao nosso redor: “Pois a mensagem da cruz é insensatez para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus” (v. 18).

Por que a mensagem da cruz soa tola? Porque, como 1Coríntios 1.18-25 nos diz, o evangelho de Jesus Cristo confronta *todas* as culturas. Não há nenhum lugar no mundo onde ele não soe estranho. A ideia de um salvador que morre em uma cruz de madeira reservada para criminosos contradiz fortemente a maneira como o mundo faz coisas. Certamente não teríamos escrito a história dessa maneira. É completa tolice. É escandaloso. É profundamente ofensivo. Mas é através dessa mensagem que Deus se agrada em “salvar aqueles que creem” nela (v. 21).

A estranheza contracultural dessa mensagem significa que compartilhá-la com aqueles que “estão perecendo” sempre será difícil. Quando o assunto é o nosso evangelismo, há, nas palavras do evangelista Rico Tice, uma “linha de dor” que devemos cruzar. Sempre haverá um elemento de confrontação — um conflito entre a maneira com que um descrente vê o mundo e a maneira como Deus vê o mundo. Precisamos que o Espírito Santo nos ajude a resistir à tentação de evitar o confronto, diluindo a mensagem e aparando as arestas daquilo que está parece ultrapassado. Não devemos nos envergonhar de Deus e do evangelho.

E quando o assunto é o nosso próprio discipulado, somos igualmente tentados a mudar o que Jesus exige de seus seguidores, fazendo com que a nossa vida se pareça mais com a daqueles que estão ao nosso redor e que não são cristãos — fazendo nossos valores se parecerem mais com os do mundo. Infelizmente, sabemos que há muitos exemplos de pessoas que sucumbem à essa tentação. Precisamos orar constantemente para que não façamos o mesmo.

O EVANGELHO QUE CONECTA

Alguns cristãos, porém, não se importam com o confronto. Eles dão boas-vindas à ofensa. Eles então pregam uma mensagem “multiuso”, não importa quem esteja sentado diante deles. “Afinal, isso realmente importa?”, alguém pode pensar. “O evangelho é o evangelho, certo?”. Fazer algo diferente complicaria as coisas. Ou pior, adaptar a mensagem de Cristo crucificado para o nosso público pode comprometer o evangelho, tirando seu poder. Não ajuda muito falar sobre o evangelho como algo plausível ou atraente, porque o evangelho é ofensivo.

Mas não acho que Paulo pensasse dessa maneira. Ao invés disso, ele salienta dois grupos específicos com duas culturas específicas: “Os judeus pedem sinais, e os gregos buscam sabedoria...” (v. 22).

Há os judeus — sua visão de mundo gira em torno da ideia de poder. Eles cresceram ouvindo as histórias do Antigo Testamento sobre o grande poder de Deus e seus sinais miraculosos: andar no mar Vermelho, entre duas paredes de água; a queda das muralhas de Jericó; reis ricos como Salomão, visitado pela realeza ao redor do mundo, para lhe prestar homenagem. Poder é o que importa.

Então há os gregos — sua cultura coloca a sabedoria como prêmio. A história deles é cheia de pensadores brilhantes como Sócrates, Platão e Aristóteles. Tudo gira em torno de debates, argumentos racionais, retórica, filosofia e conhecimento. Sabedoria é o que importa.

Os judeus não procuram a sabedoria e os gregos não procuram o poder. Eles têm culturas bem diferentes e são cativados por histórias diferentes. E mesmo assim, se em nosso próprio evangelismo, não levamos em consideração quem é o público — se o contexto cultural é totalmente irrelevante — então por que Paulo faz distinção entre os dois?

Bem, talvez Paulo distinga esses grupos meramente para destacar o contraste massivo entre Cristo e todas as culturas. Quer você esteja procurando poder ou por sabedoria, Cristo crucificado é algo total e completamente diferente. Ele “é pedra de tropeço para os judeus e loucura para os gentios” (v. 23). Cristo confronta todas as culturas.

Porém no próximo versículo, Paulo diz algo fascinante: “Mas para os que Deus chamou, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e a sabedoria de Deus” (v. 24).

Os judeus buscam a algo, e agora Paulo está dizendo que Jesus é esse algo. Os gregos procuram a algo, e Paulo está dizendo que Jesus é esse algo também. Isso significa adaptar a mensagem de Cristo crucificado a uma cultura específica? Isso significa ceder aos desejos culturais de judeus e gregos? Paulo está enfraquecendo a mensagem do evangelho?

De maneira alguma. Pelo contrário, Paulo está conectando Cristo crucificado com a cultura diante dele. Ele certamente prega Cristo crucificado. Certamente diz que Cristo crucificado é uma “pedra de tropeço” e uma “loucura”. A mensagem da cruz sempre *confronta* a cultura. Mas a mensagem da cruz também sempre conecta. Certamente, o poder e sabedoria de Deus no Cristo crucificado é o oposto do poder e da sabedoria que judeus e gregos esperavam. E mesmo assim, Cristo crucificado pode ser compreendido por ambos em termos de poder e sabedoria — o que faz uma conexão com a cultura judaica e com a grega. Tanto cristãos judeus, quanto cristãos gregos, podem olhar para a cruz e encontrar algo que seja profundamente consonante com os seus contextos culturais.

Como isso é possível?

Espero muito que você, ao ler isso, possa ter um momento “eureca”. Aquele momento no filme em que o protagonista tem uma série de *flashbacks* em que todas as peças são colocadas juntas e começam a fazer sentido.

Bom, aqui vão os *flashbacks*. Pense no que falamos em capítulos anteriores sobre o que é a cultura e como ela funciona.

- Pense nos seres humanos como construtores culturais cujos produtos culturais refletem o cerne de sua adoração: adoração a Deus ou adoração a ídolos.
- Pense na conexão entre a “raiz” de nosso coração e o “fruto” da cultura que criamos.
- Pense na natureza da idolatria, que se apropria de coisas boas na criação e as transforma em deuses.
- Pense na conexão entre a falsificação idólatra e o original genuíno. Lembre-se como os ídolos sempre parasitam na verdade e emitem centelhas com elementos da verdade.
- Pense em como Deus nos fala por meio da criação: em como ele dá um significado específico à nossa realidade e como revela sua história sobre o rumo deste mundo.
- Pense em nossa resposta pecaminosa: como suprimimos a história de Deus e a substituímos por falsas histórias, que são caricaturas torcidas e distorcidas da história original.

Os *flashbacks* já estão fazendo sentido? Você está vendo como o evangelho se conecta? Uma maneira útil de resumir esse relacionamento entre o evangelho de Jesus e a cultura é a expressão “cumprimento subversivo”. O evangelho é o cumprimento subversivo da cultura. Isso soa um pouco

elegante e complicado, mas na verdade não é. Descreve como o evangelho, comparado com as histórias idólatras que o mundo conta, subverte e preenche, confronta e conecta.

Ele *subverte* no sentido de que *confronta*, ele desfaz e derruba as histórias do mundo. Chama a novas maneiras de enxergar o mundo porque as antigas maneiras são inúteis e danosas. É um apelo para o arrependimento e a fé na história suprema do Cristo crucificado.

Porém, o evangelho *cumpr*e no sentido de que *conecta* e se prova digno de nossas esperanças e desejos. O evangelho é atraente por ser um chamado a abandonarmos esperanças e desejos falsos por esperanças e desejos novos, *porque esses novos desejos e esperanças são o original em relação ao qual nossas falsas histórias são falsificações imprecisas e fragmentadas.*

Então na história cultural idólatra de judeus e gregos, “sabedoria” e “poder” são os maus da história. Porém quando essas coisas são recuperadas por Jesus e colocadas em sua verdadeira história, então, elas servem para um propósito glorioso. Elas são transformadas e se tornam maneiras de se entender o significado de Cristo crucificado. É isso o que essa passagem em 1Coríntios nos diz.

Precisamos pensar nas histórias que a nossa cultura nos conta e nos temas que disseminam. Os judeus buscam poder; os gregos buscam sabedoria; um ocidental típico do século 21 busca...? Liberdade? Paz? Satisfação? Posição? Identidade? O que *você* está procurando? Como o evangelho o confronta e conecta? Como o Cristo crucificado preenche subversivamente essas histórias?

Precisamos ser honestos com nós mesmos. Alguns de nós viemos de contextos eclesiais propensos a destacar a confrontação do Cristo

crucificado. Ou talvez nascemos com personalidades mais diretas. Preocupamo-nos menos com a conexão. Viemos de contextos eclesiais ou temos personalidades propensas a destacar o aspecto da conexão ao invés da confrontação.

Paulo diz que devemos fazer as duas coisas *ao mesmo tempo*. Esse é um equilíbrio difícil de atingir. Então nos próximos capítulos vamos olhar para alguns exemplos de como podemos ler a cultura através das lentes do cumprimento subversivo.

Mas antes de fazermos isso, não seria incrível se pudéssemos não apenas ver a teoria da confrontação e da conexão, mas também ver um exemplo de Paulo sendo colocando em prática?

Volte para o carro; vamos para Atenas.

6

CONFRONTE E CONECTE: NA PRÁTICA

Nos últimos cinco anos, tive o privilégio de levar alguns de meus filhos para visitar amigos missionários em Atenas. Todas as vezes, nossos anfitriões sempre perguntam em quais lugares em especial gostaríamos de ir — e todas as vezes, minha resposta imediata sempre é o Areópago, cena de um dos sermões mais famosos de Paulo, registrado no livro de Atos (At 17). Apesar de meus filhos lamentarem terem de visitar esse local mais uma vez, simplesmente não me importo. Ele se tornou meu próprio local pessoal de peregrinação.

É claro que você tem de usar a imaginação ao visitá-lo nos dias de hoje. Ele nada mais é do que um pedaço imenso e desnivelado de pedras escuras e brilhantes sobre as quais escalamos e caminhamos, tendo cuidado para que as crianças não caiam e levem um grande tombo! (A cultura grega parece ter uma visão diferente sobre saúde e segurança.) Mas quando estou lá, sempre gosto de frisar para qualquer pessoa que esteja lá e me escute, que estou realmente de pé no local onde o *próprio* Paulo pregou seu *próprio* sermão, há muito tempo. A “realidade” histórica de tudo isso é muito emocionante. É como uma explosão apologética de adrenalina.

O sermão de Paulo no Areópago em Atenas (chegaremos nele daqui a pouco) nos mostra como o “cumprimento subversivo” funciona na prática. É um “exemplo prático” que tira a nossa teoria da sala de aula e a leva para

o caos da vida real, com todas as suas voltas e reviravoltas — a vida real, com toda a sua imprevisibilidade, onde precisamos de sabedoria para saber quando e como agir e reagir ao que está diante de nós. Atos 17 é um manual exemplar de como o engajamento cultural nunca pode ser retirado diretamente de um manual. Ele nos mostra como a interação cultural exerce influência sobre nossa mente, nossas mãos e nosso coração.

E por isso sou grato. Esse acontecimento não apenas se deu de fato no tempo e no espaço, mas como um incrível presente, o Deus vivo da Bíblia fez com que o historiador e doutor do primeiro século, Lucas, o registrasse *naquela* época, para que ele me ajudasse *agora*. As Escrituras não são incríveis? Quando meu compasso de vida interno e pessoal, assim como o universo e tudo estão girando loucamente, e estou me sentindo tonto e, francamente, enjoado, sei que meu Pai celestial amoroso deu-me um guia infalível para que eu possa me reorientar com confiança em meu contexto do século 21.

A ATITUDE DE PAULO E A NOSSA

Em sua segunda viagem missionária, um Paulo solitário faz uma parada em Atenas, após ter enviado seus amigos para buscar Silas e Timóteo, que ainda estavam em Bereia. Podemos imaginá-lo como qualquer turista com tempo de sobra, perambulando por essa cidade gloriosa, renomada por sua história, conhecimento e criações culturais. Porém, no versículo 16, nosso foco é inteiramente atraído para o fato de que Paulo “ficou profundamente indignado por ver que a cidade estava cheia de ídolos”. Em vários trechos do Antigo Testamento, vemos que Deus foi incitado por ídolos (p. ex., em Dt 32.16-19), porque eles desviam a glória do próprio Deus — a glória que é dele por direito. Agora, em nome de Deus, Paulo é

incitado de forma semelhante ao analisar a cena diante de si. Essa reação é que nos dá a trilha sonora para todo o encontro ateniense. Apesar de Paulo ser respeitoso e empático, não podemos esquecer sua atitude diante da cena que vê. Ele confronta.

Isso nos apresenta dois desafios. Em primeiro lugar, em nosso contexto “politicamente correto”, “tolerante” e “multicultural”, teremos o olhar bíblico — e, francamente, a coragem bíblica — para enxergar e sentir todos os encontros culturais do contexto da idolatria? Isso nos levará a uma sutil reação? Não estou falando de reclamações e delírios cheios de raiva, mas um compromisso sério, definido e profundo, que entende a natureza real e obscura de tudo que se coloca como rival de Deus — mesmo que pareça o contrário na superfície. Quando olhamos para as nossas comunidades e nações, temos aquela paixão pela glória de Deus? Estamos aflitos com o fato de que a idolatria as esmaga? Ou nos dessensibilizamos? Devemos ficar mais aflitos do que geralmente estamos? Haveria um renovo na urgência de nossa missão se tivéssemos a mesma atitude de Paulo?

Em segundo lugar, o incômodo de Paulo leva a uma determinação e direcionamento em proclamar a verdade e a trabalhar duro pela comunicação. O próximo versículo nos diz que ele “discutia na sinagoga com os judeus e os gregos tementes a Deus, assim como na praça principal, dia após dia, com aqueles se achavam ali”. Paulo não está contente em lavar as mãos em relação a Atenas e a seus habitantes, deixando-os presos em sua idolatria. Ao invés disso, ele vai direto para o evangelismo estratégico e bem pensado. Sabemos o suficiente sobre Paulo, sua vida e seu evangelho, para ter certeza de que sua motivação não é movida por malícia ou orgulho, mas por profunda compaixão e amor por aqueles que estão perdidos por não conhecerem ao Senhor Jesus Cristo. O

próprio Paulo era testemunha viva de alguém que havia estado perdido e distante de Deus, mas que foi maravilhosamente e graciosamente “encontrado” pelo Senhor Jesus Cristo ressurreto.

Paulo conhecia uma história melhor do que a daqueles ídolos — a *melhor* história, a da boa notícia do evangelho. Sei que é clichê, mas a proclamação do evangelho é, na verdade, um mendigo contando para outro mendigo onde encontrar pão. Ou mais biblicamente, trata-se de encontrar pessoas sedentas, que estão rastejando, tentando lamber o resíduo de água parada em um pote quebrado e fazer com que “parem e pensem”, direcionando-as a encontrar a fonte de água viva (Jr 2.13; Is 44.19).

Devemos ter uma paixão pela glória de Deus e pelas almas perdidas. Devemos lamentar a idolatria e lamentar por aqueles que a adoram. E isso deve nos levar a confrontar e a conectar com nossa cultura.

A ABORDAGEM DE PAULO E A NOSSA

O discurso de Paulo na sinagoga e na praça capta a atenção de alguns dos melhores filósofos atenienses que o convidam para falar no Areópago — o modelo do Supremo Tribunal Federal — para explicar. E o que Paulo diz?

Bem, não exatamente o que esperamos encontrar. Não é a apresentação do evangelho mais completa e detalhada que já encontramos em nosso trecho evangelístico favorito. Ele não parece cobrir todas as bases. Mas isso não é um problema ou deficiência. Por quê? Porque ele já estava anunciando “a boas-novas a respeito de Jesus e da ressurreição” antes de chegar ao Areópago (At 17.18). Paulo está certamente pregando Cristo crucificado.

Mas a reação a essa mensagem é de confusão. Os filósofos que o escutaram na praça, literalmente o chamam de “tagarela” (v. 18): uma pessoa que vasculha e remexe várias ideias, sem realmente entendê-las. Portanto, quando Paulo se levanta e começa a falar na frente do conselho, seu propósito é defender essa boa-nova — colocá-la no contexto da vida, do universo e de tudo mais:

Então Paulo levantou-se na reunião do Areópago e disse: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio (At 17.22,23).

Se isso não é cumprimento subversivo, então não sei o que é! Paulo gastou tempo observando cuidadosamente a cultura ao seu redor, procurando maneiras de entrar — aquela fissura na armadura que pode ser aproveitada. Ele está escutando. Está observando. Está conectando. Enxerga que os atenienses são muito religiosos. Tanto que eles não querem arriscar deixar qualquer deus de fora — eles têm um altar para “o deus desconhecido”, caso estejam deixando algum de fora. Então Paulo apela para a aparente mente aberta deles. Ele se conecta com o desejo da cultura de conhecer o divino e adorar apropriadamente.

Porém, esse contato não é um aperto de mão caloroso confirmando sua religiosidade. Ele não está validando sua idolatria. Na verdade, é mais como a disputa de bola em um jogo de *rugby*: ele os chama de ignorantes! Ele está confrontando.

Conectar, confrontar: cumprimento subversivo.

Então, vamos começar a pensar. Quando o assunto é a nossa cultura secular, quais são os “deuses desconhecidos”? Onde eles podem ser encontrados? De que modo as pessoas que estão aparentemente desinteressadas no cristianismo são, na verdade, muito religiosas? Por quais brechas podemos entrar?

A seguir, chegamos ao discurso de Paulo em si:

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor do céu e da terra, e não habita em templos feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todas as nações, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os limites de suas terras. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos.” Como disseram alguns dos poetas de vocês: “Também somos descendência dele”.

Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem. No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos (At 17.24-31).

Paulo *percorre as bases* e então as *explica*. Para as boas-novas de Jesus fazerem sentido em Atenas, Paulo precisa assentar as bases, que conecta o que os atenienses *já* sabem e preenche as lacunas. Ele coloca algumas coisas básicas em seu devido lugar — coisas que os atenienses simplesmente não têm. E então ele se lança a expor a maneira cristã de enxergar o mundo. Paulo está dizendo: “Tudo bem, vamos voltar para o básico. Vocês atenienses podem ter todo tipo de visões sobre a natureza da realidade suprema, da criação, do tempo, do final de todas as coisas, mas vou falar como eu enxergo”. E aqui está o ponto crucial: sem esses blocos básicos em seu devido lugar, Jesus e sua ressurreição não fazem sentido algum.

Então aqui está nosso próximo conjunto de desafios para o evangelismo. Em nossa cultura cada vez mais “pós-cristã” e biblicamente iletrada, precisamos começar em um ponto ainda mais básico com aqueles que não são cristãos. Precisamos gastar mais tempo passando por essa base, formando o cenário em que Jesus e sua ressurreição façam sentido. Precisamos lidar com esses “blocos” e “barreiras” culturais que impedem as pessoas de ouvirem o evangelho.

Por favor, não entenda mal o que estou dizendo: nosso objetivo é sempre apresentar as pessoas a Jesus. Esse assentar as bases e exposição não são *substitutos* para a proclamação do evangelho, mas ao invés disso, um *apoio* para tal proclamação. E será necessário mais tempo, paciência e oração do que talvez tínhamos de ter no passado.

Aqui está um exemplo de como podemos fazer isso: quando as pessoas dizem para mim que não acreditam em Deus, muitas vezes digo, “Aposto que não acredito no Deus no qual você não acredita”. É essencial que façamos distinção entre o Deus vivo da Bíblia e o que as pessoas *acham*

que Deus é. Então, enquanto falamos e ouvimos, precisamos ter certeza de que estamos limpando o terreno ao lidar com os mal-entendidos que as pessoas têm. “Olha, sei o que você pensa sobre quem Deus é, mas a partir de agora, quando falo sobre ‘Deus’, é isto que quero dizer...”.

E o que queremos dizer? Bem, não devemos ir muito além do próprio esboço de Paulo nos versículos de 24 a 31, onde ele assenta os fundamentos de qual é a visão cristã do mundo. Essa é uma afirmação extremamente densa e compactada sobre teologia, completamente embasada no Antigo Testamento. Paulo descreve o Deus Criador, que criou todas as coisas, sustenta tudo e é soberano sobre todas as coisas, e que de forma alguma depende desta criação. Mas ao mesmo tempo, ele é um Deus pessoal sobre quem podemos falar em termos pessoais e que se engaja pessoalmente com sua criação. Portanto, ele é um Deus que não está tão longe a ponto de não podermos conhecê-lo, mas também não está tão próximo a ponto de confundi-lo com sua criação.

Além disso, Paulo descreve uma visão linear da história humana, que pode falar tanto sobre as origens quanto sobre os desfechos. Ele faz alusão a um entendimento sobre providência, que tem um propósito; a algo que deu terrivelmente errado, que nos leva a “perambular atrás” da verdade; e a um tempo durante o qual Deus é paciente, mas também a um final da história onde ocorrerá um julgamento.

Com apenas esse pequeno resumo, você percebe quantas outras visões de mundo derrubamos? Aqui está o desafio: você conhece esses blocos de fundamento o suficiente para ser capaz de comunicá-los de forma simples? Isso não é algo somente para um cristão mais inteligente ou talentoso. É para todos os cristãos. Se queremos proclamar Jesus e a ressurreição, não podemos evitar sermos teológicos.

O APELO DE PAULO E O NOSSO

O discurso de Paulo chega a um ápice com este apelo apaixonado:

No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos (17.30,31).

Há duas coisas para notar aqui. Em primeiro lugar, quando pensamos na ressurreição, é comum pensarmos em vida nova, novos começos, esperança e alegria. Todas essas coisas são maravilhas verdadeiras, é claro. Mas não é dessa forma que a ressurreição é usada por Paulo no versículo 31. Aqui, a ressurreição de Jesus Cristo é a prova de que um julgamento justo está chegando. A ressurreição é a grande proclamação pública ao mundo de que Jesus Cristo foi honrado e recebeu toda a autoridade. Ele é tanto o justo Juiz quanto o Senhor Salvador. Essa verdade deve formar uma parte integral de nossas apresentações evangelísticas, não importa quanta “zombaria” isso possa nos trazer (v. 32).

Em segundo lugar, Paulo não tem vergonha de fazer um chamado ao arrependimento (v. 30). Os ídolos não são uma diversão que você pode ter no meio do caminho que leva a Jesus. O cristianismo não é um extra que você pode alinhar ao seu estilo de vida existente. O arrependimento é um giro de 180 graus na idolatria.

Então aqui estão nossos últimos desafios: em nossa cultura sentimental e “progressiva”, não devemos esquecer de falar sobre o julgamento, juntamente com a ordem (sim, ordem) de *arrependimento* e fé. Tal chamado, é claro, é contracultural — mas não tão vazio de persuasão

quanto às vezes pensamos. Sim, em nosso contexto cultural há uma constante e, por vezes legítima, desconfiança em relação a autoridade, o que significa que quando o assunto é Deus, muitas pessoas o imaginam como um ditador divino. E mesmo assim, como seres criados para adoração, todos estamos debaixo de autoridades o tempo todo. Como um de nossos poetas (Bob Dylan) disse eloquentemente, “Você terá de servir a alguém”.

Jesus Cristo é o Rei Servo que tem tanto o poder quanto o direito de governar sua criação. Àqueles que se ajoelham, seu fardo é leve e o seu jugo é suave. Obediência e amor são um casamento feliz. Além disso, a ideia de que todo ser humano é responsável por suas ações e de que haverá um julgamento onde todos os erros serão tratados é atraente, e mais atraente do que *imagine [...] above us only sky* [imagine (...) acima de nós só o céu que vemos]. O fato de a história estar chegando em algum lugar e que ela tem significado, nos toca profundamente.

Não podemos, porém, nos esquecer da urgência de tudo isso. Há um aviso aqui. *Agora* é o momento de nos voltarmos, antes que seja tarde demais. A incrível tolerância e paciência de Deus, debaixo da qual vivemos, um dia acabará. Essa grande tenda um dia se romperá. Como Paulo indica em outros lugares, não dar as costas aos ídolos para servir o Deus vivo e verdadeiro, significará não sermos resgatados da ira vindoura (1Ts 1.9b,10). Assim como toda rebelião das criaturas em relação ao Criador, o pecado é ruim, louco e profundamente triste. Portanto, não importa o quão doloroso e desconfortável seja, a falha em comunicar esse aviso é, acima de tudo, falta de amor.

Quando chamamos as pessoas ao arrependimento, então, como Paulo, podemos esperar uma resposta variada:

Mas, quando ouviram falar em ressurreição de mortos, uns zombaram, e outros disseram: “Queremos ouvir mais de você sobre esse assunto”. Então, Paulo saiu do Concílio. Algumas pessoas se tornaram seguidoras de Paulo e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, também uma mulher chamada Dâmaris e muitos outros (17.32-34).

Quando usamos o evangelho para nos conectar com a cultura e confrontá-la mesmo que façamos isso de forma muito amorosa, algumas pessoas “zombarão” — acharão que somos tolos, fanáticos ou as duas coisas. E está tudo bem — isso é normal. Outros se sentirão instigados e estarão abertos a ouvir mais da próxima vez. Por essa razão, o evangelismo tem mais sucesso quando acontece no contexto de relacionamentos pessoais constantes, e precisamos estar prontos para falar de Jesus mais de uma vez com as pessoas. Ao mesmo tempo, não precisamos tratar nossos colegas de apartamento com uma exposição completa da Bíblia ao fim de cada episódio da série *The crown*. Às vezes, a abordagem de falar “um pouco e frequentemente” é mais apropriada.

Mas não estabeleça expectativas muito baixas. Se falarmos do evangelho fielmente e em espírito de oração a muitas pessoas — conectando-nos com suas cosmovisões e confrontando-as com as boas-novas de Jesus — podemos ter a expectativa de que algumas pessoas creiam. E às vezes, como com Dionísio no versículo 34, são as pessoas que menos esperamos.

7

SUA VEZ: ENGAJAMENTO CULTURAL PARA DISCÍPULOS

Sei o que você está pensando. Você leu sobre Paulo em Atenas, que confrontou e se conectou. Você está se sentindo encorajado por temos um exemplo prático e um modelo de interação cultural na Bíblia. Mas aqui está o grande desencorajamento: você não é o apóstolo Paulo. Você não tem a bagagem cultural, o preparo ou o chamado dele. Não tem a mesma paixão que ele tem pela glória de Deus. Não chega nem perto da santidade dele. Como você poderia interagir com as pessoas da mesma forma que ele?

Além disso, o contexto dele e o seu são de mundos diferentes. Você não é um missionário itinerante, indo de uma cidade para outra — centros culturais avançados de poder e influência — para explicar o evangelho para os grandes e bons. A sua semana girou em torno de aguentar o trabalho, tendo dificuldade para pensar no que você vai comer no jantar todos os dias, e desmaiando em frente à TV depois de colocar as crianças na cama. Você não tem o tempo ou a energia para liderar uma revolução cultural. Que diferença você pode fazer?

Agora que chegou até aqui na leitura, preciso compartilhar um pequeno segredo com você. Para alguém cujo trabalho é ensinar teologia, cultura e apologética a cristãos, quando o assunto é minha dieta cultural, sou, bem francamente, um fracasso. Diferentemente de alguns acadêmicos que conheço, não tenho um blog, vlog ou podcast. Não uso o Twitter.

Tenho Netflix e assisto a algumas séries, mas não posso dizer que assisto intensamente quando fico para trás. Na verdade, apesar de aparentemente essa ser a idade de ouro da tela pequena, sinto-me bombardeado quando me falam sobre todas as coisas que devo assistir (e os blogs que devo ler sobre as séries que devo assistir). Amo música, mas minhas preferências não estão “em alta” — na verdade, elas são antiquadas e muito específicas para um cara em seus quarenta anos (Sviatoslav Richter, pianista russo do final do século 20, alguém?).

Nossa tradição familiar de assistir aos jogos de futebol do West Ham United é muitas vezes uma experiência de angústia existencial, e não simplesmente pela performance fraca do nosso time — invariavelmente, em algum ponto de todo jogo, encontro-me pesquisando o grito em câmera lenta da multidão de 57 mil pessoas ao meu redor, e com o coração pesado, reconheço o quão sobrecarregado e incompetente me sinto ao tentar, por meio do evangelho, conectar-me com o típico britânico secular do século 21 e a ele confrontar.

A análise cultural não vem facilmente — estou tão perdido, incomodado e perplexo quanto o resto de nós. Certamente não sou nenhum apóstolo Paulo. Então, se você leu até aqui e não se sente apto à missão, você não é o único. Mas não se desespere ou desista, porque essas coisas importam — se você se importa com Jesus, então você se importa em seguir a Jesus, e você se importa em falar sobre Jesus a outras pessoas. Se você é humano, então é uma criatura cultural. Por isso, com os dons que Deus nos deu, sejam quais forem, e no contexto em que ele nos colocou, seja qual for, somos chamados a ser fiéis ao seu chamado.

Além disso, também sou pai de filhos com idade entre quatro a vinte anos, e sou líder em uma igreja com uma multicultura intergeracional. É

essencial que eu tente compreender o que aqueles que estão debaixo do meu cuidado paterno e pastoral gostam, para que eu possa cuidar deles da maneira correta. Minha paixão como teólogo sempre foi pensar teologicamente sobre a cultura de forma ampla, e sobre a cultura de meu país em particular, e sempre com a visão de equipar pessoas comuns a pensar teologicamente sobre a cultura.

Você e eu não somos o apóstolo Paulo. Porém, nas páginas da Escritura, nosso Pai celestial gracioso nos deu modelos como Paulo, que nos dão um padrão para nos ajudar a interagirmos fielmente e a ter frutos. Trataremos sobre isso no restante deste capítulo — trata-se de um “manual”, não para elites profissionais, mas para iniciantes. Não estamos aprendendo a correr uma maratona. Somos mais como aqueles treinando para correr cinco quilômetros — começando pequeno, mas aos poucos, ficando cada vez mais fortes.

Essa interação com a cultura não é para fantoches, mas para discípulos.

A ABORDAGEM DO “CUMPRIMENTO SUBVERSIVO”

Se voltarmos para a abordagem do cumprimento subversivo de Paulo em Atos 17, podemos discernir quatro passos para nossa interação cultural.

1. *Entre*: entre no mundo e ouça a história: “... pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto...” (v. 23).
2. *Explore*: procure elementos da graça e os ídolos apegados a eles: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO” (v.23).

3. *Exponha*: mostre que os ídolos são fraudes destruidoras: “Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem” (v. 29).
4. *Evangelize*: mostre o evangelho de Jesus Cristo como o “cumprimento subversivo”: “Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio” (v. 23).

Realizamos o “cumprimento subversivo” de muitas maneiras. Fazemos isso por meio da comunicação: que pode ser uma conversa informal e constante com um membro não cristão da família, um comentário pontual a um desconhecido no trem, o discipulado de um a um durante um café, aquela conversa que você tem com um grupo de amigos depois de um filme ou jogo, o sermão por um pastor de sua congregação ou um trecho em uma revista cristã.

Também praticamos o cumprimento subversivo por meio da comunidade: interagimos com uma cultura em particular não apenas por meio das palavras que proferimos, mas em nossas práticas, em nossa rotina diária e em nossos rituais semanais. Acontece em nossas maneiras de estarmos juntos — em nossa família, em nossa igreja, ao nos reunirmos semana após semana, e ao nos espalharmos pelo mundo, em todos os nossos chamados e vocações. Passa pelo modo como modelamos o amor, a inclusão, a tolerância e a liberdade ao formato da cruz em nossa hospitalidade ao redor de uma mesa de cozinha e ao redor da mesa da comunhão.

Antes de avançarmos, tenho uma *grande* ressalva a fazer. Estou descrevendo esses passos como “padrões” e “abordagens” à interação com a cultura. Escolho essas palavras bem deliberadamente. O que estou

descrevendo definitivamente não é uma fórmula ou técnica. Não é uma varinha de condão, um “multiuso”, um processo ou mecanismo que sempre dá certo. Por quê? Porque nossa interação fica complicada e caótica ao interagirmos com as pessoas de carne e osso em todas as suas maravilhosas e frustrantes previsibilidades e imprevisibilidades.

Então, precisamos ser flexíveis. Esses quatro passos dão um formato para a nossa interação, mas também há liberdade para fazer mais coisas. Precisamos ser proativos e reativos, ao mesmo tempo — deliberadamente intencionais e capazes de improvisar espontaneamente. Essa flexibilidade também significa que apesar de haver uma ordem para os passos, nem sempre é tão óbvio assim. Por exemplo, perceba que em Atos 17, antes da abordagem de Paulo no Areópago, ele já estava “pregando a boas-novas a respeito de Jesus e da ressurreição” (v. 18). O que coloquei como último passo, na verdade é o primeiro em Atenas! Porém, quando Paulo está falando no Areópago, a “revelação” de Jesus, da ressurreição e da necessidade do arrependimento (o trecho do evangelismo) vem como clímax de uma argumentação cuidadosa que começa com entrada, exploração e exposição.

Vamos desmembrar esses estágios com um pouco mais de detalhe.

1. ENTRE: ENTRE NO MUNDO E OUÇA A HISTÓRIA

Em primeiro lugar, entramos na cultura com a qual interagimos. É crucial que façamos algo que pode representar um desafio para muitos de nós. “Entrar” significa observar, assistir e ouvir pacientemente. Significa fazer uma descrição cuidadosa sem pular para conclusões ou estereotipar. Significa ser empático, fazendo várias perguntas e reunindo várias informações. Se vamos confrontar e conectar, precisamos saber

precisamente o que estamos confrontando e com o que estamos nos conectando. Precisamos estar no modo “receptivo”, descrevendo o que está lá, sem prescrever o que achamos que deveria estar ou não lá. A essa altura, devemos buscar ser compreensivos.

Pode ser útil fazer algumas perguntas básicas ao “texto” ou artefato cultural. Vale a pena dizer que neste capítulo, quando falo sobre “textos”, não estou necessariamente referindo-me a algo escrito. Um filme, comercial de TV, vídeo game, uma tendência em design de interior ou uma dança da moda, são “textos” tanto quanto um livro ou um post de blog. Dependendo do texto com o qual você está tentando interagir, nem todas as perguntas serão relevantes. Faça as perguntas relevantes.

- a. *O que ele diz?* Qual é a história e o tom? Use todos os cinco sentidos aqui — com o que se parece, com o que soa, tem gosto ou cheiro de quê?
- b. *Quem o escreveu?* Qual é o contexto do artefato para o qual você está olhando? Aprofunde-se no tema. Vá para os bastidores e olhe para a história. O que sabemos sobre o criador(es) desse texto?
- c. *Quem o lê?* Quem é o público e como ele está sendo influenciado? Use sua imaginação. Como seria o mundo se as coisas fossem à maneira desse texto? Qual é o impacto e influência desse texto — as pessoas foram convencidas por ele ou não?

Agora, as coisas podem ficar um pouco complicadas, pois um ciclo de reações surge entre o texto, seus criadores e seu público. Apenas pense em como os produtores de filmes em Hollywood podem fazer mudanças na cena final depois da reação do público após um pré-lançamento em

uma sessão teste, ou a decisão de fazer ou não uma sequência, baseada nas vendas de bilheteria. O que isso mostra é que a cultura sempre está sempre evoluindo e seguindo em frente.

A essa altura, e tendo feito essa análise, você pode tentar sugerir qual história falsa do evangelho esse texto está contando. Como ele responde questões como: quem somos nós como seres humanos? Qual é o nosso lugar no universo? O que deu errado? Qual é a solução? O que acontece quando morremos?

2. EXPLORE: PROCURE ELEMENTOS DE GRAÇA E OS ÍDOLOS APEGADOS A ELES

Nosso próximo passo trata de enxergar o mundo com nossos óculos de raio X teológicos. Depois de ouvir com cuidado e compreensão, podemos ser um pouco mais desconfiados a essa altura, ao nos voltarmos para o nosso *flashback* no capítulo 5:

- Pense nos seres humanos como construtores culturais cujos produtos culturais refletem a adoração de seu coração: ou adoração a Deus, ou adoração a ídolos.
- Pense na conexão entre a “raiz” de nosso coração e o “fruto” da cultura que criamos.
- Pense na natureza da idolatria, que se apropria de coisas boas na criação e as transforma em deuses.
- Pense na conexão entre a falsificação idólatra e o original genuíno. Lembre-se de como os ídolos sempre parasitam na verdade e dão lampejos com apenas elementos da verdade.

- Pense em como Deus nos deu uma mensagem na criação: como ele dá um significado particular à nossa realidade e revela sua história sobre o rumo deste mundo.
- Pense em nossa resposta pecaminosa: como suprimimos a história de Deus e a substituímos por histórias falsas, que são caricaturas torcidas e distorcidas da história original.

Isso nos permite fazer perguntas como estas:

- d. Como o texto está interpretando e reinterpretando a mensagem de Deus sobre as sombras e os raios solares?
- e. O que é verdadeiro, bom, útil e bonito sobre isso? E como isso está sendo suprimido e distorcido de uma maneira inútil e destrutiva?
- f. O texto está amplificando de forma positiva a mensagem de Deus e nos guiando de volta a ele? Ou ele está suprimindo negativamente, silenciando e grafitando por cima das mensagens de Deus, e então nos levando a um ídolo que os seres humanos criaram?

3. EXPONHA: MOSTRE QUE OS ÍDOLOS SÃO FRAUDES DESTRUIDORAS

Nosso próximo passo é difícil: fazer com que as pessoas “parem e pensem” sobre as histórias culturais contadas por nossos textos (Is 44.19). Essas são as histórias que encantam nossos amigos, mas que os matam lentamente, enquanto tentam beber dessas cisternas quebradas. Como fazemos para que parem e ouçam?

Nesse ponto precisamos fazer o equivalente teológico ao “olhar penetrante” do urso Paddington (personagem da literatura inglesa).

Significa estourar as bolhas de sabão e jogar água fria — tentar despertar as pessoas dos pesadelos em que vivem. Novamente, podemos fazer isso por meio de perguntas incisivas, para tentar mostrar como esses artefatos culturais não podem entregar o que prometem — eles não são verdadeiros nem bons, nem belos. Perguntas como:

- Como isso se aplica para você?
- Estou interessado em saber — por que isso toca seu coração?
- Se você tiver um tempo, posso lhe mostrar por que essa não é a melhor maneira de enxergar isso?¹

Como meu amigo Ted Turnau diz, precisamos mostrar a “pobreza explanatória” dos ídolos das pessoas: eles podem ter um bom papo, mas isso é o máximo que têm — papo. Ao final do dia, eles não têm respostas verdadeiras e não podem justificar suas partes boas! É até coisas boas transformadas em coisas supremas se tornam coisas idólatras.

4. EVANGELIZE: MOSTRE O EVANGELHO DE JESUS CRISTO COMO O “CUMPRIMENTO SUBVERSIVO”

Nosso último passo deve ser o que nos traz maior satisfação, mas na minha experiência, ele pode ser tão doloroso quanto os outros passos!

Quando chegamos na parte sobre a evangelização, provavelmente sabemos que isso significará falar algo sobre Jesus. Mas dada nossa análise cultural e seu contexto, qual é a forma exata e o que vamos comunicar sobre Jesus?

O que estou sugerindo não é mensagem excessivamente espiritualizada, cortada e colada, arrependa-se ou queime, que

empacotamos cuidadosamente em pequenos trechos de fácil memorização. Ao invés disso, queremos apresentar uma figura maior, uma nova forma de enxergar o mundo, baseado na vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. O evangelho tem algo a dizer sobre todas e quaisquer coisas, pois o evangelho impacta tudo e qualquer coisa — tanto no “ainda não” da eternidade (na realidade do céu e do inferno), quanto no “agora” de nossa vida, família, comunidade e igreja. Como Paulo, pregamos a Cristo crucificado, sim — mas sempre dentro de uma história cultural particular, respondendo às perguntas específicas, dentro de esperanças, medos, sonhos e desejos específicos: sempre confrontando, sempre conectando.

Aqui está um exemplo, que já citei antes, de um antigo aluno meu:

Recentemente fui convidado a falar sobre fé a um grupo de atletas profissionais. Comecei explorando a questão da identidade e tentei destacar que a impressão que eles tinham de si mesmos fora determinada pela opinião de outros, desde que eram muito novos... Professores, técnicos, técnicos das categorias de base, mídia, fãs...

Aos olhos dessas pessoas, seus valores são determinados por sua performance, e tentei mostrá-los que vincular a alegria e a satisfação deles — em última análise, sua identidade — a essas coisas é algo volátil, que os deixa muito vulneráveis [...] Um dos jogadores concordou com isso e disse que era por isso que não “apostava tudo nos esportes”. Sua “fé” era a sua família. Então explorei o fato de quanto isso também o tornaria vulnerável em última análise.

A partir dali, coloquei Cristo como o único lugar certo e seguro para se firmar, e o lugar onde a identidade está segura. Eu disse que,

enquanto nossas famílias, técnicos, fãs, [ou a] mídia fizerem suas exigências, teremos de estar à altura; e então, mentiremos e colocaremos uma máscara quando as coisas derem mal. Cristo sabe o pior sobre nós e nos aceita mesmo assim. As opiniões e o amor dos outros são inconstantes, mudando de acordo com nossa performance. Cristo nos aceita incondicionalmente, libertando-nos para sermos honestos e humildes com os outros... É claro, tive de mostrá-los que viver com o foco neles mesmos como o fim de todas as coisas é algo ofensivo para Deus [...] encontrar segurança em Cristo só pode acontecer se você se arrepende de tais coisas.

Um rapaz me perguntou o que ele precisava fazer para se tornar cristão, e agora outra pessoa quer ler o evangelho. Estou 100% seguro de que isso não teria acontecido se minha apresentação falasse a praxe: “Deus está no controle, você pecou, isso vai acabar muito mal, então é melhor você se arrepender”.²

SUA VEZ...

Agora é a sua vez. Pode ser que você mesmo queira fazer esse exercício, ou ainda melhor, fazê-lo com um grupo de amigos. Vocês podem separar uma tarde para isso! Espero que esse exercício guiado por meio de um “texto” cultural lhe dê um banho de confiança e o estimule a fazer sua própria análise em uma série de tópicos.

Encontrar bons exemplos culturais com os quais todos se identifiquem dá trabalho, na verdade, é impossível. Então, se o que escolhi não faz sentido para você, sinta-se livre para substituí-lo por outro.

Estou escrevendo este capítulo depois de a Inglaterra ser eliminada da Copa do Mundo de Futebol de 2018. Para aqueles que estão vivendo na

Inglaterra nas últimas semanas, essa tem sido uma experiência surreal e um “momento cultural” que capturou a imaginação de uma nação. Uma febre pelo futebol tomou conta de todos enquanto a seleção inglesa jovem e inexperiente, liderada por Gareth Southgate, superou as expectativas com uma sucessão de vitórias que a levou para as semifinais pela primeira vez desde 1990 (não conseguimos nem sequer sair da fase de grupos em 2014).

No centro do interesse crescente da nação pelo progresso do time de futebol nacional, havia o slogan “Está voltando para casa”, transformado em meme e proferido literalmente milhares de vezes. Então vamos focar no “Está voltando para casa” como uma maneira de descrever e analisar o momento cultural que muitos na Inglaterra viveram.

Você passará pelos quatro passos que cobrimos anteriormente neste capítulo: entre, explore, exponha, evangelize.

Sejamos claros: não farei o trabalho por você. Mas vou impulsioná-lo com algumas perguntas e dar algumas dicas que podem ajudá-lo em sua análise. Você provavelmente descobrirá que precisa de sua mente, caneta e acesso a uma ferramenta de busca.

Ao realizar essa análise geral, tente pensar em coisas específicas também. Por exemplo, pense em um amigo ou membro de família que foi completamente cativado pela experiência. O que você diria a ele? Como você pode confrontar e se conectar com essa história, e com ele? Se você assistisse aos jogos da Inglaterra ou lesse sobre eles depois, pense em como você reagiu na época. Se você pudesse voltar no tempo, como o que você leu neste livro influenciaria seu evangelismo para com as pessoas ao seu redor?

Quando você terminar essa análise, por que não terminar orando por algumas coisas nas quais você pensou?

Minha oração é que você tenha prazer em fazer isso e queira fazer mais. Uma vez que você tenha passado por esse exemplo, escolha outra coisa que lhe interesse. Escolha algo que interessa a seus amigos e família. Tente passar pelos estágios. Talvez seja o começo de um *workshop* cultural regular? Talvez você possa convidar seus amigos não cristãos para um bate-papo?

No começo não será fácil — fazer essa análise é algo contracultural para nós! Mas espero e oro para que, ao continuar e tornar disso um hábito, isso o ajude a interagir mais fielmente e com mais frutos.

Apenas imagine uma geração de discípulos ao redor do país e ao redor do mundo interagindo com a cultura para Cristo e sua glória. E então vá em frente!

“ESTÁ VOLTANDO PARA CASA”

Mas quando alguém encontra profundidade na cultura popular é importante tomar notas, pois é aí que os desejos profundos de muitos se unem. Quando alguém enxerga idolatria na cultura popular, entende a ampla aflição e afeição, os efeitos tentadores e terríveis da Queda, espalhados por toda cultura. Quando alguém enxerga graça, enxerga um vislumbre — mesmo que por um breve momento — daquela cultura curada e purificada, de Deus falando a verdade às pessoas, da cultura popular da forma que foi criada para ser. Por isso acredito ser importante ouvir a cultura popular. Na cultura popular, vemos o desejo popular a olho nu. E ela exige uma resposta cristã.³

O slogan “Está voltando para casa” vem da música *Three lions (football’s coming home)* pelo Lightning Seeds e os comediantes Frank Skinner e David Baddiel. Originalmente lançada em 1996, quando a Inglaterra estava sediando o Campeonato Europeu, alcançou novamente o número 1 nas paradas de sucesso do Reino Unido em 2018, durante a campanha da Inglaterra na Copa do Mundo. Comece procurando a letra e ouvindo a música ou assistindo ao vídeo da música no YouTube. O refrão memorável é:

Está voltando para casa, está voltando para casa, o futebol está voltando para casa.

1. ENTRE: ENTRE NO MUNDO E OUÇA A HISTÓRIA

O que ela diz?

- a. Pense em alguns dos principais temas no texto e na experiência da Copa do Mundo como um todo. Por que essa história está sendo contada? Como está sendo contada?

Dicas

Durante a campanha da seleção da Inglaterra, Garry Parkinson escreveu uma análise detalhada da música, onde tratou de muitos ângulos históricos, culturais e musicais. Aqui estão alguns trechos do começo e do fim de seu artigo que podem atuar como estímulo:

Assim como muitas músicas pop, *Three lions* fala sobre amor e perda, mas também sobre identidade cultural, sobre desejo e

pertencimento, sobre pessoas e lugares, sobre nacionalidade e sobre a irremediabilidade do passado e a possibilidade do futuro. Ela pontua um traço muito inglês de gentilmente esperar a frustração: “manter-se em um silencioso desespero é a maneira inglesa”, como Pink Floyd diz em *Dark side of the moon*. Não é um completo negativismo, mas uma leve perplexidade diante do fato de que as coisas deram muito errado depois de uma posição no topo do globo. De fato, você pode substituir muito do conteúdo do futebol por sentimentos estruturados de modo semelhante sobre um mal-estar pós-industrial, a perda histórica nacional do orgulho no fim do século 20 e as realizações que remetem às guerras mundiais, à era Vitoriana, a Waterloo, à Revolução Industrial e no passado, nas névoas da história. Mas é claro, estamos falando sobre futebol...

[A canção é] um princípio cultural básico. É inclusiva, não agressiva. Não tem a ver com guerra e luta, mas com sonhar. É cantada muitas vezes por bêbados em público, mas geralmente na tentativa de fazer com que todos cantem, em vez de provar sua individualidade ou masculinidade. Tente cantá-la como se estivesse bravo; simplesmente não funciona. Qualquer pessoa que tentar está fugindo totalmente do propósito.

Como Broudie coloca: “É um registro muito emocionante, que evita todas aquelas coisas terríveis, e vai direto ao coração, na época em que você era criança e torcia para um time de futebol. Nos momentos mais simples e emocionantes, as pessoas cantam juntas, quer seja em um funeral ou em uma partida de futebol. *Three lions* tem algo disso — estamos todos juntos nessa, todos queremos sonhar”.

Three lions faz isso por meio da cristalização brilhante de um certo tipo de jeito inglês de ser. Fala de um traço nacional quase cômico de esperar pacientemente e ficar em fila de modo incansável, enquanto espera fervorosamente. Fala da possibilidade de grandeza, mas também de uma união de felicidade e celebração. Fala sobre empatia e comunidade, e amor, e esperança, e sonhos. É isso que nos torna humanos, e é isso que torna *Three lions* tão popular e perfeito.⁴

Você também pode pensar em algumas palavras usadas na discussão que girou em torno da Copa do Mundo, em termos do slogan, do time inglês e de Gareth Southgate em especial (por exemplo, destino, sina, redenção).

Alguns outros fatores contextuais a se considerar: a onda de calor pela qual o país estava passando; as discussões sobre o Brexit⁵ durante a turbulência de renúncias governamentais de alta importância; a visita oficial eminente do presidente Trump.

Algumas estatísticas do jornal *The Sun*:

[A derrota da Inglaterra para a Croácia nas semifinais] foi assistida por 30.9 milhões de pessoas na ITV, superando as 30.15 milhões de pessoas que assistiram ao drama do divórcio de Den e Angie Watts na novela *EastEnders*, em 1986. Somente a final da Copa do Mundo em 1996 e o funeral da Princesa Diana em 1997 foram assistidos por mais pessoas, mas ambos foram transmitidos pela BBC e ITV. A audiência no jogo contra a seleção da Croácia foi estimada em 26.6 milhões de pessoas assistindo na ITV e mais 4.3 milhões de pessoas que usaram o ITV Hub (serviço online). Mais de 80% dos telespectadores nacionais assistiram ao jogo, com uma média de 24.3 milhões assistindo entre o pontapé inicial e o apito final. O

número total real pode ser ainda maior, já que não inclui aqueles assistindo em lugares públicos”.⁶

Quem a escreveu?

- b. Quem estava por trás da música? O que sabemos sobre eles e seus contextos?

Quem a lê?

- c. Quem era o público da música e como ele foi influenciado? Como seria o mundo se as coisas fossem à maneira do texto cultural? Como seria na prática? Qual é o impacto e a influência do texto? As pessoas foram convencidas por ele ou não?

Pergunta bônus: se eu dissesse a você que *Three lions* era um hino ou que a frase “Está voltando para casa” era uma liturgia, como você reagiria?

Dicas

Aqui está um exemplo da reação da mídia ao que estava acontecendo dias depois da derrota nas semifinais:

A Inglaterra tinha a história nas mãos e uma primeira final de Copa do Mundo desde 1966 sob o seu olhar, enquanto o relógio marcava um pouco mais de 22h em Moscou — apenas para deixar tudo isso escapar e então deixar essa cidade histórica com sentimentos familiares de desespero e frustração [...] Três anos de dor continuarão — e para todo otimismo que surgiu pelos feitos da

Inglaterra na Rússia no último mês, haverá um senso ardente de oportunidade perdida, que demorará para ser apagado (Phil McNulty, BBC).

Um tweet da concentração inglesa, um dia após a sua derrota:

Para todos aqueles que nos apoiaram.
Para todos aqueles que acreditaram que dessa vez seria diferente.
Para todos aqueles que não temeram sonhar.
Para todos aqueles que sabem que este é apenas o começo.
Obrigado. Espero que tenhamos lhes dado orgulho.
#threelions.

Ao escrever no *Irish Times*, Ken Early argumenta que “Está voltando para casa” passou de uma piada irônica a uma previsão arrogante, o que deu motivação aos jogadores croatas:

O “Está voltando para casa” começou como uma piada autodepreciativa, rapidamente devorou o planeta enquanto se tornava menos autodepreciativa, e por fim, ajudou a alimentar a fúria croata que eliminou a Inglaterra. No final, os únicos que não estavam rindo eram os ingleses. Pode parecer hoje que eles não conseguem vencer, não importa o que façam, mas dessa vez eles tentaram mais do que geralmente tentam.

Antes da semifinal, o estúdio de tatuagem New Identity fez este anúncio no Facebook: “Para celebrar a permanência da Inglaterra nas semifinais, decidimos tatuar de graça ‘Está voltando para casa’ durante esta semana”.

O Centro Nacional Contra a Violência Doméstica lançou uma campanha dizendo, “Se a Inglaterra levar uma surra, ela também vai levar”, antes da

semifinal da Copa do Mundo. A campanha destacava que a violência doméstica aumenta 26% quando a Inglaterra joga e 38% quando a Inglaterra perde.



Se a Inglaterra levar uma surra, ela também vai levar.

A violência doméstica aumenta 26% quando a Inglaterra joga e 38% quando perde.

2. EXPLORE: PROCURE ELEMENTOS DE GRAÇA E OS ÍDOLOS APEGADOS A ELES

- d. Como o “texto” está interpretando e reinterpretando a mensagem de Deus sobre as sombras e os raios solares?
- e. O que é verdadeiro, bom, útil e bonito sobre isso, em termos da graça comum de Deus? Como isso está sendo suprimido e distorcido de formas inúteis e destruidoras?
- f. A mensagem do “Está voltando para casa” amplifica a mensagem de Deus e nos faz voltar para ele, ou ela está negativamente suprimindo,

silenciando e grafitando a mensagem de Deus, e então, levando-nos a um ídolo que criamos?

Dicas

Algumas coisas a se considerar: comunidade, experiência comunitária, lar, pertencimento, identidade, esperança, jeito inglês e identidade nacional.

3. EXPONHA: MOSTRE QUE OS ÍDOLOS SÃO FRAUDES DESTRUIDORAS

- g. O que você faria para fazer com que as pessoas “parassem e pensassem” sobre a história contada pelo texto? Como você daria um banho de água fria no sonho? Como você explicaria a “pobreza explanatória” do texto?

Dica óbvia

O futebol não voltou para casa, não é? Qual é o resultado da derrota?

4. EVANGELIZE: MOSTRE O EVANGELHO DE JESUS CRISTO COMO O “Cumprimento subversivo”

- h. Como o evangelho confronta o texto e conecta-se a ele na forma de cumprimento subversivo? Seja concreto e específico.

Dica

Aqui está um pequeno trecho escrito por Jonny Ivey, para o website *Heirs Magazine* [Revista dos Herdeiros], no dia 7 de julho, dia das quartas de final da Inglaterra contra a Suécia:

A percepção inglesa de nós mesmos nunca é tão clara quanto em grandes torneios de futebol.

O grupo musical The Lightning Seeds capturou bem isso em sua clássica canção [...] A psicologia moderna diria que esse é um problema de autoestima. Somos bem pessimistas com nós mesmos. Compare isso com nossos amigos australianos ou americanos, que parecem tão confiantes. Eles não vão “colocar tudo a perder”. Eles ganharão. Mas nós? Talvez. Mas provavelmente vamos acabar com tudo.

Certa vez um americano disse a mim que a cultura britânica é humilde. Mas não devemos confundir alta ou baixa estima com orgulho ou humildade.

A autoestima — seja ela alta ou baixa — baseia-se no ego. No orgulho. Trata-se de minha habilidade ou inabilidade de viver segundo o padrão.

E é instável. Depois de a Inglaterra derrotar a Colômbia, de repente os eruditos passaram do marasmo para o coro — “O futebol está voltando para casa!”.

A autoestima é baseada em nossa performance. A BBC Sport ilustrou bem isso com uma foto de Gareth Southgate no Instagram. O título? “Redenção”.

A autoestima é um jogo de bola delicado. Nossa condenação ou redenção baseia-se em nossa performance. Naquele pênalti [que Southgate perdeu contra a Alemanha em 1996]. Nosso senso de ego tem uma reviravolta, assim como a canção do The Lightning Seeds.

Mas nossa identidade em Cristo não funciona assim. A graça de Deus nivela o campo de jogo. Não há vencedores ou perdedores na igreja. Somos todos perdedores nos deliciando na vitória de Cristo (Cl 2.15). Ninguém é qualificado por boas performances ou é eliminado por uma performance ruim. Quando somos obedientes, adoramos a Jesus por tal alegria.

Quando somos desobedientes, adoramos a Jesus em arrependimento, por não estarmos menos vestidos de sua perfeita justiça do que antes (2Co 5.21).

Então hoje à noite, quer a Inglaterra vença, quer não, a redenção está segura. Sua identidade não é revogada. Você pode comemorar sem ser orgulhoso. Ou se desapontar sem ser esmagado”.⁷

- i. Finalmente, pense sobre os próximos passos. Como você poderia ter interagido com algumas pessoas específicas sobre esse assunto? Como a conversa poderia ter sido? O que você teria postado no Facebook? Por meio de quais outros meios de comunicação você poderia ter interagido? Como você poderia manter a conversa em curso?

Ore pelos assuntos e pelas pessoas com as quais você pensou em fazer essa análise.

¹Um livro excelente sobre a arte de fazer perguntas penetrantes é Greg Koukl, *Tactics* (Grand Rapids: Zondervan, 2009).

²Extraído de Daniel Strange, “Reflections on gospel contextualization”, in: Timothy Keller, *Loving the city* (Grand Rapids: Zondervan, 2016), a partir da p. 94.

³Ted Turnau, “Popular culture, apologetics and the discourse of desire”, *Cultural Encounters* 8:2 (Nov. 2012): 25-46.

⁴Gary Parkinson, “It’s coming home: why three lions is such an important song in English football culture”, disponível em: <https://www.fourfourtwo.com/features/its-coming-home-why-three-lions-suchimportant-song-english-football-culture>.

⁵Apelido dado à saída do Reino Unido da União Europeia. (N. do E.)

⁶Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/world-cup-2018/6694139/how-manywatch-world-cup-2018-viewing-figures-england-croatia/>.

⁷Disponível em: <https://heirsmagazine.com/blog/the-world-cup-england-and-you>.

AQUI ESTÃO ALGUNS EXEMPLOS

Então essa história sobre interação com a cultura começa a terminar. Você viu exemplos racionais, teológicos e bíblicos, e até mesmo desfrutou deles. Espero que você esteja convencido de que você — sim, você — pode interagir com a cultura; e de fato você deve fazê-lo como parte do seu papel de encher e subjugar a terra, e de se manter longe dos ídolos. Essas não são coisas “boas de se fazer” ou “extras opcionais” na vida cristã — são ordenanças bíblicas que devem ser obedecidas.

Nesta seção final, quero mostrar o que é possível em termos de análise cristã cultural. Esse tipo de engajamento é necessário para estarmos à altura das análises acadêmicas que ocorrem nas universidades e que estão alimentando as cosmovisões não cristãs.

Nenhum professor que conheço gosta de fazer redações, mas a tarefa de análise cultural que dei para meus alunos na faculdade de teologia Oak Hill beirou o agradável. A maioria desses alunos nunca se engajou em uma análise cultural antes, então a tarefa deles é analisar culturalmente algum texto ou tendência atual, usando algumas das ferramentas sobre as quais escrevi neste livro. Eles podem escolher qualquer coisa que queiram. Das centenas de trabalhos aos quais tive acesso na última década, os temas variaram do mundano e previsível ao sublime e ridículo. Assim como qualquer grupo de alunos, a qualidade pode ser boa, ruim ou horrível. Porém, posso dizer honestamente que aprendi algo novo com quase todos os trabalhos. É emocionante ler algo a respeito do mundo criado por Deus sobre o qual nunca havia escutado e que foi feito por meio dos portadores

de sua imagem, pode se conectar com o evangelho do Cristo crucificado e por ele ser confrontado. É ainda mais animador ver discípulos de Jesus Cristo, meus alunos, começando a interpretar o mundo através de lentes bíblicas mais nítidas e focadas.

Os quatro exemplos a seguir são baseados em análises feita por alunos, que recebi em anos recentes. Eu os editei e resumi usando os quatro passos que já vimos: Entre, Explore, Exponha e Evangelize.

Como você rapidamente perceberá, esses exemplos estão em um nível acima dos que você encontrou neste livro até agora — então esteja alerta! Porém, quero dizer duas coisas aqui:

Primeiro, não entre em pânico! Não estou pedindo que você escreva um trabalho com notas de rodapé que serão marcadas, ou algo que você apresentará formalmente a seus amigos e família — isso seria tolice. Porém, estou encorajando você, assim como meus alunos da faculdade, a trabalhar duro: começar a analisar e ouvir o mundo de perto, para que você se conecte com sua cultura e a ela confronte com o evangelho de Jesus Cristo.

Em segundo lugar, minha intenção não é que você leia essas coisas e pense: “Nunca conseguiria fazer isso” — na verdade, espero que você sinta o contrário. Meu objetivo é inspirá-lo com aquilo que pode ser alcançado quando dedicamos um pouco de sangue, suor e lágrimas culturais. Nunca se sabe, você pode ler esses exemplos e pensar em como eles podem ser preenchidos e melhorados.

Dito isso, sei que somos todos diferentes, com talentos e forças diferentes — não importa quem sejamos, todos podemos interagir com a cultura de alguma forma. Esses exemplos são mais acadêmicos, mas não quero criar desculpas para isso. Se você tem um interesse geral por

comentários sociais que buscam compreender as coisas de modo profundo, então espero que você tire muitas coisas desses exemplos.

Isso pode não ser algo para você, e tudo bem... Mas novamente, talvez seja (e como você saberá, se nunca tentar?).

Então coloque os cintos, proteja todos os itens soltos e prepare-se para a atração emocionante que é:

“Os LCA’s para banheiros de zumbis se contorcendo.”

LIVROS DE COLORIR PARA ADULTOS



Para uma indústria de publicação que passa por dificuldades, foi um alívio muito bem-vindo. Em 2015, os livros de colorir para adultos dominaram o mundo. As vendas dispararam em vários lugares do mundo, e editoras se deliciaram com o brilho de seus lucros trimestrais.

O sucesso, porém, deixou muitos comentaristas sociais coçando a cabeça. Quem imaginaria que tantos adultos fossem querer passar seu precioso tempo livre colorindo? Ninguém poderia imaginar. Na verdade, quando a ilustradora escocesa Johanna Basford sugeriu livros de colorir para adultos a uma editora em 2011, a resposta foi um silêncio constrangedor. Será que adultos realmente comprariam um livro chamado *Secret garden: an inky treasure hunt* [O jardim Secreto: uma caça ao tesouro cheia de tinta]? No entanto, eles decidiram arriscar, e o publicaram em 2013. Em março de 2015, haviam sido vendidas 10 milhões de cópias e o livro havia sido traduzido para 40 línguas. Logo, incontáveis outras editoras estavam, com muito entusiasmo, imprimindo livros de colorir para adultos (LCA's). Mas por que ninguém previu essa tendência? O que pode explicar a popularidade global da coloração?

1. ENTRE

Entre em qualquer grande livraria, e você encontrará muitos tipos de LCA's. Os títulos geralmente trazem frases como “alívio de estresse” e “pinte-me calmamente”. Então, não é de espantar que muitas vezes eles estejam juntos de livros com técnicas de plenitude mental, como yoga, meditação ou respiração ritmada. Como essas técnicas, os LCA's são usados por pessoas que querem fazer uma pausa em sua vida digital agitada, desconectando-se e focando no presente.

Mas inúmeras características separam os LCA's de técnicas padrão de plenitude mental. E primeiro lugar, eles são extremamente acessíveis. Não é necessário se inscrever para uma aula na academia do bairro; nem é necessário assistir a vídeos no YouTube para aprender novas técnicas. Colorir não requer energia, pode ser feito no final de um longo dia, em um sofá, ou até na cama, com um copo de chá. Só é preciso um livro e alguns lápis, e se as livrarias estiverem distantes, bastaria comprar no site da Amazon. Em segundo lugar, enquanto as técnicas padrão de plenitude mental encorajam as pessoas a aceitarem as circunstâncias em que estão, os LCA's ajudam as pessoas a temporariamente escapar do mundo e sonhar com um diferente. Para entender o que os LCA's fazem, vale a pena examinar os desenhos em suas páginas.

É interessante notar que os desenhos raramente retratam a vida urbana e industrial. Em vez disso, a maior parte retrata mundos naturais intocados e reinos perdidos encantados. Na época da escrita desta obra, os três LCA's mais desejados na Amazon.co.uk eram, por exemplo, *Harry potter*, *Animal kingdom* [Reino animal] e *Enchanted forest* [A floresta encantada]. Outros títulos populares incluem *Lost ocean* [Oceano perdido], *Magical jungle* [Floresta mágica] e *Romantic country: Cocot — The land of beautiful towering castles* [País romântico: Cocot — a linda terra de

castelos em torres]. O livro original da Basford, *Secret garden* (Laurence King, 2013), permanece o mais popular de todos. É descrito como “o país das maravilhas em preto e branco”, um mundo paradisíaco que pode ser “trazido à vida, por meio da pintura”. Mas por que isso se popularizou tanto?

Quando a editora Basford assumiu o risco e publicou *Secret garden*, deparou, involuntariamente, com um mercado enorme: pessoas cujo mundo “treme de ansiedade” e que estão dispostas a experimentar todos os tipos de produtos e técnicas para encontrar paz.¹

A indústria da atenção plena já se voltava para esse grupo, e, uma vez que a atividade de colorir desenhos têm semelhanças com algumas dessas técnicas padrão, os LCA's encontraram para si um público já preparado. Porém, enquanto as similaridades de colorir com as técnicas padrão da atenção plena pavimentaram o caminho para sua aceitação, as diferenças entre ambas é que explicaram seu sucesso. Quando essa prática de colorir surgiu em cena, alguns já haviam se decepcionado com as práticas contemplativas convencionais. Como um observador colocou, “por mais que nos digam que devemos meditar e relaxar, nove entre dez pessoas simplesmente não conseguem fazer isso ou tentam e se perguntam se isso funciona”.²

A meditação também nem sempre teve o resultado desejado. Em vez de resultar em tranquilidade crescente, às vezes leva à ansiedade crescente. Como outro observador disse, “Focar-se em seus sentimentos internos pode ser assustador. Um estudo recente descobriu que quando as pessoas têm a oportunidade de escolher, preferiam receber um choque elétrico leve do que ficar sozinhas com seus pensamentos”.³ Parece que a

meditação começou a ganhar a reputação de ser difícil, e às vezes, contraproducente.

As fraquezas da meditação foram as forças do livro para colorir. Usar os LCA's era fácil: as únicas habilidades necessárias eram aquelas que todos haviam conquistado nos dias de pré-escola. Funcionou também para as pessoas que se sentiam incapazes de se desligar de seus pensamentos: oferecia “alívio e atenção plena sem a paralisia que uma página em branco pode causar”.⁴ Além disso, a atividade de colorir tinha a reputação de ser eficaz de forma incomum, “Algumas pessoas eram enfáticas em dizer que os livros para colorir eram um caminho para [...] algum tipo de nirvana psicológico”.⁵ O fato de que alguns desses testemunhos vieram dos próprios publicadores não esmoreceu o entusiasmo das pessoas. Elas mesmas estavam ávidas para tentar colorir, e dessa forma, os LCA's se tornaram um sucesso do dia para a noite.

A popularidade dos LCA's “levou os revendedores a rapidamente abastecer seus fãs”.⁶ Ao final de 2015, havia 2 mil livros diferentes disponíveis somente nos Estados Unidos, e 12 milhões de cópias foram vendidas, em comparação a 1 milhão de cópias vendidas no ano anterior. Logo, as pessoas começaram a criar canais no Youtube para assistir a pessoas colorindo e começaram a usar o Twitter e o Instagram para mostrar seus desenhos. A atividade de colorir até “criou suas próprias subculturas excêntricas, como festas para colorir livros”. Resumindo, “é difícil superestimar a tendência”.⁷

Mas que mensagem os LCA's modelam para o mundo? Que ideia comunicam aos que colorem? Para responder a essa pergunta, vale a pena revisitar o fato de que os LCA's quase que exclusivamente retratam mundos naturais intocados. Isso, combinado com o fato de serem classificados

como produtos terapêuticos, indica que transmitem a mensagem de que a paz é encontrada em um mundo onde as pessoas estão em contato próximo com a natureza. A semelhança entre os desenhos encontrados nos LCA's e os designs de artistas da Arte Nova do século 19, como William Morris, dão suporte para esse argumento. Aqueles dentro desse movimento foram fortemente influenciados pelo Romantismo. Eles se sentiam desconfortáveis com aquilo que percebiam como a feiura de uma sociedade crescentemente industrializada, enquanto ansiavam viver mais próximos da natureza, na qual a liberdade poderia ser encontrada, assim como a verdade e a beleza.

Então parece plausível que os ilustradores de LCA's, assim como seus antepassados do século 19, acreditem que a salvação é encontrada ao escapar da feiura e do trabalho duro da vida moderna. Os LCA's encorajam os que colorem a sonhar com um mundo ideal natural para, assim, lidar com a ansiedade. Esse mundo é retratado como um lugar de liberdade, em vez de opressão, e ali a humanidade é rodeada por beleza, em vez de feiura. Um mundo onde os que colorem são orientados a buscar descanso.

2. EXPLORE

De que modo aqueles que colorem se apropriam da revelação de Deus? É evidente o fato de que acreditam terem sido criados para desfrutar de um reino com um jardim perfeito — o tipo de paraíso que vemos em Gênesis 1 e 2 no jardim do Éden e isso é positivo. Apesar de suas palavras não expressarem isso, seus desenhos mostram que eles sentem que essa criação foi manchada. Esse anseio pelo paraíso é evidência de que fomos criados à imagem de Deus.

Do lado negativo, a maioria dos adeptos de LCA's não reconhecem a existência de um ser divino e não buscam a salvação nele, mas acreditam que vivem somente o aqui e o agora. De acordo com Charles Taylor, as pessoas seculares se sentem “à deriva e lançadas em um universo anônimo e frio”. Como fecharam as portas para uma realidade maior, elas se encontram trancadas em um sufocante quarto pequeno e se voltam para a arte a fim de criar um espaço em suas mentes que as permita respirar e encontrar paz.⁸

Portanto, os LCA's são usados como uma válvula de escape; eles são varinhas mágicas usadas para evocar viagens temporárias para a utopia. Por meio dessa tentativa de buscar a paz em um paraíso natural imaginário, fica claro que eles têm mais consideração pela criação do que pelo Criador. Eles não seguem os passos do salmista que ansiava por “morar na casa do SENHOR todos os dias da [sua] vida, para contemplar a beleza do SENHOR” (Sl 27.4). Em vez disso, estão convencidos de que a sede por ele pode ser saciada por um mundo de mistério existente em sua imaginação.

O que é conveniente sobre isso é que esse paraíso imaginário é um sobre o qual ninguém tem autoridade. É uma falsificação do Éden, pois é um jardim onde Deus não anda. As imagens, como todos os ídolos que as pessoas criam, são mudas e, portanto, não impõem nenhum padrão moral sobre elas. Artistas podem, portanto, criar seu próprio mundo e serem seus próprios deuses. Desta forma, colorir pode até trazer uma sensação estranha de conforto. Como Taylor colocou, “Existe um certo tipo de paz em estar só, em solidariedade diante de um universo cego que forjou esse horror”. Então, podemos concluir que muitos adultos usam os LCA's para “expandir a descrença”. Ao se negarem a reconhecer a soberania de Deus e

incapazes de viver como se realmente tudo o que existisse fosse um “universo completamente achatado”, os livros de colorir estão encarregados de traçar um meio-termo, e dessa forma, sustentar a descrença.⁹

3. EXPONHA

O problema, é claro, é que pelos padrões dos próprios adeptos, a utopia só existe na imaginação. É uma esperança sem substância. Isso já é há muito tempo reconhecido por aqueles chegam à fé, vindos de contextos orientais. O pregador japonês, Taisei Michihata, por exemplo, estudou em um seminário budista antes de sua conversão ao cristianismo. Seus professores muitas vezes falavam de uma terra santa prometida, mas “sempre falavam das coisas como se elas só existissem em nosso pensamento, como reflexões de nossos anseios... Elas eram meramente projeções das nossas próprias fantasias, o resultado da arte religiosa”.¹⁰

Portanto, já que o desejo por uma terra prometida não pode ser realizado, de acordo com aqueles que acreditam apenas no aqui e agora, não faz sentido usar livros de colorir para diminuir a ansiedade. O que a contemplação de um desejo irrealizável pode fazer, além de, em última análise, nos levar ao desespero? Se aqueles que usam os LCA's como uma válvula de escape fossem consistentes, eles buscariam paz não em colorir, mas na aniquilação. Afinal, a aniquilação resultaria em uma fuga permanente desse mundo, em vez de uma temporária. Em outras palavras, os LCA's sugerem que é possível ter uma vida em um reino edênico, sem ter de renunciar à sua autonomia. Na realidade, porém, essa promessa vem direto da língua da serpente, e leva primeiro à desilusão, e depois à morte.

4. EVANGELIZE

De que modo Cristo preenche subversivamente os desejos dos adeptos dos LCA's? As Escrituras mostram que o sonho da vida em um reino de jardim perfeito pode se tornar realidade. Porém, elas não falam nada sobre um paraíso onde o homem é autônomo. Ao contrário, falam sobre um paraíso que foi perdido devido ao desejo do primeiro Adão, por soberania, e reconquistado pela submissão do Último Adão — Jesus Cristo — a Deus. Apenas aqueles que se arrependem de seu desejo por soberania e se submetem a Deus um dia habitarão em seu paraíso restaurado, a nova Jerusalém (Ap 21.9-21). Seus cidadãos viverão em harmonia com a natureza, e não mais em guerra com ela, e já que Deus terá derrotado seus inimigos, eles serão verdadeiramente livres (Is 11.6-9).

Como os que colorem podem ser então redimidos? Aqueles que foram redimidos podem usar os LCA's como lembretes visuais do tipo de terra que os aguarda, que oferece esperança àqueles que se sentem sobrecarregados pelos sofrimentos deste mundo. Colorir também pode ser útil para os cristãos que pensam que seu destino eterno é uma existência vaga, “flutuante” e não corpórea nos céus. Essa compreensão errônea acerca do paraíso pode embotar sua animação pela eternidade. Os LCA's podem, portanto, ser usados para ajudar os que colorem a entender a vida para a qual foram redimidos, para que prossigam e perseverem em seguir a Jesus. Finalmente, a atividade de colorir livros pode ser usado para relembrar aos crentes da beleza do próprio Deus. Ao refletirem sobre a criação, é impossível aos crentes deixar de lembrar da beleza, da criatividade e do poder de seu Criador. E por último, portanto, o ato de colorir pode levar os crentes à adoração, pois “os céus declaram a glória de Deus, e os céus proclamam as obras de suas mãos” (Sl 19.1).

¹Zoe Williams, "Adult colouring-in books: the latest weapon against stress and anxiety", disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2015/jun/26/adult-colouring-in-books-anxiety-stress-mindfulness>.

²Eloise Keating, "Businesses turn to colouring books for employees: are they the key to a stress-free workplace?", disponível em: <http://www.smartcompany.com.au/people-humanresources/leadership/46363-businesses-turn-to-colouring-books-foremployees-are-they-the-key-to-a-stress-free-workplace/>.

³Matthew Hutson, "People prefer electric shocks to being alone with their thoughts", disponível em: <http://www.theatlantic.com/health/archive/2014/07/people-prefer-electric-shocks-to-being-alone-withtheir-thoughts/373936/>.

⁴Julie Beck, "The zen of adult coloring books", disponível em: <http://www.theatlantic.com/health/archive/2015/11/sorry-benedict-cumberbatchyour-head-is-fine/414010/>.

⁵Heather Schwedel, "Coloring books for adults: we asked therapists for their opinions", disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2015/aug/17/coloring-books-adults-therapists-opinions>.

⁶Sarah Halzack, "The big business behind the adult coloring book craze", disponível em: <https://www.washingtonpost.com/business/economy/thebig-business->

behind-the-adult-coloringbook-craze/2016/03/09/ccf241bc-da62-11e5-891a-4ed04f4213e8_story.html.

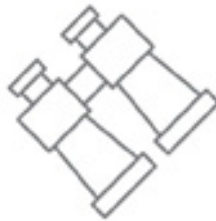
⁷Thu-Huong Ha, “America’s obsession with adult coloring is a cry for help”, disponível em: <http://qz.com/650378/the-sad-reason-americanadults-are-so-obsessed-with-coloring-books/>.

⁸Charles Taylor, *A secular age* (Cambridge: Harvard University Press, 2007), p. 64, 71, 307, 309 [edição em português: *A era secular* (São Paulo: Instituto Piaget, 2012)].

⁹Taylor, *A secular age*, p. 306.

¹⁰J. H. Bavinck, *The J. H. Bavinck reader*, edição de John Bolt; James D. Bratt; P. J. Visser; tradução de James A. De Jong (Grand Rapids: Eerdmans, 2013), p. 135-6.

OBSERVAÇÃO DE AVES



Uma atividade boa e saudável para a família, a observação de aves — ou *birding* como é conhecida em algumas partes do mundo — é um passatempo popular para um número crescente de pessoas. Neste estudo, exploraremos o que acontece no coração das pessoas quando elas observam aves.

1. ENTRE

O que ela diz?

Praticada por mais de três milhões de pessoas no Reino Unido, a observação de aves é uma atividade simples, popular e variada. Em sua raiz está a “disposição para observar”, com o objetivo de ver, nomear e desfrutar das aves.¹ Essa atividade tranquila é realizada em jardins e quintais, no campo ou em uma reserva natural. De fato, os “britânicos estão mais obcecados com pássaros do que qualquer outra nação na terra”,² e isso se reflete pelo número crescente de pessoas que observam aves, desde aquelas que nomeiam pintassilgos no jardim, àqueles que dirigem centenas de quilômetros para ver por um pequeno instante uma garça rara. Observar aves não requer nenhum equipamento especial,

apesar de os binóculos serem úteis. A maioria dos observadores de aves têm um binóculo ou pegam emprestado de uma reserva para que o detalhe de uma pequena ave possa ser apreciado, facilitando a identificação da ave. Isso permite “intimidade: a satisfação de poder observar, sem ser observado”.³ O guia de campo ou “livro de aves” é a segunda ferramenta importante, que prepara os observadores de aves com todas as habilidades necessárias para identificar as aves. Isso acentua a alegria de ver algo novo ou diferente, e fornece a linguagem que deve ser usada ao compartilhar com os amigos.

A conservação é a chave da cultura de observar aves, já que desfrutar da natureza nos leva a preservá-la. Isso pode ser expresso quando alguém participa de uma obra de caridade como a American Birding Association [Associação Americana de Observação de Aves] ou a Royal Society for the Protection of Birds [Sociedade Real para Proteção das Aves] (RSPB); a última é uma “grande sociedade com mais de um milhão de pessoas que ajuda a influenciar políticas nacionais sobre o meio ambiente”.⁴ Os observadores de aves também são encorajados a ajudar em esforços de conservação de forma prática. Isso pode ser feito alimentando aves, participando de projetos de pesquisa como o anual Big Garden Watch [Observadores do Grande Jardim], ou assinando uma petição como a “Carta ao Futuro” da RSPB.

Quem a escreveu?

Muitas influências e ideias dos últimos duzentos anos moldaram o que é a observação das aves hoje. No Reino Unido, talvez o fator mais significativo tenha sido a ascensão da RSPB e seu foco em entender e conservar as aves. A RSPB teve início em 1889 quando um grupo de mulheres abastadas quis

lutar contra o uso de penas e aves como acessórios de moda. Ao mostrar o sofrimento das aves, eles captaram a opinião majoritária e viram as atitudes do público irem da exploração de aves à melhor compreensão e, portanto, proteção das aves. Hoje a RSPB se tornou “uma das maiores e mais influentes obras de caridade de conservação”.⁵

Paralelo a isso, a disciplina da ornitologia (o estudo das aves) foi transformada por Julian Huxley, no começo do século 20. Ele decidiu se libertar do estudo do passado, baseado em museus e passou duas semanas, em 1912, observando aves na natureza; ele não somente conseguiu descobrir muitos fatos desconhecidos sobre o mergulhão-de-crista, mas também teve “as férias mais agradáveis possíveis”.⁶ Isso inspirou outros a fazerem o mesmo e, em razão da bagagem cultural Huxley na ciência evolucionista, isso conectou a observação das aves com a biologia evolutiva. Ao providenciar uma explicação natural para o que parecem ser padrões da natureza, criados por Deus, o evolucionismo darwinista foi a base dos estudos biológicos nos últimos cem anos e agora é adotado por exposições de museus e documentários de televisão. O resultado é que os seres humanos não são mais vistos como seres separados do resto da humanidade, mas ao invés disso, são “removidos... do ápice da criação”.⁷

Uma tendência final foi o aumento de jardins nos bairros da Inglaterra do século 20. A criação de quatro milhões de casas com jardins entre 1920 e 1939, criou uma rede de habitats quase bosques que podem abrigar muitas espécies de aves no próprio lugar onde se mora. Essa ênfase nos jardins foi a continuação de uma intensa ideia vitoriana de que devemos viver próximos à natureza para ter uma boa qualidade de vida.

Quem a lê?

Dado o contexto, o que os observadores de aves estão sendo encorajados a fazer, pensar e acreditar, e como eles respondem a isso?

Celebridades observadoras de aves falam a outros observadores que eles próprios fazem parte da natureza. Os seres humanos são apenas “mais uma espécie”. De fato, “somos macacos sem pelos”. Dividimos o ambiente com as aves, e nossa história evolutiva é a mesma das aves ao nosso redor. Cada forma de vida é considerada “igualmente válida, igualmente importante”. Como parte da natureza, nossa primeira necessidade é desfrutar do mundo. As aves são vistas como uma grande fonte desse desfrutar, já que fazem parte da natureza e, ainda assim, são “criaturas à parte”, e parecem quase mágicas, pois conseguem voar. As aves sempre ocuparam um papel especial em trazer maravilha a um mundo completamente natural: “Desde que os humanos andaram em apenas dois pés pela primeira vez, foram capazes de [...] observar as aves”.⁸

Identificar os nomes das aves, melhora esse deleite e ajuda a capturar nossa imaginação. Um nome também “demonstra a existência de um conceito compartilhado”. Ao nomearmos a aves, não apenas podemos compartilhar a experiência de vê-las com outras pessoas, mas também sentimos que a ave compartilhou algo conosco — essencialmente, habitamos no mesmo mundo. Consequentemente, um observador de aves que capta um relance de uma ave fascinante que ele conhece pode dizer: “Vejo o lampejo, não preciso me perguntar o que é. E o coração que salta é o meu”.⁹

A segunda necessidade inerente à observação de aves é a necessidade de reconectar com a natureza, cuidando dela. Recebemos a informação de que nos tornamos a única espécie separada pelo motivo errado —

causamos danos a natureza. Conservar e alimentar as aves têm, portanto, o seu papel, pois parecem nos redimir de alguma forma, aproximando-nos da natureza, beneficiando-a, em vez de destruí-la. Esse retrato da conservação como uma profunda necessidade é visto como sendo comparado a “uma religião, uma cruzada moral e um compromisso político”.¹⁰

Na cultura da observação das aves, há sinais tanto de complacência, quanto de rebelião contra tais mensagens vindas da mídia de observação das aves. A criação de uma indústria inteiramente voltada para a alimentação das aves, que agora vale 200 milhões de libras por ano, o aumento de membros da RSPB para mais de um milhão de pessoas, e o aumento do número de programas de TV sobre observação de aves, todos mostram que há uma demanda significativa para desfrutar e entender as aves.

Porém, os observadores de aves têm hábitos nem sempre bem aceitos pela elite observadora das aves. Algumas celebridades observadoras de aves lamentam o fato de que muitas pessoas ficam em seus jardins para observar as aves, em vez de saírem; ou lamentam a forma como alguns transformam a observação em uma competição, “contorcendo-se” para ver a maior quantidade de aves.¹¹

De forma mais interessante, a rebelião contra a narrativa apresentada é vista na tendência de encontrar características humanas nas aves; para muitos observadores de aves, existem aves boas, como o chapim-azul, e aves más, como a pega-rabuda. Isso repercute provocando um reaprendizado da narrativa “correta” pela mídia de observação de aves. Simon Barnes, por exemplo, diz que as aves pegas-rabudas “não estão tentando ser seres humanos”, e que as pessoas precisam perceber que a

natureza não está lá para o nosso deleite, fazemos parte da natureza, não somos seus mestres.¹² O observador de aves é ensinado a enxergar-se como parte de um mundo que não tem significado ou beleza, mas apenas é.

2. EXPLORE

Apesar de a observação das aves ser produto de uma cultura que não conhece a Deus, na maior parte dos casos, por causa da graça comum divina, ainda há nela uma revelação do amor de Deus por sua criação. Um exemplo disso é a alegria que as pessoas experimentam ao ver a beleza do mundo criado. É verdade que o coração, de fato, dá um pulso diante da glória da criação, porque Deus deu a todas as suas criaturas, um mundo cuja beleza “ultrapassa, em muito, qualquer obra de arte que o ser humano possa produzir”.¹³

Essa graça comum também é refletida no prazer em identificar as aves. Como Turnau observa, “Assim como quando Deus criou o mundo, quando criamos cultura, criamos mundos compartilhados de significado nos quais habitamos mutuamente”.¹⁴ Consequentemente, o significado compartilhado desfrutado quando identificamos e falamos sobre as aves é um testemunho da graça de Deus dando-nos a capacidade de sermos criativos. Nosso papel dado por Deus na criação, também é visto pela ênfase na conservação. Isso está de acordo com a insistência da Bíblia de que o homem foi colocado no mundo de Deus para cultivá-lo e guardá-lo (Gn 2.15). Tal administração faz parte daquilo que significa ser um ser humano, e exercer esse papel e cuidar da ordem criada traz satisfação.

No entanto, a narrativa que fundamenta a observação das aves, também é idólatra. A resposta à provisão de Deus de um mundo lindo é

tirar Deus de cena, o protagonista principal da história, e se “recusar a reconhecer este nosso lar como um presente”.¹⁵ Mesmo quando Deus é mencionado, não é como o Criador soberano, mas ao invés disso, como um nome alternativo para processos naturais.¹⁶ Os problemas do mundo natural são descritos como a forma de ser da natureza ou um reflexo do estrago que a humanidade causou na criação, e não são entendidos como avisos de Deus, como suas revelações deveriam ser.

A humanidade pecaminosa repetidamente escreve por cima das boas mensagens de Deus também. Remover Deus da história é atraente, pois remove a “necessidade de arrependimento a um Deus pessoal”.¹⁷ Vemos isso na forma pela qual a mídia de observação das aves quer tornar os humanos iguais a qualquer outra criatura, em vez de abraçar a mensagem de Deus de que estamos em uma posição de responsabilidade sobre sua criação (Sl 8.6). Isso leva as pessoas a buscarem “a fonte e a provisão do que precisamos, seja isso físico ou emocional, em [...] qualquer coisa que não seja o verdadeiro Deus”,¹⁸ e isso é idolatria.

Na observação das aves, isso significa encontrar significado na evolução, que por si só sempre tem conotações religiosas. De fato, os ídolos são falsificações de Deus, falsificando sua identidade ou caráter. A evolução é uma religião falsificada que tem uma provisão no passado (a evolução da vida) e a perspectiva de bênção ou maldição no futuro (o flagelo da natureza), onde ambos se moldam moralmente no presente. Tudo isso falsifica o que parece ser um relacionamento com o verdadeiro Deus.

3 e 4. EXPONHA E EVANGELIZE

A natureza idólatra do texto é vista nas maneiras em que ele nos impede de encontrar nossas verdadeiras necessidades. Deleitar-se em ver uma linda ave, aquele momento “onde o entretenimento e a fascinação acontecem”,¹⁹ pode ser adoração, que é buscar glória não criada em coisas criadas. Consequentemente, ela não satisfaz, levando as pessoas a quererem ver a próxima ave surpreendente ou quererem competir. Esse problema deve nos fazer perceber que “o trabalho de Deus na criação [...] testifica que ele é a fonte de toda felicidade”, e deve nos mover a encontrar alegria em contemplá-lo e conhecê-lo.²⁰ A conservação também trai essa falha e é muitas vezes feita com uma atitude de desespero e hostilidade, como apresentado no comentário de Barnes de que “vivemos em mundo que está se transformando em um holocausto ecológico”.²¹ Em um mundo onde a observação das aves deveria nos ensinar que Deus provê para toda sua criação (Mt 6.26), a administração pode ser feita na dependência de Deus, que é soberano e bom.

A narrativa de observação das aves também contém contradições que não satisfazem. Um escritor diz que “a natureza não é bonita; a natureza apenas é”, porém, pergunta no mesmo livro, “Por que somos tão interessados por suas belezas?”.²² Se não há um Deus, o único motivo pelo qual nos apegamos à beleza e à alegria é “porque queremos acreditar que a [natureza] é mais do que [...] uma estratégia evolutiva de sobrevivência”. A contradição mostra que “sabemos que há mais, algo que indica uma realidade espiritual maior”.²³

A narrativa de observação das aves busca desfrutar das ricas bênçãos do mundo de Deus, enquanto excluímos o Provedor. Porém, quando olhamos para a natureza com os óculos das Escrituras, encontramos uma história que dá sentido à queda do mundo e ao nosso desejo de criar

significado e cuidar dele. Também encontramos nelas o Deus que o criou e nos colocou sobre este mundo, e que é “a beleza espiritual que este representa”, em quem encontraremos satisfação completa.

¹Simon Barnes, *How to be a bad birdwatcher: to the greater glory of life* (London: Short Books, 2004), p. 16. É interessante notar que a observação de aves é um hobby muito mais amplamente desfrutado do que a percepção comum permite. De fato, o lado competitivo, muitas vezes chamado de “nervosismo”, não deve ser visto como o reino do “melhor”, mas simplesmente pessoas competitivas envolvidas em um *hobby* que geralmente se foca na diversão (p. 21).

²TV: Stephen Moss; Susie Painter, *Birds britannia 1: garden birds* (BBC 4 7/11/10), 0.04.

³Barnes, p. 48.

⁴Peter Holden; Tim Cleeves, *RSPB handbook of British birds* (A&C Black, 2008), p. 6.

⁵Holden; Cleeves, p. 6.

⁶Julian Huxley, “The courtship habits of the great crested grebe”, in: *Proceedings of the zoological society of London* 84 (1914), p. 492.

⁷Kirsten Birkett, *The essence of darwinism* (Matthias Media, 2001), p. 119.

⁸Barnes, p. 154, 63, 30, 29.

⁹Barnes, p. 83, 85.

¹⁰Barnes, p. 191.

¹¹Então Bill Oddie se desespera, “Para muitas pessoas, não há nada além de pássaros de jardim”; veja na TV: Stephen Moss; Susie Painter, *Birds britannia 1*, 1.34. E Simon Barnes escreve que competidores nervosos “não são ortodoxos ... eles não são o que observadores de aves querem ser no âmago do coração deles”. Veja Barnes, p. 21.

¹²Barnes, p. 153-4.

¹³Stephen J. Nichols, *Jonathan Edwards: a guided tour of his life and thought* (Phillipsburg: P&R, 2001), p. 169.

¹⁴Theodore A. Turnau III, “Equipping students to engage popular culture”, p. 135-57, in: John B. Hulst; Peter Balla, orgs., *The word of God for the academy in contemporary culture(s)* (reimpresso com números de página de 1 a 28) (Budapest: Karoli Gaspar Reformed University Press, 2003), p. 4.

¹⁵Turnau, “Reflecting theologically on popular culture as meaningful”, p. 289.

¹⁶Assim também Barnes: “Deus, ou evolução, ou o quer que você queira chamar o processo, criou esses dois tipos de espécies”. Barnes, *How to be a bad birdwatcher*, p. 39.

¹⁷Turnau, “Reflecting theologically on popular culture as meaningful”, *Calvin Theological Journal* 37 (2002): 290.

¹⁸Scott J. Hafemann, *The God of promise and the life of faith: understanding the heart of the Bible* (Wheaton: Crossway, 2001), p. 35.

¹⁹Turnau, “Equipping students to engage popular culture”, p. 8.

²⁰Nichols, p. 170.

²¹Barnes, p. 151.

²²Barnes, p. 154, 159.

²³Turnau, “Equipping students to engage popular culture”, p. 23.

ZUMBIS: “ELES SÃO NÓS!”



No dia 23 de outubro de 2011, foi noticiado que três mil zumbis haviam invadido as ruas de Brighton, no Reino Unido. Essas notícias não eram estritamente falsas. A invasão foi real; os zumbis, porém, não eram. Eles eram, na verdade, três mil fãs de zumbis, participando de sua última febre, o ZomMob: pessoas de todas as idades e contextos, vestidas de zumbis, reunindo-se para passar pelas maiores cidades. Um artigo observou, “É a prova mais recente... de que os mortos-vivos realmente estão marchando — pelo menos culturalmente”. Nas últimas cinco décadas, houve um grande crescimento da menção de zumbis na literatura. O que atrai esse fenômeno cultural?

Neste estudo, restringiremos nossa análise ao zumbi do produtor de filmes George A. Romero — o “RomZom” — retratado nos filmes *A noite dos mortos-vivos* (1986), *O despertar dos mortos* (1978) e *Dia dos mortos* (1985). Romero é considerado o pai dos filmes modernos sobre zumbis; Twohy afirma que ele “assegurou-se de que os zumbis nunca mais fossem vistos da mesma forma”.¹

1. ENTRE

O que diz?

Apesar da ideia de os mortos comerem os vivos não ser completamente nova,² *A noite dos mortos-vivos* (1986) foi o primeiro filme a imaginar esse conceito na forma de zumbis. “*Noite...* introduziu traços de canibalismo na representação dos ‘mortos-vivos’”,³ “criando uma espécie de zumbi, significativamente mais aterrorizadora do que as representações anteriores”.⁴

RomZom é um “cadáver lento, reanimado e ávido por carne humana, geralmente ocorrendo em multidões”,⁵ um “monstro pestilento macabro”,⁶ desprovido de intelecto e emoção.⁷ Ele é retratado como “ameaçador e infectante para toda a raça humana”,⁸ transformando vítimas em zumbis, geralmente em um contexto apocalíptico. De fato, “mais do qualquer outro monstro, os zumbis [...] sinalizam o fim do mundo como o conhecemos”.⁹

Além disso, de acordo com Paffenroth, RomZom foi projetado para diminuir “as fronteiras entre [...] humanos e sub-humanos”. Wilson, ao citar *A noite dos mortos-vivos*, diz o seguinte: “O raro filme de terror [...] anuvia as fronteiras [...] entre a escuridão e a luz”, para que o “protagonista encontre o verdadeiro monstro dentro deles”.¹⁰ Aqui encontramos a intenção de Romero: ele está “perguntando o que é um zumbi inteligente, além de [...] um ser humano [escravizado] a seus apetites? O que somos, além de [...] zumbis ligeiramente mais inteligentes, uma tribo de canibais desequilibrados e autodestruidores colocando as presas uns nos outros?”.¹¹

Quem o escreveu?

Romero é um homem divertido. Durante a propaganda de um de seus filmes em que ele faz graça de si mesmo, diz: “Espero que a gente se divirta assistindo”.¹² Mas ele também é um homem desconfiado, acredita que os nossos vizinhos são nossos piores inimigos e que as três redes de televisão de sua época eram “três grandes mentiras [...] agora existem 400 mil blogueiros [...] existem 400 mil mentiras em potencial”.¹³ Ele admite que usou seus filmes para “expressar suas visões políticas”. Confessa de forma pessimista que “os humanos [em seus filmes] são os [personagens] dos quais menos gosto [...] é neles que o problema realmente está. Os zumbis são apenas mosquitos”.¹⁴ Mecanismos de roteiro, tais como reservar os piores comportamentos para os personagens humanos, retratam a desconfiança de Romero em relação à humanidade, e novamente levantam à pergunta “O que somos?”.¹⁵

Romero, portanto, pretende que os zumbis exponham o estado da humanidade, especialmente males como o consumismo, o individualismo e o racionalismo. Paffenroth observa que “qualquer pessoa que assiste a filmes de zumbi deve estar preparada para uma forte acusação à América moderna”.¹⁶ O zumbi é, então, uma metáfora ou espelho da verdadeira humanidade.

Quem o lê?

Apesar do protesto inicial contra *Noite* (1968), o filme mostrou-se extremamente popular em muitas culturas e gerações. O seguinte trecho da *Varsity* encapsula a resposta inicial.

Até que a Suprema Corte estabeleça uma diretriz nítida para a pornografia da violência, *Noite* [...] servirá como uma boa definição

de limite exterior, como exemplo [...] Este filme de terror [...] coloca sérias calúnias sobre a integridade e a responsabilidade social de seus [...] produtores [...] e sobre a saúde moral de cinéfilos que alegremente optam por essa completa orgia de sadismo.¹⁷

Entretanto, os “críticos começaram a reconhecer que o filme não somente chocou ou enojou [...] ele perturbou e deixou perplexos os espectadores, e exigiu mais deles em um nível mais profundo, exigindo mais atenção”.¹⁸ Quando *Despertar dos mortos* foi lançado (1978), os críticos estavam sujeitando os filmes de Romero a uma “análise detalhada e acadêmica”.¹⁹ As mensagens de Romero pareceu alcançar os telespectadores também. Harper descreve que quando visitou um shopping, depois de assistir *Despertar*, um fã exclamou, “Olha! É exatamente como *Despertar*! Todos esses consumidores parecem zumbis andando pelo shopping!”.²⁰ O crescimento dos filmes de zumbi nas últimas quatro décadas demonstra o amplo apelo de RomZom.²¹

Devido à semelhança de RomZom com os seres humanos, ele se tornou tema de investigação e de debate entre filósofos. Fascinou diversos acadêmicos, como o dr. Leaning, da Universidade de Winchester, no Reino Unido, que agora oferece um módulo sobre os zumbis.²² Comentaristas de filmes especulam sobre as múltiplas metáforas por trás de RomZom. Neste artigo, consideraremos quatro metáforas oferecidas por Michael Johnson, de *ReelSchool*: dissociações, verdadeira humanidade, morte e contágio.²³

Os temas de dissociação, contágio e morte estão relacionados. Johnson explica que os zumbis ressoam com nossos desejos de permanecermos individuais quando enfrentamos pressão social para nos conformarmos, e de nos “dissociarmos” ou de nos separarmos da multidão; o bando implacável de zumbis é uma figura dessas forças que buscam nos

contaminar com ideias. Dennett concorda que os zumbis representam os proponentes de qualquer cosmovisão. Por exemplo, os cristãos podem ser vistos como zumbis, apresentando uma ameaça; o evangelho, então, se torna contagioso.²⁴ Muitas vezes isso está ligado ao medo da morte e do contágio viral: o zumbi é “uma representação literal do nosso futuro, forçando você a enfrentar seu medo [...] literalmente vindo lentamente em sua direção, de forma implacável, inflexível, incontrollável”. Novamente, a mensagem de Romero passa para o primeiro plano; Johnson diz “um dos aspectos mais terríveis [do gênero zumbi] [...] não tem nenhuma relação com o monstro do lado de fora, tentando derrubar sua porta; está totalmente relacionado com o monstro interior. Em um mundo pós-apocalíptico [...] as pessoas estão livres para *ser o que elas realmente são*”.²⁵

Como Johnson sugere, o apelo dos zumbis também reflete uma fantasia humana de viver em um apocalipse. Cole, por exemplo, sugere que o filme zumbi “satisfaz as nossas fantasias pós-apocalípticas”.²⁶ O ZomMob mencionado na introdução, torna acessível a oportunidade de viver, de alguma forma, a fantasia apocalíptica, quando grupos reencenam ataques e conversões. Videogames nos protagonizam em nosso próprio apocalipse zumbi.²⁷ Organizadores de eventos, Battlefield Live, oferecem experiências apocalípticas mais realísticas “por demanda popular”.²⁸ Um artigo no cracked.com sugere que a razão pela qual essa fantasia “nos atrai, é que não há mais ninguém para nos julgar [...] o apocalipse é como ser liberto de uma prisão”.²⁹ Outro artigo oferece cinco razões; provavelmente todos vêm de um desejo por autonomia”.³⁰

2. EXPLORE

Depois de descrever o texto cultural e seu mundo, agora somos capazes de sujeitá-lo a nossa análise teológica.

Jonathan Edwards diz que por meio da revelação geral (ao olharmos para o mundo ao nosso redor), podemos concluir que “... toda a humanidade está, por natureza, em um estado de ruína total”.³¹ Romero chegou à mesma conclusão. De certa forma, os filmes de Romero ampliam a revelação de Deus sobre o verdadeiro estado da humanidade. Nesse sentido, o zumbi é o produto da graça comum e da revelação geral. O apóstolo Paulo usa uma imagem que podemos dizer que se assemelha a zumbis, para descrever o comportamento da humanidade caída: “... vocês se mordem e devoram uns aos outros” (Gl 5.15). De modo semelhante, Romero vê a humanidade mordendo e devorando uns aos outros”, retrata isso na forma de zumbis, e diz, de fato, “*Eles são nós*”. Ao estabelecer uma causa para a maldade dos zumbis, e contrastando os zumbis com personagens humanos, ele pergunta ao espectador, “Que doença causa a sua maldade?”. Seus filmes reconhecem e proclamam que não devemos ser dessa forma, o que está alinhado com a intenção de Deus. O retrato de Romero sobre a inclinação do homem para o mau, é um sinal da graça restrita e revelação geral de Deus.

Ao vermos incorporada e ampliada a maldade da humanidade dessa forma, percebemos que os zumbis, em contexto, funcionam de modo semelhante à lei de Deus. Paulo escreve que ele “não saberia o que é pecado, a não ser por meio da lei” (Rm 7.7). Lutero compara a lei a um espelho “onde você encontrará o que falta em você e o que deve buscar”.³² O zumbi, diferentemente do evangelho, é como a lei — um espelho que expõe a necessidade de um salvador, mas que não o oferece. Em contraste, Edwards escreve que “Cristo se relaciona diretamente com essa ruína,

como o remédio para a doença”.³³ O zumbi não vai tão longe, nem oferece uma alternativa; portanto, não oferece esperança.

Brockway sugere que a autonomia está na raiz da fantasia apocalíptica. Esse desejo por controle está no coração da idolatria, e se origina no jardim do Éden, na decisão de Adão e Eva de comerem o fruto. Isso significa que nosso fascínio pelo apocalipse zumbi tanto decorre de nossos anseios por viver nosso profundo ídolo por autonomia, quanto os impulsiona.

No entanto, talvez também possa haver algo a mais em curso aqui. Davidson sugere que a fantasia de zumbi revela outro desejo: ser liberto da prisão da ocupação da vida e do trabalho. Isso ecoa o clamor de Lameque, de que seu filho Noé, “nos aliviará do nosso trabalho e do sofrimento de nossas mãos” (Gn 5.29). Lameque anseia pelo fim do trabalho doloroso — um desejo pela libertação da maldição. Talvez nos encontremos cativados pelo apocalipse zumbi porque ele toca nesse anseio, despertando a esperança de um fim. O espírito humano anseia por um salvador para nos libertar da maldição, dando-nos descanso. No entanto, em última análise, essa fantasia se torna idolatria, ao estabelecer o apocalipse como salvação.

3 e 4. EXPONHA E EVANGELIZE

Descobrimos que RomZom tem camadas de significado que vão além do que Romero pretendia e de modo mais profundo. Ele revela nossa depravação; massageia nossos anseios interiores ou idólatras, e fornece um meio de externá-los ou de simplificar nossos temores. Isso é significativo, porque os espectadores persuadidos pelo RomZom não precisariam ser convencidos a reconhecer a inclinação pecaminosa e aberração da humanidade; a esse respeito, o coração deles pode provar

ser um bom solo para a semente do evangelho. Além disso, RomZom mostra que eles desejam — vida, descanso e libertação da maldição — e se sentem sem esperança e presos. Por meio do zumbi, chegamos à necessidade de um salvador, e assim, por meio do zumbi, chegamos a Cristo: “Deus, que é rico em misericórdia, trouxe-nos vida com Cristo mesmo estando nós ainda mortos em transgressões” (Ef 2.4,5).

¹Margaret Twohy, “From voodoo to viruses: the evolution of the zombie in twentieth century popular culture”, tese de mestrado (Trinity College Dublin, 2008), p. 13.

²Os mortos retornando para comer está há muito tempo na consciência do homem. O épico de Gilgamesh contém estas palavras: “Ressuscitarei os mortos, e eles comerão os vivos. Farei com que os mortos ultrapassem os vivos em número!”. Citações em Stephanie Dalley, *Myths from Mesopotamia: creation, the flood, Gilgamesh, and others*, ed. rev. (Oxford University Press, 2009), p. 80.

³Tony Williams, *The cinema of George A. Romero: knight of the living dead* (London: Wallflower Press, 2003), p. 12.

⁴Twohy, p. 15.

⁵Twohy, p. 15.

⁶James B. Twitchell, *dreadful pleasures: an anatomy of modern horror* (Oxford: Oxford University Press, 1985), p. 267.

⁷Kim Paffenroth, *Gospel of the living dead: George Romero's visions of hell on earth* (Waco: Baylor University Press, 2006), p. 12.

⁸"Zombie (fictional)", *Wikipedia, the free encyclopaedia*, disponível em: [https:// en.wikipedia.org/wiki/Zombie](https://en.wikipedia.org/wiki/Zombie).

⁹Paffenroth, p. 8.

¹⁰Eric G. Wilson, *Secret cinema: gnostic vision in film* (Bloomsbury Academic, 2006), a partir da p. 121.

¹¹Paffenroth, p. 7.

¹²"*Survival of the dead* George A. Romero Introduction", 2010 [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=9sGx0gTVkqM&feature=youtube_gdata_player.

¹³"*Diary of the dead*—George A. Romero interview", 2007 [citada em 13 novembro de 2011], disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=ljOVL8lCV_Q&feature=youtube_gdata_player.

¹⁴"10 questions for George Romero" [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1992390,00.html>.

¹⁵Paffenroth, p. 12.

¹⁶Paffenroth, p. 21.

¹⁷Paffenroth, p. 27. Ironicamente, mas por outros motivos, não era essa a intenção de Romero — lançar calúnia sobre a saúde moral de produtores de filmes?

¹⁸Paffenroth, p. 28.

¹⁹Paffenroth, p. 28.

²⁰Harper, “Zombies, malls, and the consumerism debate: George Romero’s *Dawn of the dead*”, *Americana: The Journal of American Popular Culture (1990-present)* 1 (2002), disponível em: http://www.americanpopularculture.com/journal/articles/fall_2002/harper.htm.

²¹“The Internet Movie Database (IMDb)”, s.p. [citada em 13 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://www.imdb.com/>. Além dos vários títulos americanos, o Canadá produziu *Shivers* (1975) e *Rabid* (1977); Nova Zelândia e Reino Unido produziram *Braindead* (1992); há o italiano *Dellamorte Dellamore* (1994); *Versus* (2000), do Japão; *28 days later* (2002) e *Shaun of the dead* (2004), da Inglaterra; e o espanhol *[Rec]* (2007). Alguns títulos foram distribuídos com outros nomes nas Filipinas e em Portugal.

²²John Sudworth, “Zombie craze continues to infect popular culture” [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em:

<https://www.bbc.co.uk/news/uk-15418899>.

²³Michael Johnson, “The meaning of the zombie”, YouTube [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em; http://www.youtube.com/watch?v=_nyEQplt9Nc.

²⁴“Dan Dennett on dangerous memes”, vídeo em TED.com [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/eng/dan_dennett_on_dangerous_memes.html.

²⁵Johnson, “The meaning of the zombie”, grifo nosso.

²⁶Liz Cole, “GreenCine | Zombies” [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em: <http://www.greencine.com/static/primers/zombies1.jsp>.

²⁷Jamie Russell, *Book of the dead: the complete history of zombie movies* (FAB Press, 2005), p. 171.

²⁸“Latest News—Battlefield LIVE Pembrokeshire” [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em: <http://www.battlefieldlivepembrokeshire.co.uk/news.shtml>.

²⁹“Why we’re obsessed with the apocalypse” [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em: <http://www.cracked.com/blog/why-were-obsessed-with-apocalypse/>.

³⁰“5 reasons you secretly want a zombie apocalypse” [citada em 13 de novembro de 2011], disponível em:

http://www.cracked.com/article/136_5-reasons-you-secretly-want-zombie-apocalypse/?

[wa_user1=1&wa_user2=Weird+World&wa_user3=article&wa_user4=recommended.](#)

³¹R.C. Sproul, *Willing to believe: the controversy over free will* (Baker, 2002), p. 145.

³²Martin Luther, *A treatise on good works* (The Floating Press, 2009), p. 91.

³³Sproul, p. 145.

O VASO SANITÁRIO DOMÉSTICO JAPONÊS¹



Quem viaja ao Japão geralmente expressa horror aos vasos sanitários tradicionais asiáticos, às vezes caracterizados — especialmente em parques e estações de trem — pelos “quatro K’s... *kiken* (perigoso), *kitanai* (sujo), *kurai* (escuro) e *kasai* [sic] (fedorento)”.² No entanto, geralmente ficam impressionados com os vasos sanitários avançados com bidê incorporando, encontrados em muitas casas e em sanitários em hotéis e em lojas de departamento.³

1. ENTRE

O que ele diz?

Chun descreve esses vasos sanitários da seguinte maneira: “Existem botões para abrir a tampa e/ou o assento, botões para pulverizar para frente ou para baixo, e controles para definir a temperatura da água e sua pulsação. A maioria possui secadores de cabelo e assentos quentes (para o inverno), e alguns têm desodorizantes catalisadores acionados eletronicamente e revestimentos de porcelana resistentes a manchas que permitem que o vaso se limpe”.⁴ Os vasos sanitários públicos das mulheres também

costumam ser equipados com um dispositivo “som de princesa”, que emite sons de descarga ou toca músicas para mascarar os sons embaraçosos durante a micção.⁵

Sempre que as considerações de espaço o permitem, o vaso sanitário com bidê incorporado fica em uma sala separada do banheiro. A pessoa que vai entrar no banheiro recebe um par de chinelos para calçar antes de entrar. Embora algumas pessoas, por razões de saúde e higiene, mantenham o estilo agachado de ir ao banheiro em suas casas, a maioria agora possui um vaso para sentar-se, no estilo ocidental. Metade das casas japonesas possui algum tipo de vaso com bidê, conforme descrito acima.⁶ Se não houver aquecedor elétrico de assento, provavelmente o assento terá uma cobertura de calor. Isso e o tapete, a toalha de mão, a cobertura da tampa e a tampa do rolo de papel higiênico, geralmente presentes, estão em uma cor ou design que reflete a estação. A decoração é feita com algumas fotos ou calendário, e possivelmente com flores ou seixos. Uma estante de livros é muito rara. O purificador de ar provavelmente exala perfume com cheiro de árvore ou floresta.⁷

Quem o escreveu?

Ao considerarmos o vaso sanitário japonês, examinaremos a sua situação na casa, os conceitos xintoístas de pureza e segurança, ideias de beleza e saúde e o uso da tecnologia.

A posição do banheiro é determinada por regras detalhadas extraídas em grande parte do *fengshui*, que é baseado na filosofia taoísta. A palavra *fengshui* é escrita com os caracteres para “vento” e “água” e seu objetivo é manipular o fluxo de energia vital causado pela interação dos cinco elementos (água, metal, fogo, terra e madeira), com o *yin* (matéria) e o

yang (espírito).⁸ Seguir essas regras deve resultar em saúde e prosperidade para todos os membros da família. Essas regras são tão complicadas, explica Kalland, que 80% de sucesso na conformidade da construção de uma casa é considerada alta e, portanto, são necessários rituais adicionais para evitar calamidades.⁹

Os locais de água corrente e de banheiros, cozinhas e lareiras sujos são particularmente importantes. Por exemplo, acredita-se que banheiros colocados nas seções nordeste, sudoeste ou noroeste, afetarão adversamente os membros da família associados a essas seções.¹⁰ O *fengshui* sugere que a tampa do vaso sanitário deva ser mantida fechada para evitar a fuga de força vital, de modo que os sensores em um lavatório, que abrem a tampa quando alguém se aproxima e a fecha quando a pessoa sai, representam uma nova solução para um problema antigo. Flores ou seixos no banheiro são um elemento “terra” que neutraliza a “descarga” da água da força da vida e, portanto, da prosperidade.

Essas regras originalmente taoístas, vindas da China, foram incorporadas ao folclore xintoísta, a tradição religiosa japonesa nativa. Então, a seguir, passamos a considerar uma maneira importante pela qual o banheiro é influenciado pelo xintoísmo.

Uma grande preocupação do xintoísmo é a pureza. A impureza surge de muitas ações e circunstâncias e, ao contrário do pecado, nem sempre está ligada à responsabilidade moral humana. Como em muitas sociedades, a limpeza e a pureza estão associadas à segurança e a impureza ou a poluição estão associadas ao perigo. As práticas de enxaguar a boca e lavar as mãos, por exemplo, geralmente são realizadas ao entrar nos recintos dos santuários e ao voltar para casa vindo da rua. Essa distinção entre “interno” — que é “limpo” e “seguro” — e “externo” —

“sujo” e “perigoso” — é importante para os japoneses e é aprendida desde a tenra idade. Isso ilustra a famosa afirmação de Mary Douglas de que a impureza é “matéria fora de lugar” e, portanto, deve ser abordada por meio da ordem.¹¹ O banheiro é um lugar “sujo”, e a ordem é imposta estabelecendo um limite entre ele e o restante da casa, simbolizado pela mudança de chinelos. Isso também explica a preferência por se ter um vaso sanitário e banheiro separados.

A “sujeira” do banheiro é responsável pelo perigo associado a ele e pelos cuidados tomados sobre onde ele é posicionado. McElligott também conta a história de um vizinho desesperado por encontrar o local do banheiro entre as cinzas de uma casa totalmente incendiada em sua rua, porque sentiu que o “espírito do banheiro” tinha de ser apaziguado para evitar a calamidade.¹² Horan sugere que a preferência por um purificador de ar com cheiro de árvore no banheiro esteja relacionada ao fato de que o arbusto nandina costumava ser plantado perto das residências para atrair uma criatura fictícia que faria desaparecer os pesadelos.¹³ Ao lançar o vaso com bidê no início da década de 1980, o fabricante TOTO apelou em sua publicidade à obsessão japonesa pela limpeza, que em parte decorre dessa tradição xintoísta. Chun cita um vídeo promocional da TOTO: “Os japoneses são uma nação de pessoas que gostam de lavar o bumbum”.¹⁴

É interessante observar outros elementos do banheiro japonês. Por exemplo, enquanto vimos que parte do embelezamento do banheiro está ligado às crenças do *fengshui*, elementos como as decorações sazonais refletem o fato de a natureza ser considerada bonita no Japão. Essa preocupação com a busca pela beleza na cultura japonesa mais ampla foi observada por muitos observadores.¹⁵ O lavatório também é considerado como algo que promove saúde. A lavagem e secagem anal é supostamente

útil para aliviar a constipação e hemorroidas, e modelos recentes podem medir o açúcar na urina, o peso e até a gordura corporal.

Finalmente, o banheiro demonstra o uso e o aprimoramento de tecnologias pelos japoneses para lidar com problemas produzidos por preocupações culturais, como saúde e “segurança”. Distanciando o usuário das funções corporais, ele também pode ser considerado um meio de cobrir o constrangimento e garantir a dignidade. O lavatório é na verdade uma versão muito melhorada de um modelo americano original da década de 1960, projetado para uso em hospitais, e também é um exemplo da liderança do Japão na produção de objetos práticos e bonitos.¹⁶ Lundell vincula essa busca pela excelência aos sentimentos de superioridade nacional e perfeccionismo.¹⁷

Quem o lê?

A visão do que significa ser um bom ser humano está implícita em grande parte do que vimos acima. Essa pessoa se preocupa com pureza e ordem, da qual a limpeza corporal é apenas uma parte. Um coração puro no Japão não é dirigido por absolutos morais, mas expresso, McElligott sugere, na “sinceridade”, que envolve fazer as coisas “da maneira certa”, conforme determinado pela prática estabelecida e aceita.¹⁸ A sinceridade também é demonstrada no esforço por se comportar com cortesia e empatia. Esse comportamento preserva a harmonia nos relacionamentos com o mundo humano e não humano.

Oferecer um local limpo e seguro para a satisfação das necessidades básicas de urinar e defecar, além de preservar a dignidade, é, portanto, um ato cortês para com os outros. Esforçar-se por situar o vaso sanitário adequadamente reflete uma preocupação por trazer saúde e prosperidade

à família, mas também, mais amplamente, por viver em harmonia com o cosmo e por manter contentes os espíritos dos ancestrais e da comunidade. A vida boa também é de beleza, incluindo sensibilidade às estações e à natureza. Ela protege a saúde como uma maneira de evitar causar preocupação ou problemas aos outros. Ela usa a tecnologia para servir aos seres humanos e ao meio ambiente.

2. EXPLORE

A cosmovisão vista aqui acredita na bondade básica da humanidade e na bondade e riqueza da natureza. Também pressupõe uma continuidade entre os elementos humanos e não humanos da realidade, incluindo os mortos — que, em certo sentido, “ainda estão conosco” — junto com uma miríade de outros espíritos que habitam e protegem o Japão.

Enquanto os japoneses compartilham, em certa medida, a narrativa moderna do progresso científico e social (daí a adoção entusiástica de tecnologias), há um sentido mais profundo do tempo que não é linear. O tempo é, ao mesmo tempo, um momento presente em constante evaporação e um ciclo. O passado também está sempre presente, mas também é esquecido.¹⁹ A influência taoísta significa que, para os japoneses, o tempo não é igual — há dias e anos promissores ou não promissores. Na filosofia taoísta, os desejos fundamentais são a harmonia e a pureza. A humanidade tem algum papel em manter a harmonia, mas o destino, ou “a maneira como as coisas acontecem”, desempenha um papel importante. Nessa cosmovisão, os seres humanos existem como parte de um cosmo harmonioso, mas a ideia bíblica de serem, em qualquer sentido, especiais — separados e com autoridade sobre outros elementos — é rejeitada.

No banheiro japonês, vemos preocupações com a família, a comunidade e o meio ambiente, que refletem algo da boa criação divina da humanidade à imagem de Deus. As primeiras pessoas foram criadas para se relacionar com outras pessoas, para trabalhar e manter o lugar em que viviam (Gn 1.27; 2.15,18). O desejo de deixar até o banheiro bonito contribui para isso.

Por outro lado, a revelação da graça comum é suprimida quando saúde, prosperidade e segurança, dadas como sinais da bênção de Deus a serem respondidas em agradecimento, não são recebidas como tal. Em vez disso, elas são vistas como algo a ser alcançado por técnicas e manipulação humanas. As categorias de impureza, perigo e de vergonha diante das funções corporais, refletem uma espécie de senso em relação a coisas que deram errado, mas qualquer consciência da ira de um santo Deus criador também é suprimida. Mais uma vez, tecnologias humanas, quer sejam o *fengshui* antigo ou aparelhos modernos, são usadas para lidar com o “perigoso”.

Nos banheiros japoneses, encontramos um foco em tecnologia, saúde, limpeza e segurança — eles foram concebidos como meios dados por Deus para controlar e subjugar a terra, tornando-a um lugar melhor para se viver, com saúde e prosperidade. No entanto, as obsessões em relação à limpeza e à tecnologia concernentes ao vaso sanitário japonês mostram que elas se tornaram ídolos.²⁰

3 & 4. EXPONHA E EVANGELIZE

Contra o taoísmo, devemos afirmar que todo tempo e espaço são iguais, porque todos estão igualmente sob o senhorio de Cristo (Mt 28.18). Contra a história da singularidade japonesa, da qual vimos traços aqui, precisamos

afirmar que Deus criou todas as nações e promete que representantes de todas as nações estarão presentes na nova criação (At 17.26; Ap 7.9). As necessidades expressas na cosmovisão japonesa, conforme descritas e analisadas acima, são subvertidas e cumpridas no evangelho de Jesus Cristo.

A obsessão pela busca da tecnologia, limpeza e segurança é ela própria uma demonstração que esses ídolos não podem satisfazer e não podem substituir Deus. O evangelho oferece um coração limpo — puro no nível mais profundo, mais interno, de tal maneira que não há vergonha em permanecer diante de um Deus santo (Hb 10.19-22). Enquanto acredita-se que o *fengshui* ofereça, no máximo, 80% de proteção contra as calamidades domésticas, a necessidade humana por segurança é totalmente atendida em Deus, que é um refúgio para seu povo (Sl 46.1). Os anseios mais satisfatórios por saúde e prosperidade neste mundo podem provar-se fracos e débeis em comparação com a vida eterna e a herança imperecível e infindável prometidas na nova criação (1Pe 1.3,4). As Escrituras prometem que esse será um lugar de beleza, abundância e harmonia que excedem em muito os anseios japoneses por essas coisas. Somente os cristãos podem falar corretamente sobre harmonia, paz e reconciliação, porque somente os cristãos conhecem o Deus que traz harmonia, primeiro a nosso relacionamento com ele, depois em nossos relacionamentos uns com os outros e, finalmente, com toda a criação (Rm 5.1; Is 11.6-9).

¹Essa pode parecer uma escolha um pouco obscura. Inclui esse elemento como um exemplo de uma análise que é culturalmente transcendente, a qual é crucial para um universo diversificado e conectado como o nosso. Como você verá, o que nós no Ocidente podemos considerar como um processo funcional e um mundo distante da “religião”, é em outras culturas algo profundamente “religioso” em essência. Pense em exemplo semelhantes que possam ser aplicados aos seus vizinhos de outras religiões como o islamismo, hinduísmo e o siquismo.

²Rose George, *The big necessity: adventures in the world of human waste* (London: Portobello, 2008), p. 53.

³*Washlet* (vaso com bidê) é o nome para produtos desse tipo, produzidos pela empresa TOTO. Chun cita figuras internas de que o *Washlet* sozinho constitui 32% das vendas de produtos de casa, e 38% das vendas de todos os “assentos de vasos” no Japão em 1997. Allen Chun, “Flushing in the future: the supermodern Japanese toilet in a changing domestic culture”, *Postcolonial Studies* 5 (2002): 159.

⁴Chun, p. 158.

⁵Anteriormente as mulheres sempre davam descarga nos vasos para mascarar os sons, e “Som de Princesa” foi desenvolvido para economizar água. Santosh M. Avvanavar; Monto Mani, “A conceptual model of people’s approach to sanitation”, *Science of the total environment*, vol. 390, issue 1 (2008): 9.

⁶George, p. 59.

⁷Julie L. Horan, *The porcelain God: a social history of the toilet* (Sun Lakes: Robson, 1996), p. 137.

⁸Richard Craze, *Feng shui: a complete guide* (London: Hodder & Stoughton, 1997), p. 4, 17-8.

⁹Arne Kalland, "Houses, people and good fortune: geomancy and vernacular architecture in Japan", *World Views: Environment, Culture, Religion*, vol. 3, n. 1 (1999): 46-7.

¹⁰Kalland, p. 35, 40.

¹¹Mary Douglas, *Purity and danger: an analysis of concepts of pollution and taboo* (London: Routledge, 2002), p. 50.

¹²Patrick McElligott, "Lecture on Japanese religions at Oak Hill College", 5 April 2008.

¹³Horan, p. 137.

¹⁴Chun, p. 154.

¹⁵Incluindo Alan Macfarlane, em *Japan through the looking glass* (Profile, 2007), p. 218.

¹⁶George, p. 51.

¹⁷Peter N. Lundell, "Behind Japan's resistant web: understanding the problem of Nihonkyo, *Missiology*, 23/4 (1995): 410.

¹⁸McElligott, “Japanese religions”, 2008.

¹⁹Macfarlane, p. 147.

²⁰Richard Keyes, “The idol factory”, in: Os Guinness; John Seel, eds., *No god but God: breaking with the idols of our age* (Moody, 1992), p. 45.